



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO (UNIRIO)
CENTRO DE LETRAS E ARTES (CLA)
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO DE ARTES CÊNICAS

LUANA PEREIRA LEITE CSERMAK

**ALFABETIZAÇÃO ESTÉTICA: A ESTÉTICA DO OPRIMIDO NA EDUCAÇÃO DE
JOVENS E ADULTOS**

São Paulo
2024



LUANA PEREIRA LEITE CSERMAK

ALFABETIZAÇÃO ESTÉTICA: a estética do oprimido na educação de jovens e adultos

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino de Artes Cênicas, do Centro de Letras e Artes da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, para obtenção do título de Mestra em Ensino de Artes Cênicas.

Orientação: Prof. Dr. Daniel Marques da Silva.

São Paulo
2024

FICHA CATALOGRÁFICA

LUANA PEREIRA LEITE CSERMAK

ALFABETIZAÇÃO ESTÉTICA: a estética do oprimido na educação de jovens e adultos

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino de Artes Cênicas, do Centro de Letras e Artes da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, para obtenção do título de Mestre em Ensino de Artes Cênicas.

Aprovado em:

Banca examinadora:

Prof. Dr. Daniel Marques da Silva (Orientador)
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO.

Prof. Dra. Antonia Pereira Bezerra

Prof. Dra. Carmela Correa Soares

À todas as alunas e alunos da EJA pela luta diária
pelo direito à educação.

AGRADECIMENTOS

Nesse momento de finalização desse processo e analisando toda a minha trajetória de estudos, agradeço primeiramente às três mulheres, fundamentais para a minha formação:

Em primeiro lugar: à minha mãe, Benedita Pereira Leite (*in memoriam*).

Em segundo, às minhas irmãs, Ana Claudia Pereira Leite Csermak e Andréia Cristina da Silva Gomes.

Agradeço ao meu companheiro, Licko Turle, que me incentivou a entrar nesse universo da pesquisa e me apoiou em todo o processo.

Ao Programa de Pós-graduação em Ensino de Artes Cênicas PPGEAC (UNIRIO) que, me oportunizou essa formação.

Ao meu orientador Prof. Dr. Daniel Marques da Silva e as professoras que aceitaram compor a minha banca de avaliação, na qualificação e na defesa, professora Dra. Antônio Bezerra Pereira e professora Dra. Carmela Correa Soares.

Aos meus professores do Programa PPGEAC/UNIRIO e o professor Dr. Flávio Desgranges do PPGSAC/USP.

À toda equipe da EMEB Anita Catarina Malfatti, em especial às professoras Regina Costa, Alessandra Lopes e Marla O'Hara e ao professor Vinicius Menna pela parceria durante os processos.

Aos estudantes da EJA por confiarem em mim e se permitirem a essa experiência.

Aos meus voduns e amigos encantados por me darem força nesse caminho.

E finalizando, à Augusto Boal, por ter existido nessa vida e ter nos deixado o seu legado em busca de um mundo mais justo e solidário.

Em defesa da arte e da estética em tempos de crise e de paz.
Augusto Boal



RESUMO

Este trabalho busca apresentar as considerações que levaram a realizar a experiência da aplicação da técnica, A Estética do Oprimido (AEO), de Augusto Boal, nas práticas de Ensino de Arte na Educação de Jovens e Adultos (EJA) realizadas na Escola Municipal de Educação Básica (EMEB) Anita Catarina Malfatti, do Município de Diadema –SP. Este experimento ocorreu tanto em modo virtual (durante a pandemia), quanto no presencial (após a pandemia) e teve como objetivo buscar práticas político - pedagógicas para o Ensino de Arte, que utilizassem a experiência de vida das (os) estudantes no seu contexto sociocultural. As teorias utilizadas além das de Augusto Boal foram, Paulo Freire e Flávio Desgranges. A metodologia utilizada foi a de Relato de Experiências, que teve como apoio o Curso de especialização *Estudos em Teatro do Oprimido: Práticas Político - Pedagógicas*, pela Universidade Federal da Bahia – UFBA, onde os facilitadores foram formados por Boal, no Centro de Teatro do Oprimido do Rio de Janeiro- CTO – Rio.

Palavras-chave: Educação de Jovens e Adultos. Ensino de Arte. Estética do Oprimido. Práticas Político-Pedagógicas. Teatro do Oprimido.

RESUMEN

Este trabajo busca presentar las consideraciones que se deben hacer a la experiencia de aplicación de la técnica La Estética del Oprimido (AEO), de Augusto Boal, en las prácticas de Enseñanza del Arte en la Educación de Jóvenes y Adultos (EJA) realizadas en la Municipalidad. Escuela de Educación Básica (EMEB) Anita Catarina Malfatti, del Municipio de Diadema – SP. Esta experiencia se desarrolló tanto de manera virtual (durante la pandemia) como no presencial (después de la pandemia) y tiene como objetivo buscar prácticas político-pedagógicas para la Enseñanza del Arte, que sean utilizadas en la experiencia de vida de los estudiantes en cualquier contexto sociocultural. . Las teorías utilizadas incluyen a Augusto Boalforam, Paulo Freire y Flávio Desgranges. La metodología utilizada fue el Informe de Experiencia, que cuenta con el apoyo del Curso de Especialización Estudios Teatrales del Oprimido: Prácticas Político-Pedagógicas, de la Universidad Federal de Bahía – UFBA, donde los facilitadores fueron capacitados por Boal, en el Centro de Teatro del Oprimido. En Río de Janeiro- CTO – Río.

Palabras clave: Educación de Jóvenes y Adultos. Estética del Oprimido. Teatro del Oprimido; Prácticas político-pedagógicas. Profesora de Arte.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Planejamento das Aulas 2 e 3 - EMEB Anita Malfatti	38
Quadro 2 - Planejamento para a aula síncrona	57
Quadro 3 - Relatório de Encontro Virtual	63
Quadro 4 - Conversa no WhatsApp - respostas a imagem do ônibus	68
Quadro 5 – Proposta do Exercício 8 no grupo de WhatsApp	70
Quadro 6 - formato da aula encaminhada na apostila	76
Quadro 7 - Respostas	77

LISTA DE FOTOGRAFIAS

Fotografia 1 - Foto-Resposta do aluno GV	40
Fotografia 2 - Foto-Resposta do aluno CL	41
Fotografia 3 - Foto-Resposta do aluno GS	42
Fotografia 4 - Foto-Resposta da aluna FR	43
Fotografia 5 - Fotos-Respostas da aluna ER	44
Fotografia 6 - Fotos-Respostas da aluna MM	45
Fotografia 7 - Foto-Resposta da aluna LC	46
Fotografia 8 - Foto-Resposta da ER	48
Fotografia 9 - Foto-Resposta da EA	48
Fotografia 10 - Foto-Resposta da GS	49
Fotografia 11 - Aula síncrona ALFA: Exercício com a imagem de Rosana Paulino	59
Fotografia 12 - Aula Síncrona ALFA: Jogos	60
Fotografia 13 - Processo com o bordado	82
Fotografia 14 - Registro das frases sugeridas em conversa	83
Fotografia 15 - Máscara da Resistência	84
Fotografia 16 - Declaração de Identidade	86
Fotografia 17 - Declaração de Identidade	87
Fotografia 18 - Declaração de Identidade (RG)	87
Fotografia 19 - Exercício Movimento premeditado	91
Fotografia 20 - Desenhando o próprio corpo	92
Fotografia 21 - Massa de modelar	93
Fotografia 22 - o que mais me impressionou nos últimos tempo?	94

Fotografia 23 - Sinestesia no papel em branco	95
Fotografia 24 - A Imagem da Hora – fazendo escova em suas clientes.....	97
Fotografia 25 - Homenagem à Magritte	98
Fotografia 26 - O Grande Jogo do poder.....	99
Fotografia 27 - O Jogo das imagens do poder.....	100
Fotografia 28 - Xadrez humano	102
Fotografia 29 - hipnotismo Colombiano	103
Fotografia 30 - Hipnotismo Colombiano	104
Fotografia 31 - Foto-resposta 1: O que eu mais gosto em ser mulher?.....	105
Fotografia 32 - Foto- resposta V: O que eu menos gosto em ser mulher.....	106
Fotografia 33 - Foto- resposta A.: O que eu mais gosto em ser mulher	107
Fotografia 34 - Foto- resposta A. O que eu menos gosto em ser mulher.....	108
Fotografia 35 - Foto- resposta S: O que eu mais gosto em ser mulher	109
Fotografia 36 - Foto- resposta S.: O que eu menos gosto em ser mulher	109
Fotografia 37 - Foto-resposta V.: O que eu mais gosto em ser Homem?	110
Fotografia 38 - Foto- resposta V.: O que eu mais gosto em ser homem?	111
Fotografia 39 - Imagem Ideal ou O Meu dia de folga!	112
Fotografia 40 - Sugando a imagem na projeção.....	113
Fotografia 41 - Sinestesia – Pintura – Eu não tenho descanso!	114
Fotografia 42 - Sinestesia Pintura – Dia de Folga – Homem.....	115
Fotografia 43 - Ensaio Teatro – Fórum – Poucas Palavras	151
Fotografia 44 - Aquecimento do público para a peça Fórum: Poucas Palavras.....	151
Fotografia 45 - Apresentação do Teatro Fórum : Poucas Palavras (cena: Mulher vai à escola)	152
Fotografia 46 - Apresentação da Teatro Fórum : Poucas Palavras (cena: Mulher sofrendo a agressão verbal do marido por ter retomado os seus estudos).....	152
Fotografia 47 - Professora Marla O’Hara fazendo a mediação do debate do Fórum: Poucas Palavras.....	153
Fotografia 48 - professores e elenco após a apresentação do \Teatro-Fórum:Poucas Palavras)	154

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Respostas dos Alunos: Exercício 4.....	51
--	----

Figura 2 - Respostas dos Alunos: Exercício 4.....	52
Figura 3 - Bandeira Coletiva - Colagem virtual	54
Figura 4 - Comunicado sobre o cartão alimentação	55
Figura 5 - Chamada para a Aula Síncrona.....	58
Figura 6 - Sapato pisando no sujeito	61
Figura 7 - Homem forte com uma mulher nos braços.....	62
Figura 8 - O entregador de IFOOD	62
Figura 9 - Cesta Básica.....	63
Figura 10 - Atividades adaptadas para a apostila	65
Figura 11 - Conversa no WhatsApp sobre a imagem da obra da artista Rosana Paulino	66
Figura 12 - Ônibus.....	68
Figura 13 - Aluno N. dentro do vagão do metrô	69
Figura 14 - Poema coletivo: O ônibus.....	71
Figura 15 - Poema Coletivo: Cesta Básica	72
Figura 16 - Conversa no WhatsApp sobre a imagem ‘Sapato pisando no sujeito’	73
Figura 17 - Resposta da Aluna D - atividade SUS	77
Figura 18 – Resposta do aluno A.O - atividade SUS	78
Figura 19 - Cadavre Exquis.....	80
Figura 20 - Registro Declaração de Identidade	81
Figura 21 - Divulgação do Circuito Cultural no Jornal AB focado em você	88

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	14
2. A ESTÉTICA DO OPRIMIDO: A BASE DO TEATRO DO OPRIMIDO	21
2.1. A Experiência com a Alfabetização Integral	21
2.2 O Sistema do To	23
1.1. A Árvore do To.....	24
1.2. A Estética do Oprimido	27
1.2.1. A Famosa Teoria dos Neurônios Estéticos	30
1.2.2. A Invasão Cérebros	33
3. MEMÓRIAS DE UMA PRÁTICA POLÍTICO - PEDAGÓGICA.....	36
a) Ensino Remoto	37
b) Ensino Híbrido.....	79
c) Ensino Presencial.....	88
4. MEMORIAL DESCRITIVO ACADÊMICO: PROJETO DE TEATRO FÓRUM COM ALUNOS DA EJA	117
a) A Técnica do Teatro Fórum	117
b) Relato da Experiência.....	122
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	134
REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA.....	136
APÊNDICE	138
APÊNDICE A - Texto Teatro-Fórum: Poucas Palavras - Teatro Fórum Antimachista ou Feminista	139
APÊNDICE B - Roteiro da Peça de Teatro - Fórum: Poucas Palavras.....	149
APÊNDICE C - Áudios para Roteiro Linkados	150
APÊNDICE D - Links do Espetáculo Fórum: Poucas Palavras.....	150
APÊNDICE E - Imagens do Espetáculo – Fórum : Poucas Palavras	151

1. INTRODUÇÃO

O Teatro do Oprimido, sistema teatral desenvolvido por Augusto Boal, é praticado em dezenas de países em todo o mundo, originalmente, criado para auxiliar a luta de classes e a opressão das ditaduras militares na América Latina. É aperfeiçoado na Europa durante o exílio do autor e retomado no Brasil em 1986 com a criação do Centro do Teatro do Oprimido do Rio de Janeiro (em atividade até o momento). Esse sistema é muito procurado porque propicia a visibilidade e a autonomia as pessoas que o praticam, independente da comunidade a qual pertencem como gênero, raça e classe social.

Atualmente, é utilizado em diversas áreas como: Arte, Ativismo, Meio Ambiente, Psicologia e Educação. Na modalidade Educação pra Jovens e Adultos, encontramos as pesquisas de Dimir Viana (2011), Danilo Dias Nardeli (2018), Robson Rosseto (2021).

O pesquisador Dimir Viana em sua dissertação *Teatro do Oprimido: Implicações metodológicas para a educação de adultos*, realizada na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), examina a aplicação do Teatro do Oprimido como metodologia para estudantes adultos da EJA. O estudo aborda a relação entre a Pedagogia do Oprimido de Paulo Freire e as técnicas teatrais de Augusto Boal, com o objetivo de promover um ambiente de reflexão crítica e de expressão artística entre os estudantes do Centro Pedagógico da UFMG. Já Danilo – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO avança a sua pesquisa para a Estética do Oprimido no município de Barra Mansa, interior do estado do Rio de Janeiro. Ele discute a utilização da Estética do Oprimido, desenvolvida por Augusto Boal, como ferramenta pedagógica em ambientes da EJA para fomentar uma educação mais crítica e inclusiva. Rosseto – Universidade Federal de Campina Grande – UFCG, em seu trabalho intitulado, *Contribuições do Teatro do Oprimido na Educação de Jovens e Adultos – EJA: Abandono, Retomada e Permanência*, essa pesquisa examina o papel do Teatro do Oprimido no engajamento de estudantes da EJA e na redução do abandono escolar. Através de práticas teatrais interativas, Rosseto explora como essa abordagem pode incentivar a permanência dos estudantes no processo educacional e fortalecer o senso de identidade e pertencimento ao grupo.

Este trabalho tem por objetivo aproximar o meu projeto de pesquisa (que tem como base a aplicação das teorias e exercícios da Estética do Oprimido) no Ensino de Arte na modalidade Educação de Jovens e Adultos (EJA).

Antes, gostaria de apresentar o caminho que percorri até chegar ao desenvolvimento desta pesquisa.

Meu nome é Luana Pereira Leite Csermak, sou aluna do Mestrado Profissional em Ensino de Artes Cênicas (PPGEAC) do Centro de Letras e Artes (CLA) da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). Este programa é voltado para professores e professoras de Artes Cênicas que atuam na Educação Básica. Nasci e cresci na periferia da zona sul de São Paulo, onde estudei em escola pública e, após a graduação, comecei a lecionar também em escolas públicas próximas da minha comunidade. Assim, as experiências dos meus alunos refletiam muitas vezes as minhas próprias vivências.

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) teve um significado especial, pois minha principal referência foi a minha mãe, que, apesar de não ter concluído seus estudos, experimentou o impacto transformador da EJA em sua vida. Mais tarde, quando passei a lecionar, tive como aluna uma amiga de infância que havia interrompido os estudos ao engravidar. Esse reencontro me fez refletir sobre os inúmeros desafios enfrentados por muitas mulheres para permanecerem estudando, tanto no ensino regular quanto em programas como a EJA e até mesmo na educação superior.

Minha trajetória na educação começou como uma forma de custear minha faculdade. Faço parte de uma geração em que as políticas públicas para inclusão no ensino superior ainda estavam em fase inicial, e, na área de Artes Cênicas, as oportunidades de estágio eram escassas e as políticas culturais quase inexistentes. A educação acabou sendo o caminho mais rápido e seguro para que eu conseguisse me sustentar, ainda que temporariamente, como era a intenção inicial.

Atualmente, trabalho há 17 anos como professora de Arte (Teatro) nas redes municipais de ensino de São Paulo (PMSP) e Diadema (PMD), atuando tanto no Ensino Fundamental regular quanto na EJA.

Segundo o último censo do IBGE, o Brasil possui 9,6 milhões de pessoas analfabetas ou 5,6% da população em 2022.

Sempre lamentamos que nos países pobres, e entre os pobres dos países ricos, seja tão elevado o número de pré-cidadãos fragilizados por não saberem ler nem escrever; o analfabetismo é usado pelas classes, clãs e castas dominantes como severa arma de isolamento, repressão, opressão e exploração. Mais lamentável é o fato de que também não saibam falar, ver nem ouvir. Esta é igual, ou pior, forma de analfabetismo: a cega e muda surdez estética. Se aquela proíbe a leitura e a escritura, esta aliena o indivíduo da produção da sua arte e da sua cultura, e do exercício criativo de todas as formas de Pensamento Sensível. Reduz indivíduos, potencialmente criadores, a condição de espectadores (Boal, 2009 p. 15).

Esta reflexão de Boal, funcionou como disparador para eu repensar as minhas práticas pedagógicas enquanto professora de Arte na modalidade EJA, na EMEB Anita Catarina

Malfatti, localizada no Município de Diadema no Estado de São Paulo.

De acordo com o censo do IBGE de 2022, a cidade de Diadema localizada na região do ABC Paulista, tem uma população aproximada de 393.237 mil habitantes, o levantamento também apontou que a cidade tem a segunda maior densidade demográfica do país com 12.795 habitantes por km². O perfil de nossas (o) estudantes na modalidade EJA de acordo com questionário realizado pela escola, são em sua maioria migrantes nordestinas (os), mulheres, operárias(os) da linha de produção das fábricas do entorno, auxiliares de limpeza, cozinheiras, motoristas (de aplicativo, caminhões e ônibus), cabeleireiras(os), trabalhadoras (os) informais, desempregadas (os).

Atualmente, encontramos algumas características peculiares quando comparamos o perfil das (os) aluna(o)s da EJA da década de 90 como a presença de jovens acima de 17 anos, que não foram alfabetizados por não se adaptarem ao modelo ortodoxo escolar proposto e a discriminação por homofobia como os principais fatores apontados como causa da evasão escolar.

Quanto aos grupos com qual trabalhei na turma da Alfabetização, eram formados, majoritariamente, por mulheres, acima dos 50 anos cujas profissões estavam atreladas a serviços de limpeza, cozinha, ou donas de casa e que, de acordo com alguns relatos, pararam de estudar por: sofrerem algum tipo de violência (física ou psicológica) na escola; necessidade de trabalhar na roça com os pais; sustentar a família; gravidez e casamento precoce (ficando à serviço de seus maridos e filhos) e a ausência de escolas nas cidades em que moravam. Uma delas, era libanesa que, embora já alfabetizada em seu país, queria dominar o idioma em português, assim o ensino formal seria a maneira mais acessível para dominar a língua.

A Modalidade da EJA é pouco contemplada nos documentos oficiais que normatizam a Educação no país como a Lei de Diretrizes e Bases - LDB, os Parâmetros Curriculares Nacionais - PCNs, a Base Nacional Curricular Comum - BNCC, assim como na elaboração de Materiais Didáticos.

Quanto ao Ensino das Artes na EJA, existe pouca literatura/pesquisas sobre práticas pedagógicas exitosas que auxiliem, nesta modalidade, o educador e a educanda no seu desenvolvimento cidadã e na compreensão da realidade através do senso estético.

Este vácuo prático-teórico despertou, em mim, o interesse de buscar novas práticas pedagógicas que propiciem o diálogo entre o Ensino de Arte e as especificidades da EJA. Considerando que, os cursos de Licenciaturas em Arte no Brasil ainda não oferecem formação adequada para os futuros docentes que venham a atuar diretamente nessa modalidade. Outro fator é a formação insuficiente ou baseada na cultura e pensamentos eurocêntricos para preparar

o profissional da educação de Arte nesta área, não respeitando as diferentes realidades de nossas (os) estudantes, impondo, ainda, que não intencionalmente, os próprios gostos estéticos.

Mesmo os espaços culturais, onde levamos os discentes – quando possível, para uma fruição artística fora do ambiente escolar, não são pensados para atender as diferentes realidades do público da EJA, dificultando o acesso e a acessibilidade ao conhecimento que a obra de arte produz.

Nesse mesmo período e pelos mesmos motivos, o Grupo de Estudos em Teatro do Oprimido - GESTO, do qual sou integrante, também migrou suas atividades e reuniões presenciais para o mundo virtual. Criou-se o GEVTO - Grupo de Estudos Virtuais em Teatro do Oprimido, coordenado pelo professor Dr. Licko Turle¹. O GEVTO passa a se reunir duas vezes por semana para estudar os livros sobre TO escrito por Boal. Em cada período de dois meses, fazíamos a leitura e os estudos de um livro diferente do teatrólogo, dentre eles, analisamos a obra “A Estética do Oprimido” (2009).

Nesta sua última publicação, Boal desenvolve a base do seu sistema – o Teatro do Oprimido – colocando a Estética na raiz da Árvore do TO explicando que a Palavra, a Imagem e o Som eram a base para a comunicação entre os seres humanos e suas possibilidades de representar o mundo. Mas, seus meios de produção estavam nas mãos de um pequeno grupo de privilegiados que os utilizam para se manterem no poder e difundirem suas ideologias. Por este motivo, a Estética do Oprimido propõe que todos deveriam se apropriar das suas produções para se defenderem das opressões dominantes da elite social.

Boal (2009, p. 132), define a Estética do Oprimido como: “A Estética do Oprimido é um método artístico que pretende ajudar a restaurar a ideia original e humanística de democracia diminuindo as distâncias entre base e o vértice”.

Ao perceber que AEO abrange as quatro linguagens artísticas, inclusive o teatro, decidi experimentar a sua aplicação (com adaptações para o perfil dos alunos) de maneira a atender a suas diferentes realidades durante a pandemia. Apresentei a proposta de trabalho à equipe gestora, à coordenação pedagógica e ao corpo docente da escola, que foi aceita e aprovada e iniciei o projeto com as turmas.

No mesmo período prestei o concurso e fui aprovada no curso de Mestrado Profissional do PPGEAC da UNIRIO. Entre as disciplinas que cursei, uma delas foi com o professor Dr. Flávio Desgranges “Dizer-se Público: entre a mediação teatral e o efeito estético” na Universidade de São Paulo – USP.

¹ Licko Turle, professor e pesquisador de TO, junto com outros Curingas e o próprio Augusto Boal, foi responsável pela criação do Centro do Teatro do Oprimido do Rio de Janeiro – CTO/RIO em 1986.

No primeiro encontro, o professor se apresentou falando do seu percurso, a sua relação com o Teatro e o que o levou a chegar à sua linha de pesquisa, relatando a sua experiência no Museu D' Orsay. Esta sua 'experiência' (que eu já havia lido em seu livro *A Pedagogia do Espectador na graduação*), tem influenciado, ainda hoje, as minhas práticas nas aulas de Artes, por suas indagações provocativas:

Como se estabelece a relação do espectador com a obra teatral? Essa recepção pode ser dinamizada? Que procedimentos utilizar visando provocar esteticamente a recepção? Como estimular o espectador a empreender uma atitude artística, produtiva, em sua relação com o mundo lá fora? Qual a importância de se pensar uma pedagogia do espectador? Como se estruturaria essa pedagogia na contemporaneidade? Como compreender o processo de formação de espectadores? Formar para quê, afinal? (Degranges, 2003 p. 17).

Essas questões sempre me motivaram no exercício pedagógico. Por ter crescido, estudado e ainda morar e trabalhar na periferia dos municípios de São Paulo e Diadema. Estas reflexões estão presentes, seja pela ausência ou pela presença precária dos equipamentos culturais nesses territórios, o que torna a escola o principal canal de acesso às diferentes experiências estéticas para a população local. Mas como colocá-las em prática para a sua validação?

De que forma as adaptar dentro de um contexto de sala de aula? E como pensar essas pedagogias de forma significativa para o público da EJA?

Tentando responder a essas questões, passei a experimentar a aplicação da “*A Estética do Oprimido*”, de Augusto Boal, que conheci no curso livre de Formação Básica em Teatro do Oprimido, realizado em janeiro de 2020 pelo Grupo de Estudos em Teatro do Oprimido - GESTO/ CNPQ da Universidade Federal da Bahia - UFBA. *A Estética do Oprimido* foi a última obra de Augusto Boal, publicada após a sua morte em 2009. É um conjunto de práticas artísticas (que mistura jogos, exercícios e o uso (ou não) de materiais que busca desenvolver, nas pessoas que a praticam, a capacidade de se perceberem artistas, produtores de sentidos - utilizando todas as linguagens artísticas e não apenas a teatral -, se reapropriando do uso da **Palavra** (escrever poemas, poesias, narrativas, etc.), do **Som** (criar instrumentos, sons, ritmos e melodias) e na **Imagem** (pintar, esculpir e fotografar, etc).

O professor Flávio Desgranges, desenvolve uma, linha de pesquisa voltada para A pedagogia do Espectador e Recepção, que para mim, se aproxima aos princípios e fundamentos do sistema do Teatro do Oprimido desenvolvido por Augusto Boal. O conceito de Debate Performativo, se refere a uma metodologia de discussão no teatro que busca promover uma troca ativa entre espectadores e artistas após a apresentação de uma peça. Esse debate não se

resume a uma análise passiva da obra, mas convida o público a participar de forma interativa, estimulando reflexões e diálogos críticos.

Para Desgranges (2020), o Debate Performativo visa ir além do simples "falar sobre" a peça: ele se torna uma extensão da própria performance, em que todos os participantes contribuem para a construção coletiva de sentidos e interpretações. Essa prática transforma o espaço do teatro em um ambiente de experimentação e participação democrática, onde as interpretações não são impostas, mas emergem através da interação e da troca de perspectivas.

Características principais do Debate Performativo:

1. **Interatividade:** O público é incentivado a compartilhar suas percepções e a dialogar com os artistas, questionando, comentando e trazendo novas leituras à cena apresentada.
2. **Cocriação de Significados:** Em vez de o artista explicar seu trabalho de forma didática, o debate permite que os significados sejam construídos em conjunto, respeitando a pluralidade de visões.
3. **Extensão da Performance:** O debate é pensado como uma continuação da peça, o que amplia o alcance da experiência estética e permite que os espectadores processem e ressignifiquem a obra.
4. **Descentralização da Autoridade Artística:** Essa proposta rompe com a hierarquia tradicional onde o artista é o "dono" do significado da obra. No Debate Performativo, o público é valorizado como parte fundamental da criação de sentido.

A proposta central desses encontros é a de desencadear no espectador o desdobramento e o reconhecimento da poesia que ele próprio, como (co)autor da obra, é instado a criar enquanto se relaciona com o espetáculo. Poesia que surge a partir dos significantes oferecidos pelo espetáculo e das sensações e afetos suscitados, das imagens inventadas, das memórias revisitadas, e do potencial de futuro surgido dos vislumbres estéticos e históricos de cada espectador-participante. Buscamos, por meio dos debates, fazer emergir e decifrar aspectos inquietantes da experiência receptora e produtora que surge da relação entre espectador e proposição artística. As produções cênicas dos espectadores carregam consigo todo um estilo de vida, toda uma concepção das relações sociais, uma ética pessoal e coletiva, que aí é posta em questão. Ou seja, não somente o espetáculo teatral está posto em debate, mas também o posicionamento de cada espectador em face das questões urgentes suscitadas a partir da proposição dos artistas. E o que surge daí pode nos colocar em confronto com a heterogeneidade dos elementos que participam da produção de subjetividades (Desgranges, 2020, p. 05).

Essa metodologia de Desgranges (2020), conecta-se com as ideias contemporâneas de teatro participativo e comunitário, que enxergam o teatro como espaço de formação crítica e de prática social transformadora, proporcionando novas maneiras de pensar a experiência teatral e

o papel do espectador. Assim como Boal, a proposta de Desgranges estão voltadas para o efeito do espectador.

Ambos, defendem um teatro que vai além da contemplação, aproximando-se de uma prática mais participativa e interativa. O *espect-ator* de Boal e o espectador coautor de Desgranges partem do princípio de que o público não é um mero receptor de significados, mas sim um agente ativo que constrói, questiona e redefine a narrativa junto com os artistas. Nos dois casos, há uma ruptura com o paradigma da plateia passiva e a criação de um espaço de diálogo e de transformação, seja através da intervenção direta na cena (Boal) ou da construção conjunta de sentidos (Desgranges).

Dessa forma, a interseção entre esses conceitos evidencia um teatro que provoca o pensamento crítico e a participação social, aproximando-se de uma prática artística engajada e dialógica, em que os espectadores exercem um papel ativo e reflexivo. Nos próximos capítulos vou demonstrar como apliquei essas ideias e conhecimentos.

2. A ESTÉTICA DO OPRIMIDO: A BASE DO TEATRO DO OPRIMIDO

2.1. A Experiência com a Alfabetização Integral

De acordo com o livro *Teatro do Oprimido* e outras poéticas políticas, em 1973 teve início no Peru um Programa Nacional de Alfabetização Integral – ALFIN. Liderado por um Governo Revolucionário de Velasco Alvarado², que pretendia erradicar o analfabetismo no país inspirado na metodologia de Paulo Freire. O país tinha um grande desafio, que era a variedade de línguas existentes entre as diferentes etnias dos povos originários, o que levou os organizadores da ALFIN a pensarem a alfabetização não só na língua espanhola, mas também em outras formas de comunicação tais como: Fotografia, Rádio Comunitária, Serigrafia, Bonecos e Teatro. Por isso, Alfabetização Integral.

Boal (2013 p. 123). ainda relata que para o projeto ALFIN, eram considerados os seguintes pontos essenciais:

1. alfabetizar na língua materna e em Castellano, sem forçar o abandono daquela em benefício desta;
2. alfabetizar em todas as linguagens possíveis, especialmente artísticas, como teatro, a fotografia, os títeres, o cine, o periodismo etc.

Sobre a linguagem, Boal reforça:

O domínio de uma nova linguagem oferece, à pessoa que a domina, uma nova forma de conhecer a realidade e de transmitir aos demais esse conhecimento. Cada linguagem é absolutamente insubstituível. Todas as linguagens se complementam no mais perfeito e amplo conhecimento do real. Isto é, a realidade é mais perfeita e amplamente conhecida através da soma de todas as linguagens capazes de expressá-la (Boal, 2013 p. 123).

Quanto a formação dos alfabetizadores, estes, eram selecionados na mesma região onde iriam alfabetizar. A alfabetização era feita em quatro etapas e de acordo com as especificidades de cada grupo social:

² Juan Velasco Alvarado foi um militar e político peruano, que atuou como presidente do Peru entre 1968 e 1975, liderando um governo militar após um golpe de Estado que derrubou o então presidente Fernando Belaúnde Terry. Nascido em 16 de junho de 1910, em Piura, Peru, Velasco foi comandante do Exército e se destacou por suas ideias nacionalistas e reformistas.

Velasco Alvarado é conhecido principalmente por seu programa de reformas chamado *Revolução Peruana*, que visava transformar a sociedade peruana por meio de um conjunto de políticas nacionalistas e socialistas.

1. Barraíadas ou Pueblos Jóvenes (que correspondem às nossas favelas);
2. Regiões rurais;
3. Regiões mineiras;
4. Regiões onde a língua materna não era o castelhano, e que incluem 40% da população. Destes 40%, metade está constituída por cidadãos bilingues que aprenderam o castelhano depois de terem dominado a língua materna indígena. A outra metade não fala castelhano (Boal, 2013 p. 123)

Neste trabalho Boal, relata a sua participação no setor de teatro e conta a sua experiência através de alguns relatos, mostrando como a linguagem teatral pode ser usado por qualquer pessoa, tendo ou não, “habilidades artísticas”, e como o teatro pode estar a serviço dos oprimidos.

Penso que todos os grupos teatrais verdadeiramente revolucionários devem transferir ao povo os meios de produção teatral, para que o próprio povo utilize à sua maneira e para os seus fins. O teatro é uma arma e é o povo quem deve manejá-la! (Boal, 2013, p. 123).

A experiência que irá levar Augusto Boal a pensar o Teatro do Oprimido, foi aquela que ele acompanhou no Setor de Fotografia. Nele, a educadora Estela Liñares adotava uma prática pedagógica que consistia na produção de Foto- respostas para a pergunta “O que é exploração para você?”.

Essa experiência dava ao educando a liberdade para ver a realidade a partir do seu ponto de vista e não pelo da educadora. O que possibilitava a eles não somente perceberem as diferentes realidades que os cercavam, como também refletirem sobre elas e modificá-las. Já para Boal, foi uma experiência que contribuiu para compreender, que assim como o meio de produção da fotografia era a máquina fotográfica, o meio de produção do teatro seria o corpo humano, instrumento capaz de produzir imagens, sons, palavras e gestos.

Baseado nesse princípio Boal, passa a sistematizar o seu método (incluindo os jogos, exercícios e técnicas que já havia realizado no Teatro de Arena) cuja sua principal essência é converter o espectador em ator, ou seja, espect- ator /atriz sujeito produtor do próprio discurso.

Para Boal essa conversão se dará em quatro etapas:

1. Conhecer o próprio corpo
2. Tornar o corpo expressivo
3. Teatro como linguagem

4. Teatro como discurso

Boal (1996) traz em seu fundamento três questões: “O que é o teatro?”, “O que é o ser humano?”, “O que é o ator?”. As reflexões de Augusto Boal e as várias técnicas que ele desenvolveu, estavam até o ano 2000, espalhadas em vários de seus livros. Até que nos laboratórios realizados no Centro de Teatro do Oprimido do Rio de Janeiro CTO - RIO, é desenvolvida a metáfora da Árvore do TO, onde as mesmas são reunidas. É ainda nesse período que Boal irá escrever o seu último livro, a Estética do Oprimido, onde irá ampliar a ideia “Todo mundo pode ser ator”, para “Todo mundo pode ser artista”.

Para Licko Turle, Boal retoma na Estética do Oprimido, as ideias que ele viveu no Programa ALFIN:

A experiência pontual propiciada pela Operação ALFIN, com Estela Liñares e os outros artistas que tentavam aplicar a Pedagogia do Oprimido de Freire através de linguagens artísticas para a alfabetização de adultos, foi tão marcante para Boal que ele a retomaria em 2001, com a equipe do Centro de Teatro do Oprimido do Rio de Janeiro. Segundo o cenógrafo Cachalote Mattos e o pedagogo Flávio Sanctum que participaram desta reedição da experiência, Boal compra máquinas fotográficas descartáveis e pede “foto-respostas” para os alunos de um projeto social chamado Mãos à Arte, financiado pelo governo brasileiro. Nele, os alunos fotografam suas próprias mãos trabalhando com técnicas de iluminação cênica, figurinos, cenografia. Estas fotos-respostas são analisadas por todo o grupo de alunos em reflexão coletiva, para a conscientização do uso do meio de produção teatral, que é o corpo humano. A partir daí, Boal começa a desenvolver uma série de novos jogos e exercícios baseados em várias linguagens artísticas dentro do tripé SOM-PALAVRA-IMAGEM, aos quais irá denominar “Estética do Oprimido”. Será esta a base da Árvore do Teatro do Oprimido (Boal, 2013, p. 15-16), título de seu último livro, publicado post-mortem, confirmando que ele manteve até o fim da vida o aprendizado da experiência do Peru vivo em sua memória, como raiz nutriente de seu método (Turle, 2016, p. 28).

2.2 O Sistema do To

Muitos países do mundo utilizam as técnicas do TO não somente nas artes, mas em interface em outras áreas como luta social e política, na psicoterapia, na pedagogia, na mediação de conflitos, nas diversidades etc. Sem perder o seu objetivo fundamental que é a luta dos oprimidos por meio do teatro, Boal começa a desenvolver o seu método quando passa a dirigir o Teatro de Arena em São Paulo em 1956, nessa fase ele cria uma Laboratório de Interpretação e o Seminário de Dramaturgia, o qual formou grandes referências da dramaturgia como: Jean Francesco Guarnieri e Benedito Ruy Barbosa. Nesse mesmo período, faz as primeiras experiências com o Teatro – Jornal no Teatro de Arena. Em 1971, em meio a Ditadura Militar, Boal foi preso e torturado por ser considerado “subversivo”. Assim que deixa a prisão, é exilado na Argentina, onde faz as suas primeiras experiências com o Teatro Invisível.

No Peru, em 1973 sistematiza o Teatro Imagem e o teatro – Fórum. No ano seguinte pública na Argentina, o livro *Teatro do Oprimido e Outras Poéticas Políticas* e após se exilar na Europa. Ainda no exílio em Paris, realiza o ateliê “O Tira na Cabeça” e em 1986 publica o livro com as técnicas do “Arco – íris do Desejo: Método Boal de Teatro e Terapia”.

Ao retornar do Brasil, é convidado por Darcy Ribeiro (à época, vice-governador de Leonel Brizola e idealizador do Programa Especial de Educação do Estado do Rio de Janeiro) para realizar nos Centros Integrados de Educação Pública - CIEPS o curso de Teatro do Oprimido, intitulado Fábrica de Teatro Popular para a formação de 30 Animadores Culturais; destes, cinco integrantes irão criar com ele, ao fim do projeto o Centro do Teatro do Oprimido do Rio Janeiro – CTO /RIO.

Em 1993 inicia o seu mandato na Câmara dos Vereadores da cidade do Rio de Janeiro pelo partido dos trabalhadores – PT. E junto com o CTO, desenvolvem a técnica do Teatro Legislativo. No início dos anos 2000, através de laboratórios com a sua equipe, irá desenvolver a Estética do Oprimido e interconectar todas as suas técnicas metaforizadas por uma árvore, inspirada no Cajuzeiro de Natal que havia visitado e se maravilhado com a grandiosidade da árvore.

1.1. A Árvore do To

A seguir vamos descrever a Árvore do Teatro do Oprimido, que é metáfora do método do Teatro do Oprimido, no qual a Estética do Oprimido está simbolizada na sua raiz.

a) Estética do Oprimido: Palavra, Som e Imagem

Na raiz da árvore se encontra a *A Estética do Oprimido* foi a última técnica desenvolvida por Augusto Boal e também o seu último livro, publicado após sua morte em 2009. Trata-se de um conjunto de práticas artísticas que combinam jogos, exercícios e o uso opcional de materiais. O objetivo é estimular nos praticantes a capacidade de se reconhecerem como artistas e criadores de significados, utilizando diversas linguagens artísticas além do teatro. O uso da Palavra (como na criação de poesias e narrativas), do Som (criando instrumentos, melodias e ritmos) e da Imagem (através de pintura, escultura e fotografia) permite a criação de obras de arte individuais ou coletivas, incentivando a conscientização política.

b) Jogos e Exercícios

Localizados no tronco da árvore, e responsáveis pela primeira etapa da conversão do espectador em espect.- ator/atriz os Jogos (já praticados desde o Teatro de Arena, em 1956), refletem duas características fundamentais da vida em sociedade: a necessidade de regras, essenciais para a convivência, e a liberdade criativa, que impede que o jogo e a vida se tornem apenas obediência servil. Como Boal coloca: “Sem regras não há jogo; sem liberdade, não existe vida” (Boal, 2014, p. 16). Além do simbolismo, os jogos contribuem para desmecanizar o corpo e a mente, alienados pela repetição das tarefas diárias, especialmente no contexto de trabalho e das pressões econômicas. Esses jogos são diálogos sensoriais que exigem criatividade, fundamental para sua essência.

c) Teatro Imagem

Ainda no tronco, O *Teatro Imagem* dispensa o uso da fala para desenvolver formas perceptivas alternativas, utilizando o corpo, expressões faciais, objetos, distâncias e cores para ampliar nossa compreensão de símbolos, onde significados e significantes se fundem. E estão na segunda etapa “Tornar o corpo expressivo”.

d) Teatro Fórum

Também faz parte do tronco, O *Teatro Fórum* é caracterizado pela participação do público, onde os espectadores, também chamados de “espect-atores/atrizes”, entram em cena para propor alternativas e soluções criadas por eles próprios, promovendo um diálogo direto.

e) Teatro Jornal

O *Teatro Jornal* está situado nas primeiras copas da árvore. Consiste em 12 técnicas que transformam textos jornalísticos em cenas teatrais, combinando imagem e palavra para revelar significados ocultos naquelas. Essa prática desmistifica a ideia de imparcialidade dos meios de comunicação e também revela notícias falsas (Fake News). Atualmente, o CTO tem denominado Teatro Mídia, por causa da veiculação de notícias pela internet.

f) Arco-Íris do Desejo

O Arco íris do Desejo que se encontra na segunda copa, consiste em técnicas introspectivas e prospectivas que empregam palavras e imagens, permitem encenar opressões internalizadas, mostrando como essas opressões têm raízes e relações profundas com a vida social.

g) Teatro Invisível

Localizado na terceira copa da árvore. Nesta técnica, as ações são ensaiadas e executadas em espaços públicos, mas de forma que os transeuntes não percebam que estão a assistir uma peça. Aqui, atores e espectadores compartilham um mesmo nível de diálogo e poder. O objetivo principal dessa técnica é provocar o debate público sobre temas considerados tabus na sociedade.

h) Teatro Legislativo

Na quarta copa encontramos O *Teatro Legislativo*. A técnica combina o Teatro Fórum com os rituais convencionais de assembleias, objetivando a criação de propostas de lei viáveis e coerentes vindas da população através da discussão provocada pela obra teatral apresentada nos bairros e comunidades.

i) Ações Concretas e Continuadas

Na última copa, encontram – se as Ações Concretas e Continuadas. Estas buscam teatralizar manifestações de protesto, marchas, procissões laicas, e outros atos de grupos organizados, usando elementos teatrais como máscaras, bonecos, músicas e coreografias. São formas de participação direta e contínua na luta por mudança social.

j) Multiplicação

Por fim, simbolizada por um pássaro em posição de voo, se encontra a *Multiplicação*. Ela é a expansão do Teatro do Oprimido, aumentando seu poder transformador ao interligar diferentes grupos oprimidos.

k) O Arsenal do Teatro do Oprimido

Boal entende o teatro como Arte Marcial (2013). Em *A estética do Oprimido* ele alerta que estamos vivendo uma guerra. Ele irá denominar o conjunto de jogos, exercícios e técnicas como Arsenal do Teatro do Oprimido.

No arsenal o autor diferencia o conceito de Jogos e exercícios:

1. *Exercício* é todo movimento que ajuda a pessoa a conhecer e explorar seu corpo em termos de estrutura, músculos e suas relações com a gravidade, objetos e o espaço ao redor. Ele funciona como um monólogo físico e introspectivo.
2. *Jogos*, por outro lado, focam na expressão do corpo em comunicação com outros, sendo extrovertidos e baseados em diálogos e interação. Para Boal, jogos e exercícios se misturam, diferenciando-se apenas na didática. Alguns jogos adaptam brincadeiras infantis, enquanto outros surgem da experiência prática.

Inspirado pela teoria de Stanislavski sobre o Método das Ações Físicas, Boal vê ideias, emoções e sensações como inseparáveis, de modo que um movimento corporal expressa pensamento e vice-versa. Assim, ele define cinco categorias de jogos-exercícios.

1ª Categoria: Sentir tudo que se toca

2ª Categoria: Escutar tudo que se ouve

3ª Categoria: Ativando os vários Sentidos

4ª Categoria: Ver tudo que se olha

5ª Categoria: A memória dos sentidos

Todo processo de Teatro do Oprimido se inicia pelos Jogos e Exercícios, independente da técnica que será aplicada. Cabendo ao facilitador selecionar de acordo com os objetivos que se deseja alcançar com cada grupo.

1.2. A Estética do Oprimido

A Estética do Oprimido que se encontra na base da Árvore, é a seiva do sistema que foi desenvolvido por Boal e seus Curingas do CTO – Rio, em formato de laboratório entre os anos 2000 a 2009. Tendo a publicação do livro “A Estética do Oprimido” meses após a morte de

Boal em 2009.

De acordo com alguns relatos colhidos de um dos curingas e coautores desse sistema junto com Boal, Cachalote Matos, menciona em sua oficina, que Boal costumava falar: “Estamos em uma terceira guerra mundial que se dá pela mídia”, Boal tinha noção, mas talvez não a dimensão de que suas suposições seriam cada vez mais intensas em um futuro próximo, compreendendo que estamos em 2024 e já estamos nas mãos da inteligência artificial.

“A castração estética vulnerabiliza a cidadania obrigando a obedecer a mensagens imperativas da mídia, da cátedra e do palanque, do púlpito e de todos os sargentos, sem pensá-las vir refutá-las sequer entendê-las” (Boal, 2009, p. 15). O que Boal questionava é que os meios de produção, da palavra, imagem e som (canais de comunicação entre os seres humanos) se encontram nas mãos de pequenos grupos que os utilizam para a manutenção de seus privilégios, veiculando as suas ideias e ideologias sobre a sociedade. Sua proposta é que os oprimidos venham a produzir as suas próprias narrativas através das suas próprias estéticas, e não somente, serem consumidores de discursos produzidos por aqueles grupos pertencentes a uma pequena camada privilegiada da sociedade que detém o poder e os meios de comunicação (Mídia).

O principal objetivo é dar condições aos oprimidos de se defenderem da “Invasão dos Cérebros” provocada pelas ideologias dominantes que leva a alienação do cidadão. Outro objetivo, é desenvolver técnicas, as quais possibilitassem ao oprimido realizar a sua própria produção estética dominando toda a cadeia produtiva que a envolve.

Se transportarmos esta reflexão proposta por Boal, para a Educação de Jovens e Adultos é possível entender que é necessário se pensar no acesso a linguagem estética como um direito inerente ao indivíduo para elaborar a sua subjetividade e defesa de sua cidadania. Logo, é fundamental que a estes alunos sejam ofertadas experiências estéticas, uma vez que, esse direito lhes foi negado durante a vida, pois desde cedo precisaram lidar com a realidade concreta, trabalhar ainda crianças, cuidar da família e até mesmo sobreviver em uma sociedade desigual. E essa realidade, como afirma Boal, torna esse indivíduo fragilizado e passível de influências de pensamento por meio de canais estéticos hegemônicos.

O analfabetismo estético, que assola até alfabetizados em leitura escritura é perigoso instrumento de dominação que permite aos opressores a subliminar invasão dos cérebros! As ideias dominantes em uma sociedade são as Ideias das classes dominantes, certo mas, por onde penetram essas ideias? Pelos soberanos canais estéticos da palavra da imagem e do som latifúndios dos opressores! É também nestes domínios que devemos travar as lutas sociais e políticas em busca de sociedade sem opressores e sem oprimidos. Um Novo Mundo é possível: a que inventá-lo! (Boal, 2009, p. 15).

No livro, “A Estética do Oprimido”, Boal (2009) propõe uma reflexão sobre dois tipos de pensamento, *Simbólico* e *Sensível*. Estas formas de pensamento, segundo o autor, são complementares e essenciais para a compreensão da estética, da arte e da cultura.

Logo de início, é discutida, a ideia do filósofo alemão Alexander Baumgarten, que defendia a existência de uma ciência do conhecimento sensível, a qual validaria o conhecimento proveniente dos sentidos, situando-se entre a sensação do sujeito e o objeto, entre a coisa e o pensamento. A estética, portanto, seria a relação entre sujeito e objeto, e o objeto de desejo depende da receptividade do sujeito, que pode ou não desejá-lo.

Boal discorda da visão de Baumgarten de que a sensação seria obscura e confusa. Para ele, a sensação, ao ser provocada por um objeto, pode despertar uma variedade de percepções que não necessariamente podem ser traduzidas em palavras. A dificuldade em expressar essas sensações verbalmente pode gerar confusão, mas isso não diminui a riqueza das percepções.

Para Boal Estética:

[...] É uma relação sujeito objeto, [...] O objeto de desejo depende do sujeito desejante para que possa ser desejado- quem se, não o é. [...] Sensação é rica e complexa, quando sentida como tal como é. Sendo provocada pelo objeto (coisa), pode causar diversidade de percepções em diferentes sujeitos, ou no mesmo sujeito em diferentes momentos. Pelas múltiplas possibilidades que oferece de ser traduzida em palavras, pode causar confusão. O que causa confusão, porém são as palavras que a traduzem não ela palavras são pensamentos simbólico, e os símbolos necessitam interlocutores concordes (Boal, 2009, p. 26).

Além disso, Boal aponta que a palavra, embora simbólica, precisa de interlocutores que a interpretem e a combinem. A arte e a cultura, nesse sentido, são manifestações concretas da estética. O autor argumenta que o conhecimento sensível não se limita a um simples registro de informações sensoriais, mas é dinâmico, organizando e articulando novas informações com as já recebidas, podendo gerar ações transformadoras.

Boal define a estética como a *Ciência do Pensamento Sensível*, um pensamento que pode ser expresso por palavras (pensamento simbólico), imagens e sons (pensamento sensível). Ele defende que o pensamento sensível é uma forma de pensar não verbal, que está carregada de significados, mesmo que se manifeste em palavras. Para ele, não podemos reduzir o pensamento à palavra; também pensamos com sons e imagens, mesmo que de maneira inconsciente.

Quero adotar a ideia de que existe uma forma de pensar não -verbal - *Pensamento Sensível* – articulada e resolutive, que orienta o contínuo ato de conhecer e comanda a estruturação dinâmica do conhecimento sensível. Quero afirmar que, para serem compreendidos, mesmo quando são expressos em palavras são pronunciadas ou da síntese em que as frases são escritas – isto – é dependem do pensamento sensível. [...]

Coexistem em cada indivíduo, na sua percepção de mundo, O Pensamento Sensível e o Pensamento Simbólico, nutridos pelo Conhecimento simbólico e sensível (Boal, 2009, p. 27).

Essas formas de pensamento são complementares e poderosas juntas, elas permitem um entendimento mais completo do mundo. No entanto, segundo o autor, essas formas podem ser manipuladas por ideologias dominantes, que as moldam de acordo com seus interesses. Boal também defende que não existe uma única estética universal, pois as sociedades são divididas em classes sociais, etnias, religiões e outros grupos com interesses e experiências próprios.

Por fim, Boal defende a ideia de que a apropriação do pensamento sensível é fundamental para a libertação dos oprimidos. Ele acredita que o pensamento sensível, que gera arte e cultura, amplia a capacidade de conhecimento das pessoas. Para que haja uma verdadeira democracia, é essencial que os cidadãos sejam conscientes da realidade em que vivem e das formas possíveis de transformá-la, utilizando tanto o pensamento simbólico quanto o sensível.

O pensamento sensível, que produz arte e cultura, é essencial para a libertação dos oprimidos, amplia e aprofunda sua capacidade de conhecer. Só com cidadãos que, por meios simbólicos (palavras) e sensíveis (som e imagem), se tornam conscientes da realidade em que vivem e das formas possíveis de transformá-la, só assim surgirá, um dia, uma real democracia (Boal, 2009, p. 16).

Baseada nesses princípios sugeridos por Boal, é preciso ressaltar a importância do Ensino de Arte na Educação Básica, que historicamente é vista como um conhecimento inferior ou menos importante em detrimento de outras áreas do conhecimento que abrangem o sentido da Noética³, ou seja, percebido pela inteligência racional como por exemplo a valorização das áreas de conhecimento Matemática e Português.

[...] É pela Posse da palavra, da imagem e do som que os opressores oprimem antes que o façam pelo dinheiro e pelas armas. Temos que reagir contra todas as formas de opressão. Essa luta deve se dar, também, nesses 3 importantes campos de batalha do pensamento sensível. Temos que reconquistar a Palavra a Imagem e o Som (Boal, 2009, p. 40).

1.2.1. A Famosa Teoria dos Neurônios Estéticos

Boal expõe a teoria de que o cérebro humano, em formação constante, é invadido por estímulos do mundo exterior, essenciais para o desenvolvimento da vida psíquica. Sem os

³ Refere-se ao estudo e investigação dos fenômenos da mente e da consciência, focando-se especialmente em experiências e percepções que vão além da compreensão racional ou sensorial comum. Derivado do grego *noesis* (νόσις), que significa "pensamento" ou "intuição", o termo é frequentemente associado ao conhecimento intuitivo, a experiências de transcendência.

estímulos sensoriais, o cérebro seria um vazio, sem som, sem imagem e sem sensação. A partir desses estímulos, os neurônios criam redes neurais, especializando-se conforme os estímulos exteriores repetidos, e as sinapses formam zonas de encontro entre os neurônios, transmitindo informações por processos químicos e elétricos.

[...] vale repetir que, nem ainda formado o nosso cérebro em construção, o mundo exterior já o invade e abre caminhos, toma posições e estrutura o nosso universo psíquico. Sem essa invasão do mundo exterior- natural e social-, não haveria vida psíquica. Sem sons, o cérebro seria silêncio; sem imagens, trevas. No vazio vácuo insensível, sem toque, sem gosto, sem cheiro, neurônios seriam Breu. As sensações abrem caminhos pelos nervos competentes até o cérebro- lá se espriam. Deixam suas marcas e são marcadas pelo que lá encontram: memórias de outras sensações, ideias e emoções, em livres e complexas associações (Boal, 2009, p. 115).

Boal destaca que os neurônios possuem múltiplas funções, sendo capazes de armazenar, processar e transmitir sensações físicas, emoções e ideias. A Estética do Oprimido baseia-se no princípio de que os neurônios não são passivos, mas vivos e dinâmicos. A ativação desses neurônios estimula circuitos que interagem entre si, enriquecendo as funções cognitivas e emocionais. A imaginação, para Boal, é a memória transformada pelo desejo, e os circuitos neuronais, especialmente no córtex e no tálamo, são fundamentais para a criatividade e a imaginação humana.

O autor também defende que a arte, entendida como uma atividade estética, deve ser acessível a todos, independentemente de sua condição social ou habilidades artísticas, e que essa prática ativa os neurônios pluripotenciais, ampliando a sensibilidade e a inteligência. Boal propõe uma nova visão sobre arte, sem hierarquias, em que todos têm o direito de se expressar artisticamente, pois a arte é um atributo humano fundamental. O conceito de "Neurônios Estéticos" é destacado como sendo a chave para a expansão das redes sensoriais e cognitivas, que integram razão e emoção, e permitem a transformação do ser humano.

Os neurônios estéticos são os mais importantes do sistema nervoso porque neles os sentidos coexistem com a razão o concreto e o abstrato. A percepção estética incorpora razão e emoção, juízos e valores, não apenas sensações. Dada essa qualidade pluridimensional, a expansão dessas redes não se faz apenas por vizinhança ou semelhança, mas pode-se ampliar a todo o espaço cerebral e psíquico desde a mais remota memória até a mais complexa imaginação. Neurônios estéticos estimula o Pensamento Sensível e o Pensamento Simbólico, reforçam esta relação permitindo que o sujeito produza e compreenda metáforas (Boal, 2009, p. 118).

Outro importante conceito apresentado na Estética do Oprimido é o uso das Metáforas. Esse conceito é central, pois elas ajudam as pessoas a entenderem a realidade ao mesmo tempo

que oferecem uma nova perspectiva sobre ela. A metáfora, no sentido de "translação e substanciação", é o deslocamento de algo do seu contexto comum para um novo, dando a ele um novo significado. Esse processo permite criar imagens da realidade em diferentes substâncias, como pinturas e esculturas. A metáfora abrange todas as formas de arte – literária, visual, sonora e teatral – e explora estilos como parábolas, fábulas e alegorias. O processo estético cria metáforas, que são formas sofisticadas de conhecimento e facilitam a compreensão do mundo e das emoções. Segundo Boal, a arte deve provocar no espectador emoções e ideias semelhantes às sentidas pelo artista, despertando e ampliando a capacidade de interpretar a realidade.

Ele defende que todos possuem potencial artístico, mas poucos exercem essas capacidades. Para Boal, é essencial que cada pessoa crie sua própria arte e não apenas consuma obras de outros, pois isso permite uma compreensão mais profunda e pessoal do mundo. A produção artística, então, se torna um diálogo, enriquecendo tanto o indivíduo quanto a sociedade:

O produto artístico- obra de arte- deve ser capaz de despertar Ideias, emoções e pensamentos semelhantes aos que levaram o artista a sua criação. O processo estético desenvolve nossas capacidades perceptivas e criativas atrofiadas, aumenta o nosso poder de metaforizar a realidade.

Somos todos artistas, mas poucos exercem suas capacidades. Há que fazê-lo! Não podemos ser apenas consumidores de obras alheias porque elas nos trazem seus pensamentos, não os nossos; suas formas de compreender o mundo, não a nossa. Seus desejos, não os nossos. Elas podem nos enriquecer; mais ricos seremos produzidos, nós também, a nossa arte, estabelecendo, assim, o diálogo (Boal, 2009, p. 119).

É nesse aspecto que considero a importância da articulação da Estética do Oprimido na disciplina de Arte como um caminho possível para desenvolver a produção de metáforas e uma nova forma para compreender o mundo.

Durante as atividades com as estudantes percebo a princípio uma grande dificuldade para a produção de metáforas e conforme vão sendo estimuladas através dos jogos e técnicas da Estética do Oprimido, vão se desenvolvendo e expandindo a leitura de mundo sobre a realidade que as cercam.

O exercício, Histórias Sonoras, que se utiliza materiais recicláveis separados por famílias como: madeira, metal, vidro, plástico, papel. Explora-se possibilidades sonoras de acordo com a característica de cada material, cria-se coletivamente ritmos, partituras sonoras e narrativas. Foi aplicado o exercício com a turma de alfabetização, em que cada uma das estudantes ao contar a suas histórias através dos sons produzidos pelos lixos, iam correlacionando a suas memórias e as suas experiências de vida. Uma das estudantes que era

pernambucana, lembrou da sua experiência quando jovem, Ela trabalhava na roça e todos os dias enchia as cabaças com a água do açude e as colocava em um caçua que era apoiado no cavalo e fazia a entrega da água para o fazendeiro que era o seu patrão. Ela reproduziu sonoramente essa história com o material, enquanto as outras estudantes de olhos fechados escutavam os estímulos sonoros feitos. Ao final do exercício em uma roda de conversa, todas elas, que também haviam sido trabalhadoras rurais, ao ouvirem a produção da estudante tiveram a mesma produção de imagens e memórias afetivas.

“Faz parte da nossa estética criar condições para que os oprimidos possam desenvolver sua capacidade de simbolizar ver fazer parábolas e alegorias que lhes permitam ver a distância e a realidade que deve modificar” (Boal, 2009, p. 122). A Sinestesia, também é uma outra prática presente no método da Estética do Oprimido. Segundo Boal:

[...] Sinestesia é a percepção simultânea de sensações diferentes ou tradução de uma sensação em outra. Ao ver um quadro ou foto, escrevemos um poema ou texto inspirado nessa foto ou quadro. Ao ler um poema, inventamos música. Ouvindo música, pintamos sons. Toda atividade sinestésica estimula a totalidade da atividade psíquica. Exemplo: escolhe – se uma palavra que nos provoque uma certa emoção. Distribuem – se as palavras e cada participante deve escolher um outro meio para representa-la: um som musical, dança, quadro ou uma pequena escultura (Boal, 2009, p. 206).

1.2.2. A Invasão Cérebros

Augusto Boal critica o efeito da violência nos filmes e na TV, argumentando que ela infantiliza o espectador ao recriar o medo e o desequilíbrio emocional que lembram os primeiros meses de vida, nos quais o bebê enfrenta o mundo com espanto. Ele afirma que essa estratégia gera espectadores passivos e vulneráveis à influência dos donos dos meios de comunicação, que inserem suas próprias visões e interesses. Comparando esse fenômeno a uma "invasão de cérebros", Boal descreve como a mídia "bombardeia" o espectador com conteúdos violentos que moldam uma percepção do mundo repleta de agressividade e esvaziada de pensamento crítico, comprometendo a capacidade de reflexão e diálogo e, assim, a autonomia de quem assiste.

A usual violência dos filmes e da TV busca levar os espectadores ao medo e ao desequilíbrio emocional que se assemelham aos primeiros meses de vida do bebê diante do espanto que causa o mundo [...] Esta infantilização do espectador é perigosa porque inculca no seu cérebro passivo um mundo virtual fabricado pelos donos dos meios de comunicação com seus valores e interesses. Esta é a forma mais insidiosa de invasão, que, por si só, justifica urgente a criação e desenvolvimento, em todas as classes e grupos oprimidos de uma poderosa Estética (Boal, 2009, p. 148).

Quanto às TVs Boal crítica:

o extraordinário poder hipnótico da TV é levado ao paroxismo pelo frenético movimento da imagem. Sabemos que qualquer movimento é atraente por causa da sua imprevisibilidade. Todo movimento cria suspense. [...] . A tv, aleivosa, utiliza esse fato biológico para confundir fazendo com que as suas imagens não demorem na tela, via de regra mais que alguns segundos fugidios. Não permitir que os telespectadores vejam as imagens que olham- esse é um princípio básico da hipnose televisiva: forçar o olhar sem ver. O olhar sem passar pela consciência, transporta ao cérebro a ordem: compre! (Boal, 2009, p. 150).

E assim ele defende: “É nesse campo de Batalha que se deve colocar a arte popular. Temos que ser aliados nessa guerra contra o eixo do discurso unívoco” (Boal, 2009, p. 153). Em uma entrevista concedida pela Curinga Bárbara Santos, coordenadora do Kuringa Berlin, ela menciona sobre a necessidade que Boal sentia, em construir uma metodologia que fosse capaz de desconstruir a estética hegemônica presente nas comunidades que atuavam:

Nossa insatisfação com o resultado das produções, especialmente das teatrais, era evidente. Nós percebíamos que as pessoas seguiam uma estética estabelecida, que era a estética do opressor. Então, na hora de fazer as peças, só existia uma estética que as pessoas com quem trabalhávamos conheciam: a estética da televisão. Para as pessoas da comunidade, teatro era como a novela, e elas queriam reproduzir exatamente o que viam na televisão.

Foi essa percepção que Boal começou a estimular: “Precisamos incentivar as pessoas a descobrir a sua própria estética”, pois essa imposição estética é uma forma de dominação. Se existe apenas uma maneira de representar o mundo, há muita complexidade nisso, pois a forma de representação da televisão não incluía as pessoas com as quais trabalhávamos. Era uma estética na qual elas não se encaixavam. Se olharmos as novelas de vinte anos atrás, vemos que os negros apareciam apenas como empregados, escravos, ou, simplesmente, não apareciam. Mas o nosso grupo era formado por essas pessoas que não faziam parte dessa estética, ainda que fosse a única estética que conheciam.

Para elas, a representação artística parecia algo fora do seu alcance, uma tradição que as excluía. Fazer uma peça no molde de uma estética em que não se encaixavam era como não ter subjetividade na representação. Então, uma das nossas preocupações era como estimular as pessoas a descobrirem uma forma de representação em que fossem protagonistas. Outra preocupação era libertar as pessoas dessa única maneira de fazer teatro, que é muito aprisionadora.

Além disso, o realismo da televisão também era exagerado, um “over-realismo”. Queríamos que as pessoas se livrassem dessa maneira de ver o mundo, porque a forma de representar o mundo reflete a forma de vê-lo, e eles viam o mundo como a “maneira Globo”, podemos dizer assim, já que a Globo é a maior produtora de novelas. E quando dizíamos “Não precisamos fazer assim”, queríamos explorar alternativas.

Começamos então a construir novos caminhos para descobrir possibilidades fora da peça teatral tradicional. Por exemplo, fazíamos imagens e criávamos poemas coletivos sobre qualquer tema, trabalhando intensamente com a palavra, o som e a imagem. Na palavra, fazíamos exercícios como escolher um tema e escrever juntos, desenvolvendo até técnicas para escrever um poema coletivo, dar-lhe ritmo, criar uma imagem para ele, pintá-lo. Era uma forma de abalar as convenções e criar novos modos de representação.

A motivação para a Estética do Oprimido nasceu dessa “pobreza” de representação. Eu costumo dizer que existem dois mundos dentro do Teatro do Oprimido: o mundo que abraçou a Estética e o mundo que seguiu pelo caminho tradicional. Nós paramos porque reconhecíamos que o que tínhamos não nos satisfazia. Quem continuou, penso

que talvez, em algum momento, sinta a mesma falta de algo (Santos, entrevista concedida em 01 de fevereiro de 2024).

Boal conclui que, por meio da arte, permitir que o cidadão questione e desconstrua certezas, hábitos e costumes enraizados. Seu objetivo é analisar cada ação e fato no contexto real, destruindo circuitos de pensamento que sustentam ideologias autoritárias e centralizadoras. Esta destruição é essencial para abrir novos caminhos de reflexão e ação. Boal defende que toda forma de poder autoritário é uma forma de violência, que se manifesta também por meio do espetáculo e da estética. Para ele, combater essa violência requer uma nova estética, uma "estética do oprimido", que age como um ensaio de revolução, ultrapassando o plano da arte para se concretizar na realidade.

Todo o poder autoritário é violência. [...] Como a violência pode se manifestar sem que seja exercitada? Pelo espetáculo, pela estética. Como se revela e pode ser combatida? Pela estética e pelo espetáculo, que se extrapola para a realidade onde se torna real e nela se completa. Uma nova estética é urgente. A estética do oprimido é um ensaio de revolução (Boal, 2009, p. 158).

Essa rápida apresentação de A Estética do Oprimido, buscou mostrar a sua localização na metáfora da Árvore do Teatro do Oprimido, suas principais teorias e a razão por que resolvi aplicar algumas de suas técnicas na modalidade de educação de Jovens e Adultos, uma vez que Boal propõe a alfabetização não só no Pensamento Simbólico e no Pensamento Sensível. No próximo capítulo, mostrarei como se deu a experiência na EMEB Anita Catarina Malfatti no Município de Diadema.

3. MEMÓRIAS DE UMA PRÁTICA POLÍTICO - PEDAGÓGICA

A pesquisa tinha por objetivo a investigação presencialmente a aplicação da Estética do Oprimido na Educação de Jovens e Adultos na EMEB Anita Catarina Malffatti. Porém, devido a prorrogação do período de isolamento físico e a permanência do trabalho remoto, foi considerado pertinente tentar compreender esse fenômeno tecnológico que nos atravessava, bem como a necessidade da busca de novas práticas, que pudessem aproximar essas(os) estudantes das atividades escolares, de maneira a atender as diferentes necessidades em meio a pandemia do vírus da COVID-19.

Conforme a flexibilização e a abertura da escola para o Ensino Híbrido, os encontros presenciais passaram a ser semanais, com atividades remotas quinzenais para aquelas(os) estudantes que ainda não podiam comparecer presencialmente.

A partir de 2022, retomamos o Ensino Presencial, dando continuidade a alguns processos (principalmente aos relacionados ao corpo e movimento) e, também, repetir algumas atividades realizadas de forma adaptada no Ensino Remoto, já que possibilitaria uma outra percepção da experiência.

Este capítulo procura relatar, de forma resumida, as minhas práticas pedagógicas na aplicação dos jogos e exercícios e técnicas do TO, com recorte na AEO e outros experimentos que realizei na disciplina Artes na Escola EMEB Anita Catarina Malfatti, na modalidade Educação de Jovens e Adultos do Município de Diadema no Estado de São Paulo, nesses três períodos - (considerando as adaptações necessárias para cada fase.

Para facilitar a leitura e dar melhor clareza ao texto, optei na escrita de um formato único para todas as atividades, com a seguinte sequência: **a)** nome/descrição do exercício/atividade; **b)** adaptação ou não para o remoto e híbrido; e, **c)** realização/elaboração.

Na letra ‘a’ só descrevo os jogos e exercícios que não foram publicados por Boal em seus livros ou são experiências que julguei importantes inserir, nos outros, faço a indicação bibliográfica da obra do Boal, livro e página. Já a letra ‘b’ está reservada para informar se houve ou não a necessidade de adaptação dos jogos e técnicas para o tipo de ensino. Por fim, a ‘c’ traz informações de como realizei a atividade e a elaboração com a turma, às vezes com a transcrição literal dos comentários dos e das alunas.

A elaboração ao fim de cada atividade é parte integrante do exercício para que a experiência corpórea se transforme em conhecimento individual e coletivo. É nesta letra que residem minhas reflexões sobre a eficácia ou não da AEO para atingir o objetivo proposto pela pesquisa: a alfabetização estética! Ou seja, a busca de uma alfabetização integral dialógica

entre alfabetizadora /alfabetizanda que leve esta última a desenvolver uma leitura de mundo com visão crítica utilizando não só o Pensamento Simbólico, mas, também, o Pensamento Sensível proposto por Boal. Para ilustrar a atividade e os comentários, insiro fotos e imagens de registro das práticas *in loco*.

a) Ensino Remoto

Seguindo as orientações da Secretaria Municipal de Educação de Diadema e em diálogo com a equipe docente da unidade escolar, foram adotados, para adequação do componente curricular do formato presencial para o remoto, os procedimentos abaixo:

- Criação de um grupo de WhatsApp para cada turma, constituído da diretora, da coordenadora pedagógica, e de duas vice-diretoras, além de mim e dos discentes;
- Produção de um vídeo de apresentação do professor para as alunas e alunos postado nos grupos de cada turma;
- Produção quinzenal de atividades a serem realizadas - tanto por suporte físico (materiais impressos que poderiam ser retirados na escola), como virtual (encaminhados via internet nos grupos de conversa por aplicativo);
- Produção quinzenal de áudios explicativos das atividades encaminhadas; - envio de links de espetáculos, shows, filmes, exposições virtuais;
- Conversas diárias com os grupos sobre as atividades;
- Proposições de atividades de criações coletivas e compartilhamento de suas reflexões.
- Envio bimestral de plano de aulas para a gestão escolar.

Abaixo compartilho um quadro de planejamento que apresentei à coordenação da escola como plano de atividade:

Quadro 1 - Planejamento das Aulas 2 e 3 - EMEB Anita Malfatti

EJA II				
MÊS	DISCIPLINA	OBJETIVO DE APRENDIZAGEM	DESCRIÇÃO DA ATIVIDADE PROPOSTA E ESTRATÉGIAS	RECURSOS UTILIZADOS
MARÇO	ARTE	✓ ESTIMULAR A EXPRESSÃO E A PRODUÇÃO ESTÉTICA DAS /OS ESTUDANTES A PARTIR DAS SUAS PRÓPRIAS REFERÊNCIAS, RFM COMO O COMPARTILHAMENTO DAS PRODUÇÕES REALIZADAS. ✓ ESTABELECER DIÁLOGOS E REFLEXÕES COM AS/OS ESTUDANTES SOBRE AS REALIDADES APRESENTADAS PELO GRUPO.	✓ FOTOGRAFAR O QUE MAIS GOSTA DO LUGAR DE ONDE VIVE. ✓ FOTOGRAFAR O QUE MENOS GOSTA DO LUGAR DE ONDE VIVE	✓ PORTAL DA EDUCAÇÃO; ✓ CONTATO COM O ESTUDANTE NO DIA DA ENTREGA DA CESTA DE ALIMENTOS E/OU VIA TELEFONE; ✓ REALIZAR A MEDIAÇÃO DESSAS PRÁTICAS POR MEIO DE ÁUDIO, PROVOCAÇÕES, QUESTIONAMENTOS E REFLEXÕES SOBRE O TEMA VIA WHATSAPP. ✓ ENTREGA DE ATIVIDADE IMPRESSAS

Fonte: Arquivo da Autora.

Práticas realizadas:

SEMANA 1

a) **Exercício 1 - BATIZADO MINEIRO:** Segunda categoria, primeira série exercícios e jogos de ritmo (Boal, 2005, p. 143).

b) Adaptação do exercício

Geralmente, no início de uma oficina de TO, são utilizados exercícios de apresentação, um deles é o Batizado Mineiro. Neste exercício, o grupo forma um círculo e cada uma das pessoas vai ao centro, fala o seu nome e, em seguida, coloca um adjetivo que começa com a letra ou sílaba do seu nome. Também, existe a variação falando o nome com ritmo e melodia.

Foi solicitado à turma que cada um: escrevesse seu nome no grupo de conversa ou enviasse um áudio com o seu nome e cantasse uma música que o apresentasse ou escolhesse ou fizesse uma composição musical que, por analogia, funcionasse como uma espécie de apresentação pessoal.

c) Realização/Elaboração:

1. As (o) estudantes realizaram este primeiro exercício postando:
2. Um cantou um áudio,
3. Outra aluna se apresentou, mas não se sentiu confortável em cantar, - outro mandou um vídeo do Youtube com a música que o representava.
4. Um deles relatou que é ex - presidiário e que havia se tornado evangélico e mandou um vídeo de louvor de uma cantora gospel chamada Damares, com uma música que descrevia a história de um vencedor que Deus levantou.
5. Alguns alunos deram o retorno a atividade relatando que vieram de outros estados como Pernambuco e Bahia e que começaram a trabalhar desde criança/jovem para ajudar a família.
6. Outro, disse que não era bom na escola, embora tivesse tido incentivo da família na sua fase escolar durante a infância

SEMANA 2

a) Exercício 2 - FOTO-RESPOSTA

Este exercício foi realizado, em 1973, pela fotógrafa Estela Linhares no Setor de Fotografia do ALFIN (programa de alfabetização baseado em Paulo Freire) e descrito por Boal como aquele que o fez descobrir (por analogia) que: “Se a máquina fotográfica é o meio de produção da fotografia, o corpo humano é o meio de produção do teatro!” (Boal, 2005, p. 124-128)”

O exercício, no Peru, consistiu em fazer a pergunta “**O que é exploração para vocês?**” e pedir que os alfabetizandos respondessem de forma não verbal e, sim, através de fotografias tiradas por eles próprios nos locais onde viviam ou trabalhavam. As máquinas fotográficas instantâneas foram entregues aos alunos que no dia seguinte levaram suas fotos-resposta e analisaram em grupo.

b) Adaptação do exercício:

Na adaptação para o modo remoto, solicitei as (os) estudantes da EJA que respondessem a pergunta “**O que você mais gosta do lugar de onde mora?**” E, que cada um respondesse

através de fotos-resposta tiradas de seus celulares e postassem no grupo.

c) Realização/Elaboração:

Na semana seguinte, as(os) estudantes postaram suas fotos-resposta e comentários no grupo de WhatsApp⁴, veja a seguir:

Fotografia 1 - Foto-Resposta do aluno GV

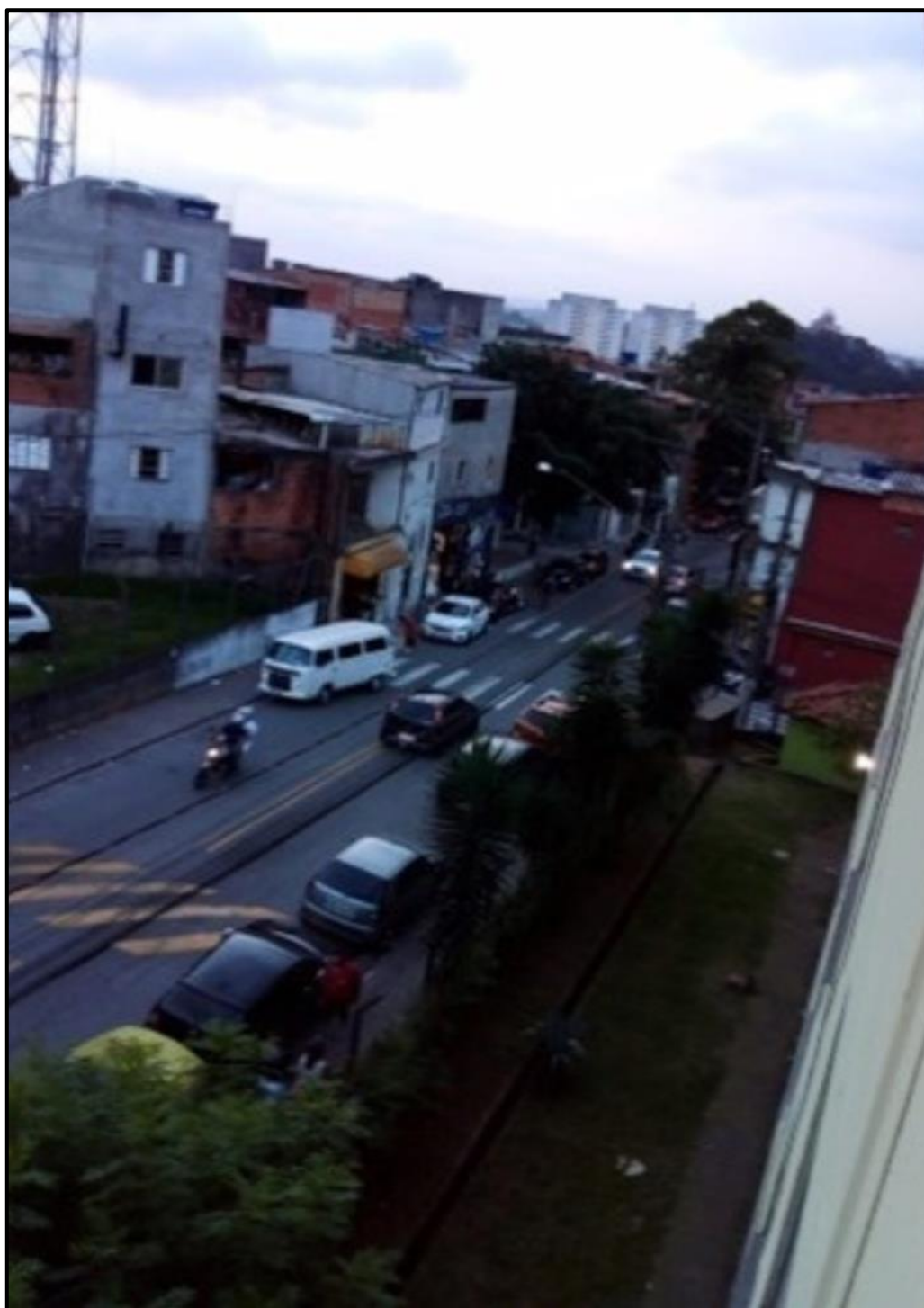


Fonte: Arquivo da Autora, 2021. Registro de GV.

⁴ Para preservação das identidades dos alunos, as imagens, a seguir, manterá somente suas iniciais.

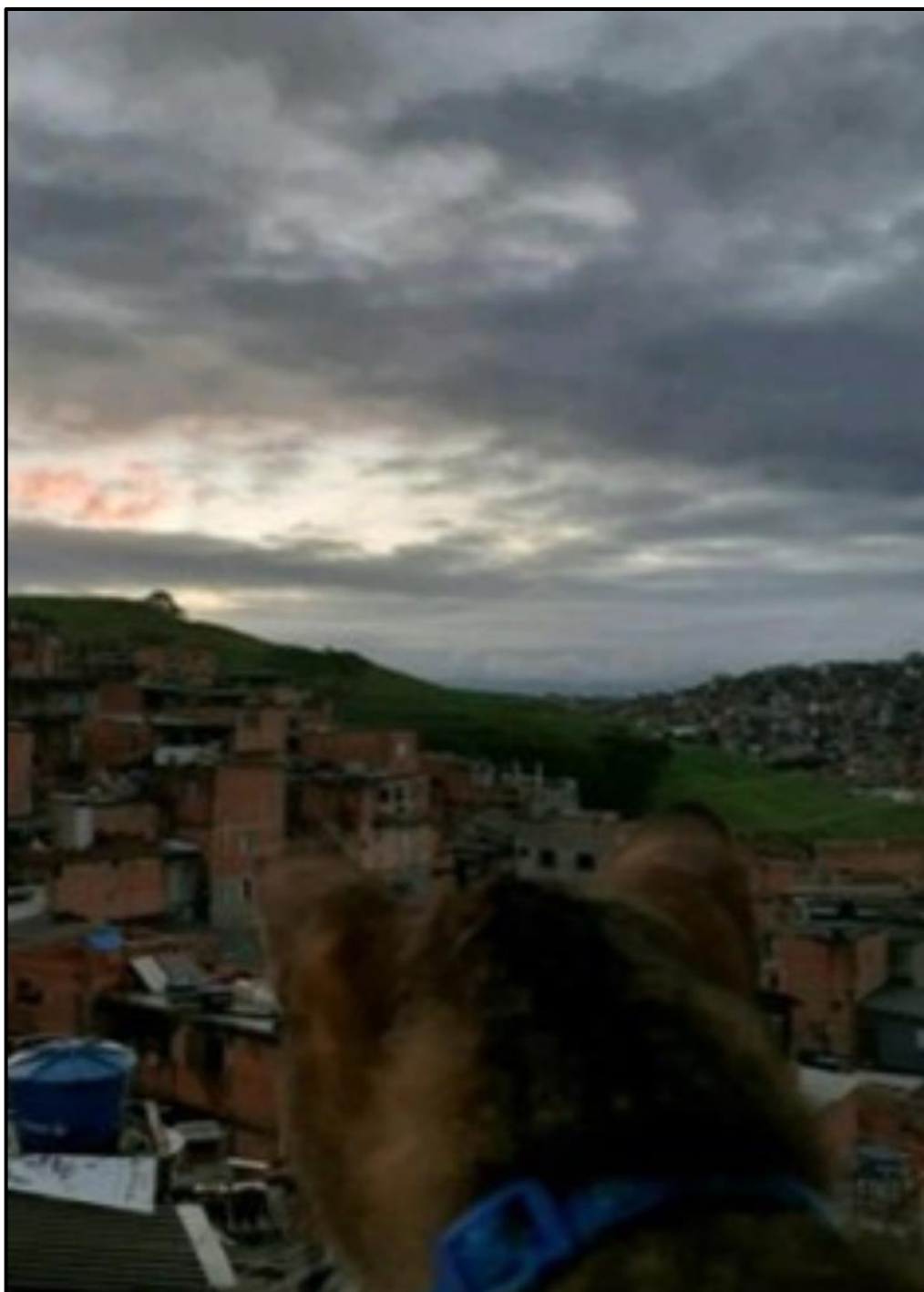
Comentário do aluno: *“Essa é a vista que eu mais gosto. É a vista da janela da minha casa. Olhando por ela, posso refletir sobre onde vivemos e o mundo em que vivemos ou até mesmo sobre meus pensamentos diários!”.*

Fotografia 2 - Foto-Resposta do aluno CL



Fonte: Arquivo da Autora, 2021. Registro de CL.

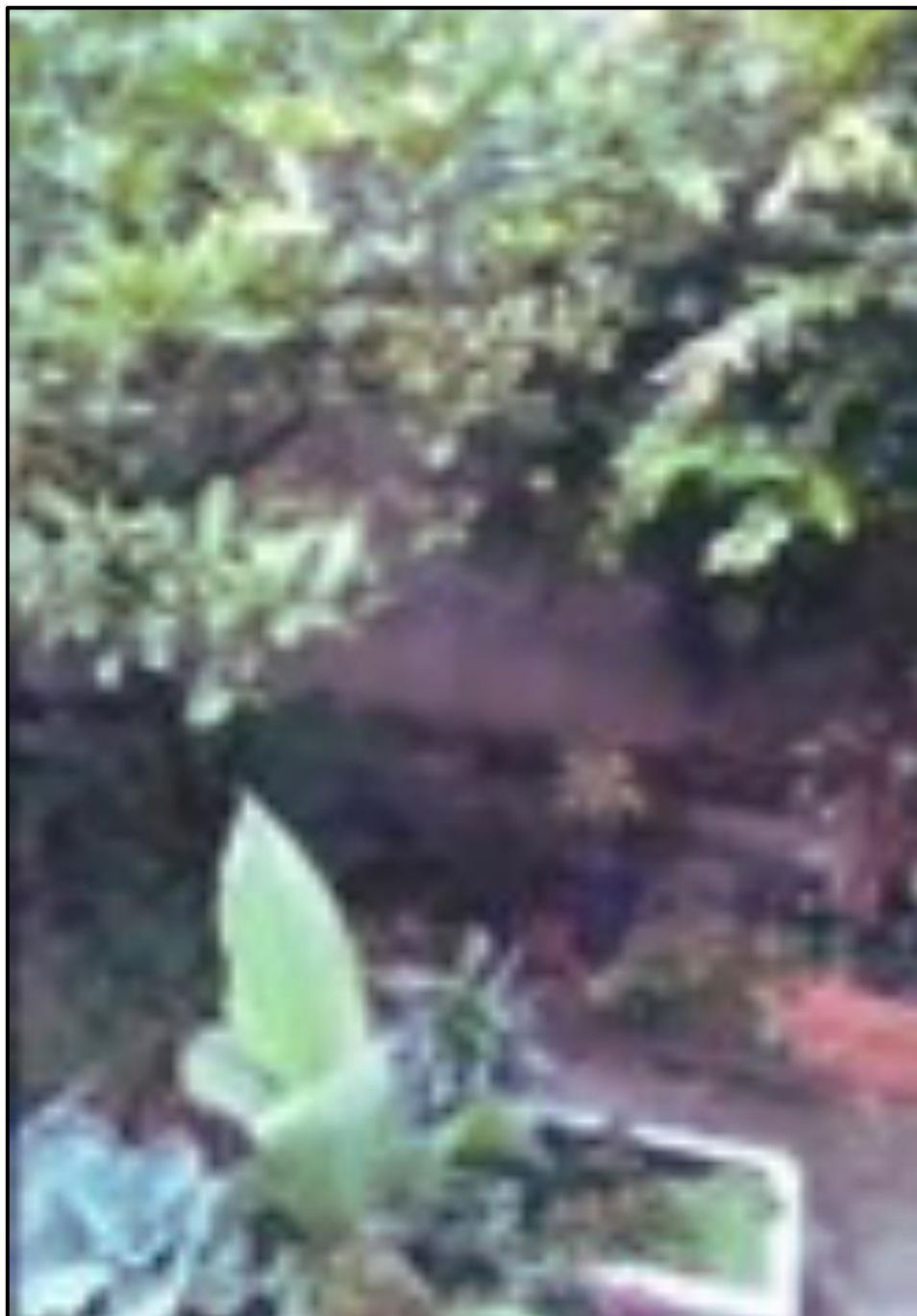
Fotografia 3 - Foto-Resposta do aluno GS



Fonte: Arquivo da Autora, 2021. Registro de GS.

Comentário do aluno: *“A parte que mais gosto do lugar onde moro é a vista”.*

Fotografia 4 - Foto-Resposta da aluna FR



Fonte: Arquivo da Autora, 2021. Registro de FR.

A estudante produziu um pequeno vídeo registrando o seu jardim, acima segue print da tela.

Comentário do aluna: *“A melhor coisa que tem até a natureza dentro da própria casa da gente amor plantas”.*

Comentário da professora: *“É uma boa observação, nos demos conta do quanto*

estamos isolados da natureza nesse momento de pandemia. Já perceberam que está cada vez mais difícil termos uma casa com quintal? E o quanto que uma rua arborizada é cada vez mais privilégio de bairros nobres?

Comentário de FR: *“É verdade professora” e escreveu outra vez: “Assim que eu chegar em casa, eu tiro foto das minhas plantas para você ver!”*

Comentário da professora: *“Ok, você pode também fazer a sua própria observação sobre o espaço em que vive. A temática pode ser outra também”.*

Comentário do aluno FR: *“Tá bom obrigado”.*

Comentário da professora: *“Nesse momento de pandemia, é muito difícil não dissociar a função pedagógica com o social”.*

Comentário da aluna ER: *“Olá professora eu achei uma imagem linda, e este espaço é importante pra todos nós alunos”.*

Fotografia 5 - Fotos-Respostas da aluna ER



Fonte: Arquivo da Autora, 2021. Registro de ER.

A estudante ER fez a produção de duas imagens, e a seguinte escrita⁵:

Comentário da aluna ER – “Essa imagem (é) da minha casa e onde eu (e) meu filho mora (moramos) dendê (desde) 1992 quando eu mem (me) casei é estamos tente (até) hoje e so (sou) pro obrigará (proprietária)”.

Fotografia 6 - Fotos-Respostas da aluna MM



Produção 1



Produção 2

Fonte: Arquivo da Autora, 2021. Registro de MM.

Comentário da aluna MM - *Minha tranquilidade é minha paz*

⁵ A aluna ainda está em processo de alfabetização. Entendi que deveria manter o seu relato de acordo com o original.

Fotografia 7 - Foto-Repоста da aluna LC



Fonte: Arquivo da Autora, 2021. Registro de LC

Comentário da professora: “Sobre a imagem acima, o que vocês pensam sobre a Praça da Moça?”

Comentário da aluna LC: “Em que sentido a senhora quer dizer?”

Comentário da professora: “Qual é opinião de vocês sobre esse espaço que existe na cidade de Diadema, costumam frequentar a praça?”

Comentário da aluna LC: *“É um dos lugares que dá vida à cidade, além de ser muito bonita. Não tenho o hábito de frequentar, mas vejo que é bem movimentada pela população e aos finais de semana vejo muitos pais com os seus filhos lanchando e observando as crianças se descontraem”.*

“É lindo, quando eu posso eu vou”.

“Esse espaço é bem aproveitado deveria ter outras praças também para ser aproveitado”.

Comentário da professora: *“Sim, eu também gosto bastante... vejo um espaço muito democrático, diferentes grupos convivem nele. As crianças que brincam com as suas famílias, os jovens que se reúnem com os amigos, os artistas que ensaiam e se apresentam... e tem a feira também, que é ótima! Mandem mais imagens pessoal, aqui somos todos artistas!”*

SEMANA 3

a) Exercício 3 - FOTO-RESPOSTA

Depois, na quinzena seguinte, foi feita nova pergunta para que apresentassem uma nova foto-resposta: **O que você menos gosta do lugar onde mora?**

b) Adaptação do exercício: idem a semana anterior

c) Realização/Elaboração:

Na semana seguinte, as estudantes postaram suas fotos-resposta no grupo de WhatsApp:

1) Ao responder a pergunta, uma estudante compartilha a foto-resposta que registrou, com a imagem de pessoas em situação de rua, dormindo com seus cobertores e alguns objetos sobrepostos como uma embalagem de comida e uma Bíblia. A estudante comentou sobre o aumento da miséria que percebia no seu bairro e estava preocupada com essa situação, conhecia pessoas próximas que estavam quase chegando nessa condição.

Fotografia 8 - Foto-Resposta da ER



Fonte: Arquivo da Autora, 2021. Registro de ER.

2) Outra estudante postou a imagem da esquina de uma das ruas do bairro vazia, que antes, era bastante movimentada, com a circulação de carros, ônibus, motos e caminhões. O comércio e transeuntes. A estudante comentou por áudio que sentia uma tristeza imensa ao sair para trabalhar e ver o vazio e o silêncio que havia se transformado durante a pandemia.

Fotografia 9 - Foto-Resposta da EA



Fonte: Arquivo da Autora, 2021. Registro de EA.

3) Outro estudante responde com a foto da janela basculante, em um quarto com a parede azul. O criador da fotografia comentou que havia aproveitado aquela janela retirada de um entulho e a reutilizado para a reforma do seu quarto alugado. Disse que sentia o ambiente fechado e como estavam em momento de isolamento social a janela melhorou a circulação de ar mas, como era só um basculante, não o permitia ver a paisagem da rua.

Fotografia 10 - Foto-Resposta da GS



Fonte: Arquivo da Autora, 2021. Registro de GS.

Podemos observar pelos comentários explicativos feito pelas alunas e alunos acima, que eles passaram de meros consumidores de discursos de terceiros para produtores de conteúdo a partir das suas próprias percepções sobre as realidades que viviam durante o período pandêmico. Percebe-se, ainda, a opinião e a visão crítica (subjetiva e objetiva) dos educandos sobre economia e saúde mental.

SEMANA 4

a) Exercício 4 – (RE)FORMANDO A FORMA PARTE – A Bandeira do Brasil

O exercício é realizado em três etapas, na primeira os participantes reproduzem a Bandeira do Brasil, tal como a conhece.⁶ Na segunda etapa é sugerido para que ressignifiquem a Bandeira do Brasil, trazendo novas contribuições simbólicas na perspectiva do Brasil e sua terceira e última etapa, a criação coletiva de uma Bandeira do Brasil do futuro.

Na primeira vez, reproduzindo com exatidão uma imagem conhecida. Pode ser a bandeira Nacional, por seu caráter emotivo e simbólico, o Pão de Açúcar ou Corcovado, a silhueta de uma garrafa de refrigerantes nociva a saúde [...] Algo familiar sobre o que se tenha uma opinião emotiva e intensa. O participante vê o que olha, reproduz seu modelo com o máximo de semelhança [...] Na segunda vez o participante deverá libertar a imaginação pintando o que quiser, de maneira a dar uma opinião emotiva e ideológica sobre o modelo” (Boal, ANO, p. 201).

Em janeiro de 2020, em Salvador, eu havia feito este exercício, como participante, na oficina de Estética do Oprimido facilitada pelo cenógrafo e Curinga do CTO, Cachalote Mattos, que entre outros Curingas, desenvolveu, com Augusto Boal os jogos e exercícios no decorrer dos experimentos para a construção de práticas que fundamentassem a Estética do Oprimido.

Ele aplicou o exercício em três etapas:

- 1 - **Na primeira etapa:** Cada participante deveria desenhar a “bandeira do Brasil “tal como a conhece e foi ensinada, incluindo as 4 cores verde, amarelo, azul e branco, em um papel tamanho A4, utilizando canetas hidrocor, lápis cera, lápis de cor, aquarela.
- 2 - **Na segunda etapa:** Cada participante deveria fazer, na sua concepção, a “versão” da Bandeira do Brasil de hoje, em um pedaço de tecido de 0,50 cm x 0,025 cm utilizando tinta plástica de parede. Um galão de tinta branca e tubos de corantes de diversas cores para a produção de diferentes matizes de cor. Pedes – se para evitar a expressão de símbolos conhecidos como coração, cruz.
- 3 - **Na terceira e última:** As participantes fariam coletivamente a “Bandeira do Brasil do futuro” em um tecido de algodão 2,00m x 1,00m. Cada participante deveria “pintar” o que gostaria de levar ou ver no futuro do país!

Observação: Uma roda de conversa deve ser realizada entre cada uma das etapas para reflexão e elaboração sobre as referências apresentadas e análise social sobre cada elemento apresentado. O objetivo desse exercício é compreender o que está, ideologicamente, por trás

⁶ Nessa descrição do exercício (Re)formando a forma na variação Bandeira do Brasil.

dos símbolos nas suas construções e propagandas.

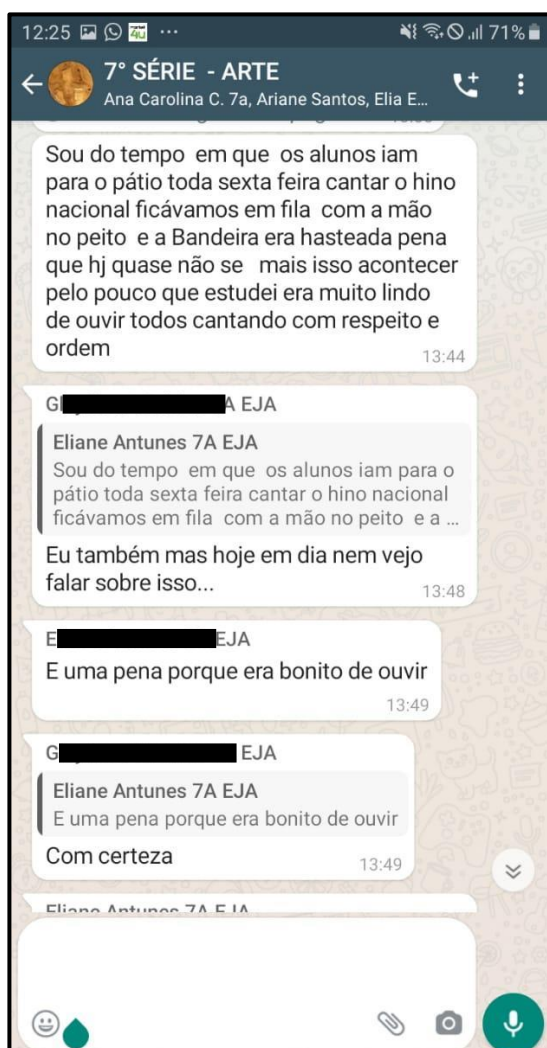
b) Adaptação do exercício:

Etapa 1 - Foi solicitado as (os) estudantes para que reproduzissem a Bandeira do Brasil, tal qual a conhecem e da maneira como quisessem. Poderiam desenhar, pintar, fazer colagens.

c) Realização /Elaboração:

Nesse período, devido ao isolamento social, muitos não tinham acesso aos materiais de arte, portanto, a materialidade do produto artístico, estava a critério das possibilidades de cada um. A turma postou as seguintes imagens:

Figura 1 - Respostas dos Alunos: Exercício 4



Transcrição das falas:

“EA: - sou do tempo em que alunos iam para o palco toda sexta – feira cantar o hino nacional. Ficávamos em fila com a mão no peito e a Bandeira era hasteada. Pena que hj quase não se (vê) mais isso acontecer pelo pouco que estudei era muito lindo de ouvir todos cantando com respeito e ordem

G.V: - Eu também mas hoje em dia nem vejo falar sobre isso...

E: È uma pena porque era bonito de ouvir.

G.V: Com certeza”

Fonte: Arquivo da Autora, 2021

Figura 2 - Respostas dos Alunos: Exercício 4



Fonte: Arquivo da Autora, 2021.



Fonte: Arquivo da Autora, 2021. Registro de GV.

Provoquei a/os estudantes com algumas reflexões sobre quais eram as suas cores, formas, representações simbólicas, e na opinião deles quais seriam os significados desses elementos. Perguntei se sabiam o porquê da frase “Ordem e Progresso” presente na Bandeira Brasileira⁷.

SEMANA 5

a) Exercício 5 – “RE FORMANDO A FORMA – PARTE 2: “O que eu penso sobre o

⁷ Todas as explicações foram encaminhadas por áudio. Via WhatsApp.

Brasil de hoje?”

b) Adaptação do exercício:

As (os) estudantes deveriam redesenhar a bandeira do Brasil utilizando representações que sintetizassem o pensamento sobre o Brasil nos dias de hoje. Podendo utilizar diferentes técnicas como pinturas, desenhos, colagens, fotomontagens e inserir diferentes elementos como imagens de revistas, livros, recortes de memes, notícias de jornal, poemas.

c) Realização/Elaboração: *Etapa 1I*

Foi solicitado as (os) estudantes para que criassem uma nova representação para o Brasil nos dias de hoje.

SEMANA 6

a) Exercício 6 - “(RE)FORMANDO A FORMA - PARTE 3 - “A Bandeira do Brasil do Futuro”

b) Adaptação do exercício

As (os) estudantes deveriam recriar a bandeira do Brasil utilizando representações que sintetizassem suas perspectivas sobre um Brasil do futuro. Nessa III Etapa do exercício, de acordo com os formatos das oficinas de TO, ela deve ser realizada coletivamente, portanto, em modo remoto, foi necessário fazer uma adaptação. Cada participante faria a sua representação individualmente e após a discussão de todas as imagens produzidas, fizemos uma colagem no mural virtual através do aplicativo Padlet⁸ Este mural foi apresentado para toda a rede municipal de educação de Diadema em um encerramento oficial de final de ano letivo em formato remoto.

c) Realização/Elaboração

Este mural foi apresentado para toda a rede municipal de educação de Diadema em um

⁸ *Padlet*: Plataforma online que permite criar quadros e projetos de aulas.

encerramento oficial de final de ano letivo em formato remoto. Abaixo, as imagens postadas pela turma reunidas em uma colagem virtual:

Figura 3 - Bandeira Coletiva - Colagem virtual



Fonte: Arquivo da Autora, 2021.

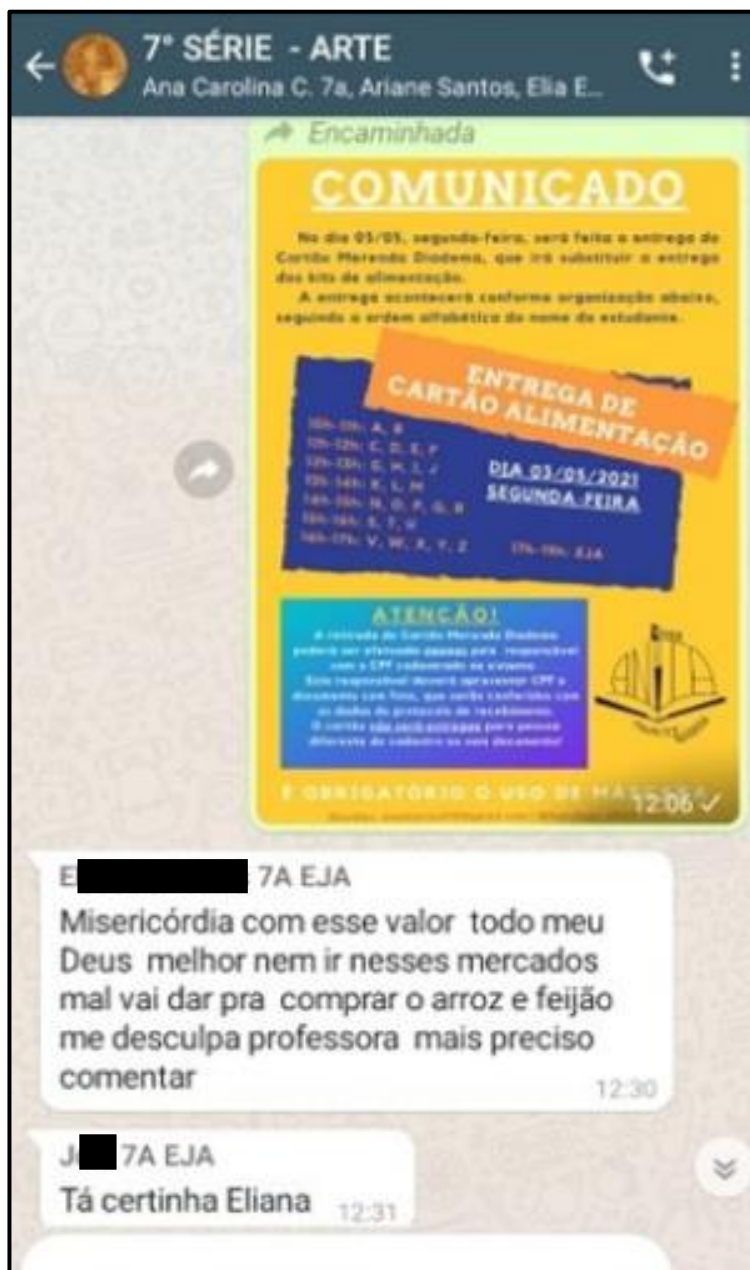
Interferência não planejada:

Quando o processo de dialogismo, mesmo virtual, estava se estabelecendo nas turmas, a gestão começou a enviar mensagens de entrega de cestas básicas, informes sobre a pandemia, formação em rede para os estudantes com temas transversais, calendários para entregas de materiais escolares, busca ativa de alunas e alunos no mesmo grupo de WhatsApp provocando uma ruptura em tudo construído até o momento, uma vez que as mensagens entravam imediatamente após um comentário sobre as postagens que solicitei.

Em alguns momentos tentei adequar os jogos e exercícios aos temas transversais para não perder o que havia sido conquistado, conforme a imagem abaixo, um comunicado sobre o

cartão alimentação gerou um interessante diálogo sobre os preços dos alimentos.

Figura 4 - Comunicado sobre o cartão alimentação



Fonte: Arquivo da Autora, 2021.

SEMANA 7

- a) **Exercício 7 - AULA SÍNCRONA: EXPERIMENTO DOS JOGOS E EXERCÍCIOS DO TO, O TRONCO DA ÁRVORE DO TEATRO DO OPRIMIDO ADAPTADOS PARA O FORMATO REMOTO.**

Neste momento, a gestão escolar realizou uma reunião virtual com o corpo docente com o objetivo de avaliar o processo das aulas remotas e pensar, coletivamente, em estratégias que aproximassem mais os estudantes da escola durante o período pandêmico. Uma das propostas apresentadas foi que cada professora organizasse uma aula síncrona com seus alunos. O maior obstáculo para a sua realização era a limitação de pacotes de dados da internet dos estudantes, uma vez que a maioria possui baixo poder aquisitivo. Isto inviabilizou o uso de plataformas de encontros ou reuniões virtuais como o ZOOM e MEET. Além disto, foi considerada a inabilidade com estas novas ferramentas tecnológicas tanto pelo corpo discente, quanto pelo docente. A solução foi fazer chamadas de vídeo pelo WhatsApp, apesar da limitação de apenas 8 (oito) pessoas por vez. Quanto a organização das salas virtuais, nos organizamos da seguinte forma:

Na rede municipal de educação de Diadema, a EJA é dividida em EJA 1 e EJA 2. A EJA 1 é dividida em dois segmentos:

- A) ALFA:** Com a duração de um ano letivo. Tem como objetivo trabalhar a alfabetização inicial e é regida por uma única professora de turma (responsável pelo processo de alfabetização). Neste segmento já atua o Professor da disciplina Arte.
- B) PÓS ALFABETIZAÇÃO:** Com a duração de um ano letivo. Nessa fase, a(o) estudante (que já possui algum domínio da escrita e da leitura), tem foco na interpretação de textos mais complexos e cálculos matemáticos. Assim como na Alfa, também é regido por uma única professora, contando também com a Professora de Arte.

No EJA 2: O ciclo é semestral, dividido por series (da 5ª à 8ª) e em sequência, o ensino médio. Cada série é dividida por diferentes professores de acordo com a área de conhecimento: Português, Matemática, Ciências, História, Geografia, Arte e Inglês.

A disciplina Arte é o único componente curricular que está presente nos dois seguimentos da modalidade EJA em Diadema. Daí, para realizar a proposta de organizar aulas síncronas com as turmas, precisava da parceria das colegas responsáveis pela Alfabetização, Pós-Alfabetização da EJA 1 e com a professora de português das turmas das 5ª, 6ª, 7ª e 8ª séries.

Nas reuniões virtuais de planejamento, iniciamos conversando sobre o momento pandêmico, e as dificuldades enfrentadas por nós, professoras, para lecionar de forma virtual e lidar com as novas tecnologias. Expliquei sobre o objetivo das minhas atividades, quem foi

Augusto Boal e porque eu considerava pertinente realizar esse trabalho com os e as alfabetizandas e contava com a parceria dos professores regentes de sala para trabalhar com a EJA 1 e com a professora de português para trabalhar com os grupos da EJA 2.

Quadro 2 - Planejamento para a aula síncrona

MÊS	DISCIPLINA	OBJETIVO DE APRENDIZAGEM	DESCRIÇÃO DA ATIVIDADE PROPOSTA E ESTRATÉGIAS	RECURSOS UTILIZADOS
JUNHO	ARTE/PORTUGUÊS	✓ MEDIAR JOGOS DO TEATRO DO OPRIMIDO DE MANEIRA ONLINE ATRAVÉS DE AULAS SÍNCRONAS, SE POSSÍVEL, UTILIZANDO DIFERENTES PLATAFORMAS. ✓ PROPICIAR MOMENTOS DE APRECIÇÃO ESTÉTICA ENTRE OS TRABALHOS APRESENTADOS, FACILITAR A EXPRESSAR POR MEIO DA PALAVRA E DO SOM AS PRÓPRIAS EXPERIÊNCIAS. ✓ ESTABELECE UM DIÁLOGO COM AS AULAS ABERTAS DA EJA	PROPOSIÇÃO COM IMAGENS QUE DIALOGUEM COM AS REALIDADES APRESENTADAS DURANTE O PROCESSO. ✓ SERÃO APRESENTADAS ALGUMAS IMAGENS QUE ABORDEM DIFERENTES TEMAS COMO: RACISMO, EXCLUSÃO, MACHISMO, PRECONCEITO, FALTA DE OPORTUNIDADE À EDUCAÇÃO, DESEMPREGO, EXPLORAÇÃO, PREÇOS ABUSIVOS, ETC...AS/OS ESTUDANTES DEVERÃO ESCREVER PALAVRAS QUE ATRIBUAM SIGNIFICADOS DE ACORDO COM A SUA COMPREENSÃO SOBRE AS IMAGENS. CONSTRUIR UM POEMA COLETIVAMENTE COM AS PALAVRAS E FRASES APRESENTADAS. ✓ CONSTRUÇÃO DE UM POEMA COLETIVO COM O USO DAS PALAVRAS APRESENTADAS. ✓ DIALOGANDO COM A AULA ABERTA DE FORMAÇÃO DA	✓ AULAS SÍNCRONAS ONLINE VIA WHATSAPP E MEETING. ✓ ESCOLHER UMA DAS IMAGENS PARA SER POSTADA NOS GRUPOS DE WHATSAPP DE PORTUGUÊS DE ACORDO COM AS SUAS REALIDADES APRESENTADAS. ✓ FAZER EXPLICAÇÃO POR ÁUDIO E ESTABELER O DIÁLOGO SOBRE AS SUAS IMPRESSÕES. ✓ ENTREGA DE ATIVIDADE IMPRESSAS

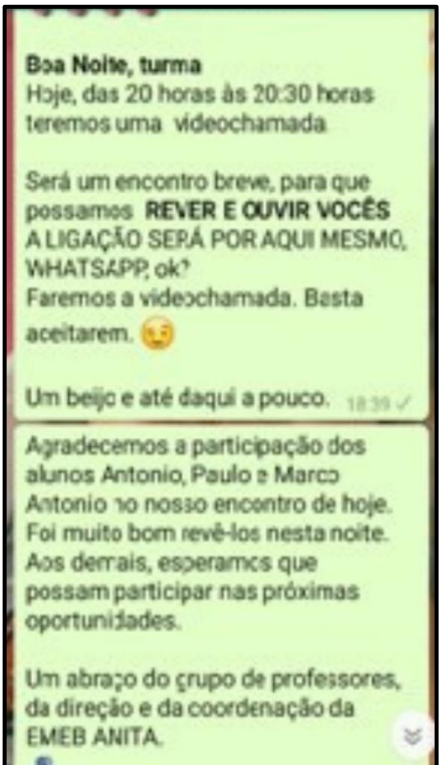
Fonte: Quadro Plano de Atividades AULA 7 – EMEB Anita Catarina Malfatti

Outro desafio encontrado foi em como adaptar as práticas dos Jogos de TO em formato remoto, era um debate que começava a se instaurar nos meios teatrais diante da necessidade de adaptação do momento. Coincidência ou não, eu estava inscrita no curso virtual Estudos em Teatro Negro que funcionava no mesmo modelo dos Estudos Virtuais em Teatro do Oprimido e Estudos de Teatros de Rua, ambos coordenados, também, pelo Prof. Dr. Licko Turle., o performer e professor da Universidade de Nova Iorque, Richard Schecnner, que foi amigo de Augusto Boal, ministrou uma aula online no curso Estudos em Teatro Negro na Pele Negra – Escola de Teatros Pretos e, respondendo à pergunta de Turle sobre sua opinião em relação as oficinas de teatro pela internet, observou que, diferente da forma presencial, cujo trabalho se dá por meio dos cinco sentidos como audição, olfato, paladar, tato, visão e audição, no mundo virtual somente os sentidos da visão e da audição podem ser ativados. Para ele, isto dificulta muito a realização de alguns jogos no Ensino do Teatro. Essa reflexão do professor Schecnner me fez pensar nas possibilidades de exercícios possíveis que pudessem se adequados a esse novo formato.

Na tarde do dia seguinte haveria aula online do GVTO e eu era da equipe de produção dos cursos de Teatro do Oprimido online realizados por alguns Curingas, como Bárbara Santos, Claudete Félix, Helen Sarapeck, Cachalote Mattos e Taiana Lemos! Nestes cursos vivenciei vários jogos que foram adaptados por eles para essa “nova realidade”, tais como: *Cruz e Círculo*, *O Contrário de Jackson* e *Ninguém com Ninguém* - exercícios muito conhecidos das oficinas básicas de Teatro do Oprimido e que fazem parte do Arsenal do Teatro do Oprimido. Essa experiência com o GVTO foram uma grande referência para que eu sentisse confiança em colocar em práticas os exercícios aprendidos de formato virtual.

No dia da aula síncrona, como orientadas pela secretaria municipal, utilizamos o aplicativo WhatsApp, mesmo com a limitação a 8 (oito) pessoas por encontro. Como éramos duas professoras (a responsável pela turma e eu) poderíamos receber somente 6 (seis) alunas(o). Além deste atendimento mínimo, o problema da falta de habilidade tecnológica e o uso de dados de internet fazia com que a conexão das alunas caísse com frequência e muitas, não sabiam como retornar à chamada. Assim, a aula síncrona reduzia a turma a duas ou até mesmo a uma aluna. As estudantes mais velhas, geralmente eram acompanhadas por algum familiar em casa que as ajudavam a manusear o aplicativo durante as aulas. Já os mais jovens, manuseavam melhor a plataforma *Meet* (essa era pouco usada, pois consumia o pacote de dados das/os estudantes).

Figura 5 - Chamada para a Aula Síncrona

	Transcrição das falas: <i>Boa Noite, turma</i> <i>Hoje, das 20 horas às 20:30 horas teremos uma videochamada</i> <i>Será um encontro breve, para que possamos REVER E OUVIR VOCÊS. A LIGAÇÃO SERÁ POR AQUI MESMO, WHATSAPP, ok? Faremos a videochamada, Basta aceitarem.</i> <i>Um beijo e até daqui a pouco.</i> <i>Agradecemos a participação dos alunos Antonio, Paulo e Marco Antonio no nosso encontro de hoje. Foi muito bom revê-los nesta noite. Aos demais, esperamos que possam participar nas próximas oportunidades.</i> <i>Um abraço do grupo de professores, da direção e da coordenação da EMEB ANITA</i>
---	--

Fonte: Arquivo da Autora, 2021.

No primeiro encontro, os e as estudantes disseram sentir “dificuldades nas aulas Arte, pois não se sentiam capazes de expressar”. Expliquei a eles e elas que era porque só conheciam ou haviam ouvido falar do conceito tecnicista nas aulas de Arte que tiveram (ou não) na fase escolar anterior e que iríamos fazer jogos muito divertidos e fáceis porque eram populares e conhecidos. E que iria ajudar no desenvolvimento da escrita e na leitura deles.

Devido ao nosso tempo limitado de apenas uma hora de duração, precisei selecionar algumas imagens para que não se estendesse tanto a proposta e pudéssemos dar sequência à atividade.

Pedi para que os professores regentes que me acompanhavam durante a aula síncrona, registrassem as palavras ditas pelos estudantes durante a leitura das imagens, ao final, juntamos as palavras e frases pronunciadas por eles, o que muitas, apenas com esses registros já identificávamos um poema construído.

Na sala da professora Regina e da professora Alessandra, devido a todos os imprevistos da internet, alguns alunos caíram, e acabamos ficando somente com uma

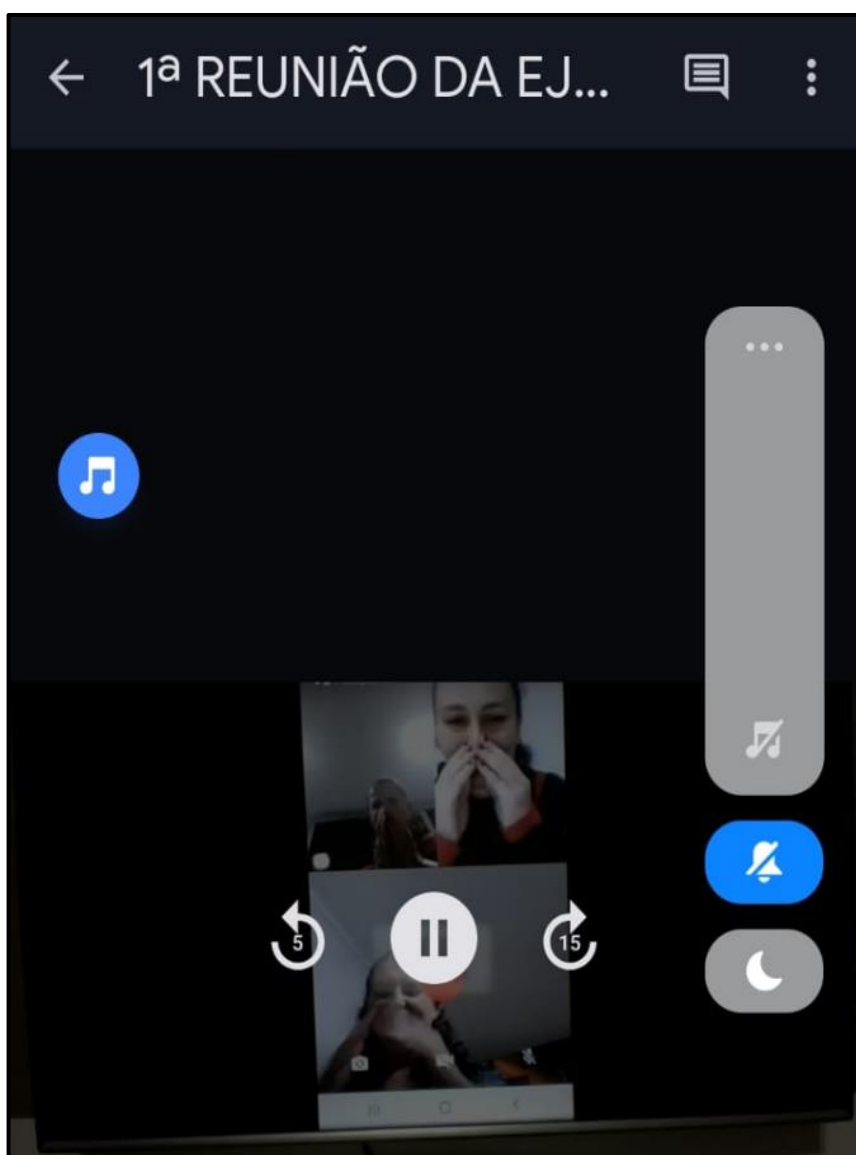
estudante, o que possibilitou um trabalho mais direcionado, procurando deixá-la confortável com a situação e se permitir ao jogo proposto.

Fotografia 11 - Aula síncrona ALFA: Exercício com a imagem de Rosana Paulino



Fonte: Arquivo da Autora, 2021.

Fotografia 12 - Aula Síncrona ALFA: Jogos



Fonte: Arquivo da Autora, 2021.

b) Adaptação do exercício:

Para exemplificar, descrevo a adaptação da Curinga Claudete Felix do jogo *Homenagem à Magritte – Esta garrafa não é uma garrafa* (da quarta categoria “Ver Tudo que se Olha”, Boal, 2005, p. 216). que, presencialmente, utiliza uma garrafa d’água de plástico vazia, uma cadeira e uma mesa, manipulados pelos participantes que devem, usando a memória e a imaginação, os utilizar de forma não usual atribuindo a eles novos sentidos. A Curinga, facilitando uma oficina virtual na plataforma Zoom, pediu que cada participante pegasse qualquer objeto que estivesse próximo e disponível. Algumas pessoas pegaram uma caneta e as transformaram em microfones, outras pegaram um caderno e transformaram em pandeiro ou

um porta-celular tornou – se uma gravata.

c) Realização/ Elaboração:

Seguindo a adaptação de Claudete, apliquei o jogo no modo virtual com as (os) estudantes da EJA 1 e EJA 2 em diferentes dias por meio de chamada de vídeo por WhatsApp. Percebi que, durante o exercício, as (os) estudantes tiveram, inicialmente, grande dificuldade em sair da concretude do objeto e estabelecer novas configurações e usos do mesmo.

Outro ponto que também ficou bastante claro, é que muitos tiveram dificuldade em atribuir significados as imagens mais metafóricas, como por exemplo, a do sapato pisando no sujeito, ou do homem forte com uma mulher nos braços.

Figura 6 - Sapato pisando no sujeito



Figura 7 - Homem forte com uma mulher nos braços



Tiveram mais facilidade com as imagens mais concretas como a da cesta Básica, do ônibus lotado e do entregador de IFOOD, porém poucos conseguiram identificar ou melhor, externalizar, a problemática dessa imagem, muitos compreenderam como um entregador em seu momento de descanso.

Figura 8 - O entregador de IFOOD



Figura 9 - Cesta Básica

Sobre a experiência da aula Síncrona, incluo o registro da professora Alessandra que me acompanhou nas aulas da EJA 2:

Quadro 3 - Relatório de Encontro Virtual**Relatório de encontro virtual - 6ª série****Professoras: Alessandra Lopes do Nascimento e Luana Csermak****Data: 18/05/2021**

Seguindo orientações da equipe gestora (direção e coordenação pedagógica), e em acordo entre os demais professores da EJA I e II, da EMEB Anita Catarina Malfatti, organizou-se um cronograma de encontros virtuais entre professores e alunos dessa modalidade, ao longo da semana de 17 a 21 de maio.

Entre os propósitos dessa interação virtual, havia a necessidade de manter o vínculo e mediar o contato entre eles e as informações da escola, promover a experiência de interação tecnológica, possibilitada pelo aplicativo de maior acessibilidade e familiaridade entre os alunos (WhatsApp), promover e mediar a atividade disparadora sobre o tema “Reflexões sobre Trabalho e Renda”, derivado do tema transversal, “Educação Financeira”. A proposta de atividade foi elaborada pela professora Luana e acompanhado pela professora Alessandra, coordenadora da sala.

O encontro foi comunicado aos alunos pelo grupo virtual da sala e também por meio do contato privado de cada um deles. No comunicado, informava-se data e horário do

encontro (18 de maio de 2021, às 20 horas, com duração aproximada de trinta minutos, mas que acabou se estendendo até às 21 horas aproximadamente nesse dia).

Na ocasião, três alunos participaram da ligação, a coordenadora Raquel, além das professoras. Os demais alunos não atenderam a chamada, mas se justificaram posteriormente, prometendo suas participações em outras oportunidades.

Após conversa informal com alunos, para acolhimento, buscamos levantar como eles estavam lidando com as aulas remotas, além de assuntos relativos ao cotidiano deles. Em seguida, a professora Luana iniciou a atividade de reflexão sobre o tema proposto, sob a perspectiva e objetivos da disciplina de Arte. A professora Alessandra acompanhou todas as comandas juntamente com os alunos, mediando também as reflexões necessárias e pertinentes a sua área. Foi um encontro no qual os alunos tiveram a chance de refletir acerca do tema corpo e movimento, de tal modo que fosse possível perceberem o quanto eles estavam voltados para as funções e hábitos do trabalho, desconsiderando as relações de movimento que pertencem ao indivíduo em sua totalidade, revelando sentimentos, emoções, experiências vivenciadas condicionando a uma (des)construção da personalidade e da identidade humanas. A atividade teve uma excelente recepção por parte dos alunos, que conseguiram realizá-la e, ao mesmo tempo, interagir, ainda que à distância, com as professoras e pares.

Infelizmente, por causa da limitação de recursos tecnológicos, alguns alunos não conseguiram manter a conexão estável e saíram do encontro. Contudo, o aluno que permaneceu até o fim, (Paulo), desenvolveu todas as etapas da atividade com bastante leveza, demonstrando satisfação, e, sobretudo, compreensão sobre os objetivos propostos pelo encontro.

Pretende-se elaborar, em outras oportunidades, o mesmo ambiente de acolhimento que foi alcançado nessa reunião, mas instituindo as adequações necessárias para que o alcance seja maior.

Sem mais,
Professora Alessandra (Português - EJA II) e Luana (Arte - EJA II)

Fonte: Arquivo da Autora.

SEMANA 8

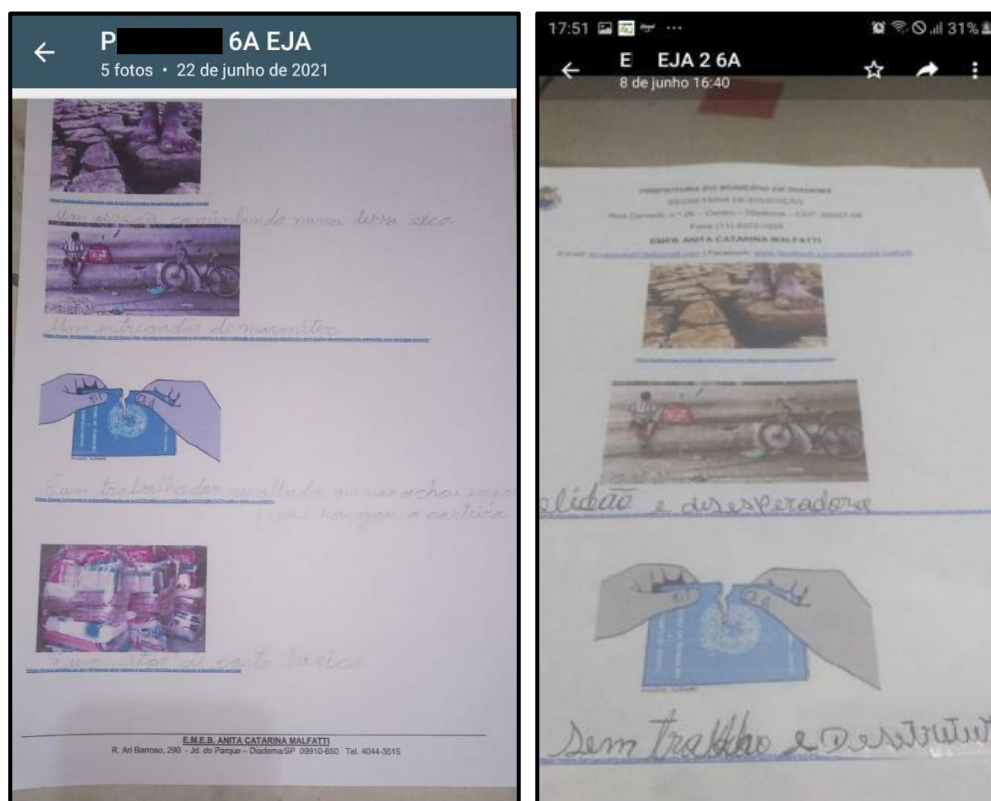
a) Exercício 8 - PROPOSIÇÃO COM AS IMAGENS.

Como proposta de uma sequência didática, me inspirei em um exercício apresentado pela pesquisadora em Teatro do Oprimido, Taiana Lemos, em uma aula virtual de forma síncrona promovida pelo GESTO. Na proposta de Taiana, foram apresentadas, algumas imagens e sugerido para que descrevessem com uma palavra o que elas significavam. Assim apliquei o exercício.

b) Adaptação do exercício:

A adaptação do exercício foi feita para ser realizada de forma assíncrona através de proposições encaminhadas individualmente nos grupos de WhatsApp, na apostila quinzenal que era elaborada por todos os professores com todas as disciplinas e postada no Portal da Secretaria Municipal de Educação de Diadema, para que a (o) estudante pudesse baixar ou retirar as suas impressões nas escolas. Quanto a esses materiais, os estudantes costumavam encaminhar as fotos das atividades realizadas ou após concluídas, entregavam nas escolas com agendamento para as entregas. Esse foi um recurso para tentar incluir a todos, principalmente, para aqueles estudantes sem celulares e com difícil acesso à internet, mas dificultava a interação com o grupo do WhatsApp para a realização da proposta de forma coletiva.

Figura 10 - Atividades adaptadas para a apostila



Fonte: Arquivo da Autora, 2021.

c) Realização/Elaboração

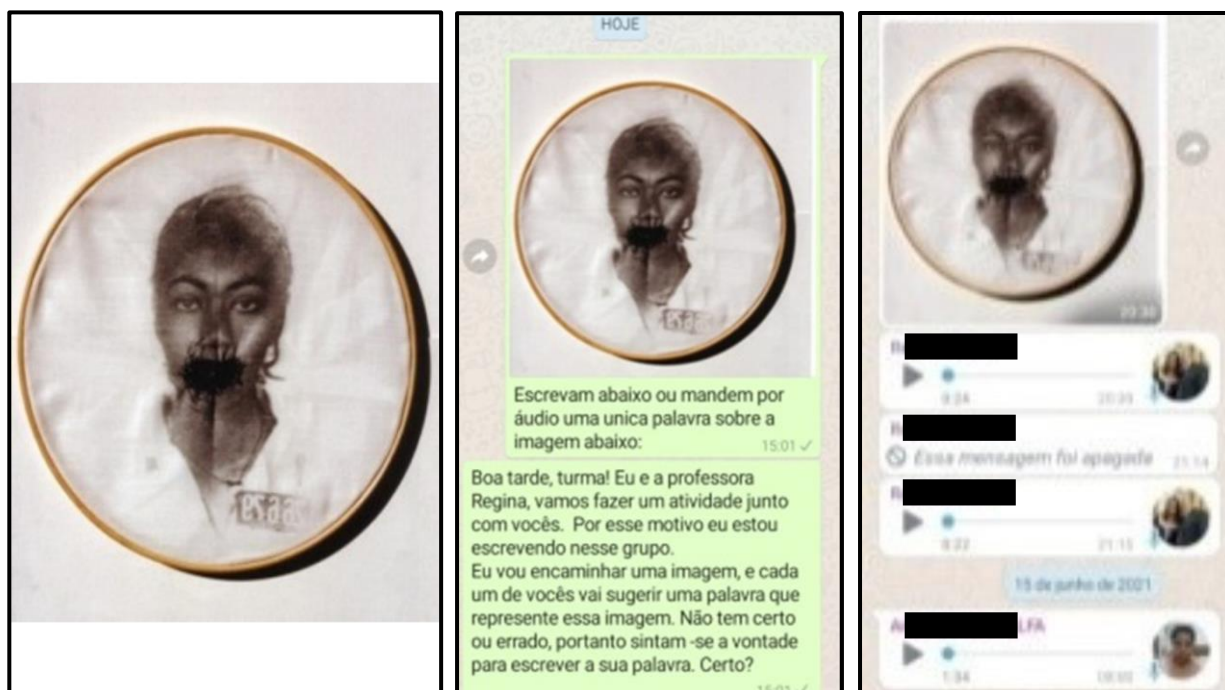
Quanto a proposição postada nos grupos de WhatsApp, descrevo abaixo, algumas imagens para demonstrar um pouco do processo. É importante registrar que não só a linguagem coloquial, mas, também, a escrita original foi mantida, apesar dos erros de ortografia. Essa opção se dá pelo respeito às características de cada estudante. Seguem abaixo as imagens postadas e as respectivas conversas transcritas com cada turma:

ALFA

Para essa turma, conversando com a professora Regina, consideramos que a obra da Rosane Paulino seria mais adequada para aquelas estudantes, em sua maioria, mulheres acima dos sessenta anos, de origens negras e nordestinas.

A escolha das imagens foi pensada de forma que dialogassem com as realidades apresentadas durante o processo, diferentes temas foram abordados como; racismo, exclusão, machismo, preconceito, falta de oportunidade à educação, desemprego, exploração, preços abusivos. As (os) estudantes deveriam escrever ou falar por meio de áudio, as palavras que atribuísem significados de acordo com a suas percepções sobre as imagens.

Figura 11 - Conversa no WhatsApp sobre a imagem da obra da artista Rosana Paulino



Fonte: Arquivo da Autora, 2021.

Transcrição das falas (sobre a imagem da obra⁹ da artista Rosana Paulino¹⁰):

Professora: - Boa tarde, turma! Eu e a professora Regina, vamos fazer uma atividade junto com vocês. Por esse motivo eu estou escrevendo nesse grupo. Vou encaminhar uma imagem e vou pedir para que digam em áudio uma palavra sobre ela. Não tem certo e errado. Portanto, sintam – se a vontade para sugerir. Certo?

MA: Tristeza

A: Boa tarde, professora! Tudo bem?

Pra mim ela tá com alguma deficiência na boca e no nariz, que ela não consegue nem falar, nem...respira, respira, mas respira pouco. Mas para mim ela está com uma deficiência sim, entendeu. Porque pra boca dela tá desse jeito, tipo, parece tá tampada o nariz meio assim pra baixo pra mim é deficiência, é isso...eu penso assim, tá professora? Um abraço.

S: Boa noite prô, aqui é a Sueli... eu acho que essa imagem representa feminicídio no mundo”.

Nessa atividade apesar de algumas interações, nesse grupo não foi possível a construção do poema coletivo, talvez por timidez por não estarem ainda alfabetizadas ou por não terem muito domínio com a ferramenta digital. A comunicação durante o período de pandemia não era muito constante e isso impactava na fluidez das propostas.

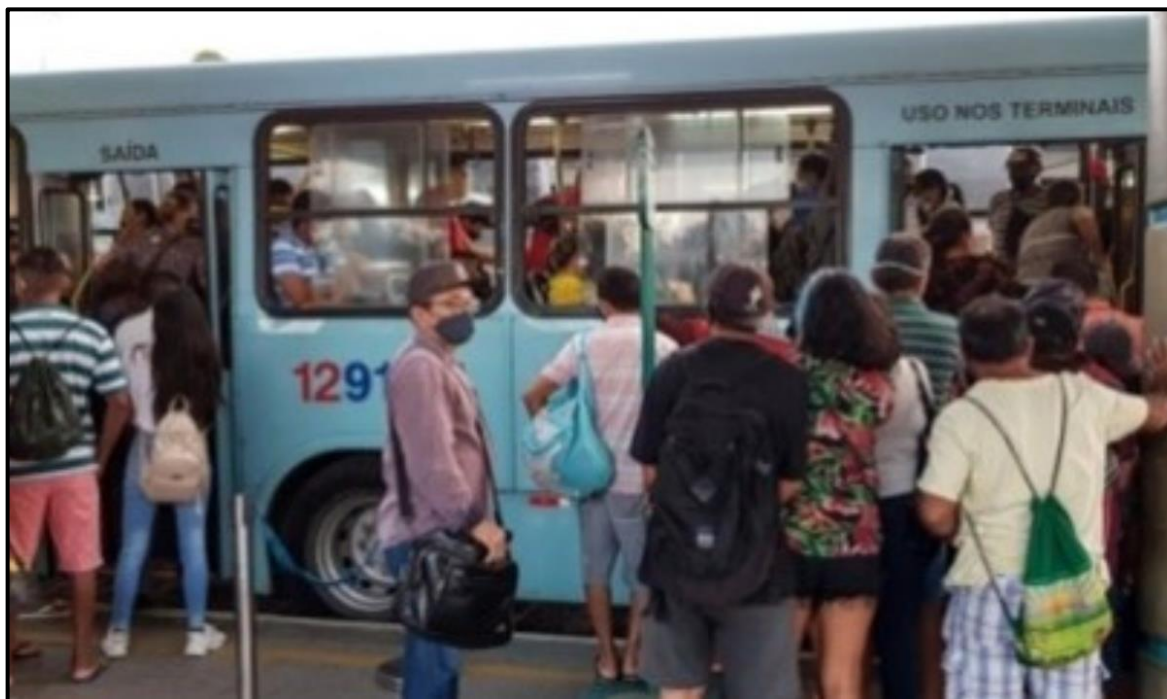
PÓS

A turma do professor Valdeci era, em sua maioria, jovens que estavam se alfabetizando e trabalhavam na linha de produção das fábricas localizadas no ABC Paulista.

⁹ PAULINO, R. Sem título, da série Bastidores, 1997. In: Histórias afro – atlânticas, volume 1. Catálogo (MASP).

¹⁰ Rosane Paulino: artista plástica formada pela ECA – USP. Se destaca por importantes trabalhos ligados as questões sociais, étnicas e de gêneros.

Figura 12 - Ônibus



Fonte: Arquivo da Autora, 2021.

Quadro 4 - Conversa no WhatsApp - respostas a imagem do ônibus

Transcrição das falas:

L.S.: “Então, o que eu entendi que aí é um ponto de ônobus (ônibus). O ônibus eu acho que tá cheio e o pessoal querendo entrar dentro do buzão, entendeu?”

A.G.: “Oi Boa tarde, eu também entendi a mesma coisa do L, o ônibus já tá cheio o pessoal tá querendo entrar”.

L.S.: “É um ônibus mais tá muito cheio!”

G.: No meu ver, ele tá lotado, mas não pode tá lotado desse jeito por causa da Covid. Tem gente demais, e infelizmente é isso que tá acontecendo... tem gente demais, mas temos que trabalhar. A minha opinião”.

M.D.: “No meu ver, é um ponto de ônibus, o ônibus tá lotado e tem mais gente no ponto querendo entrar, mas não consegue”.

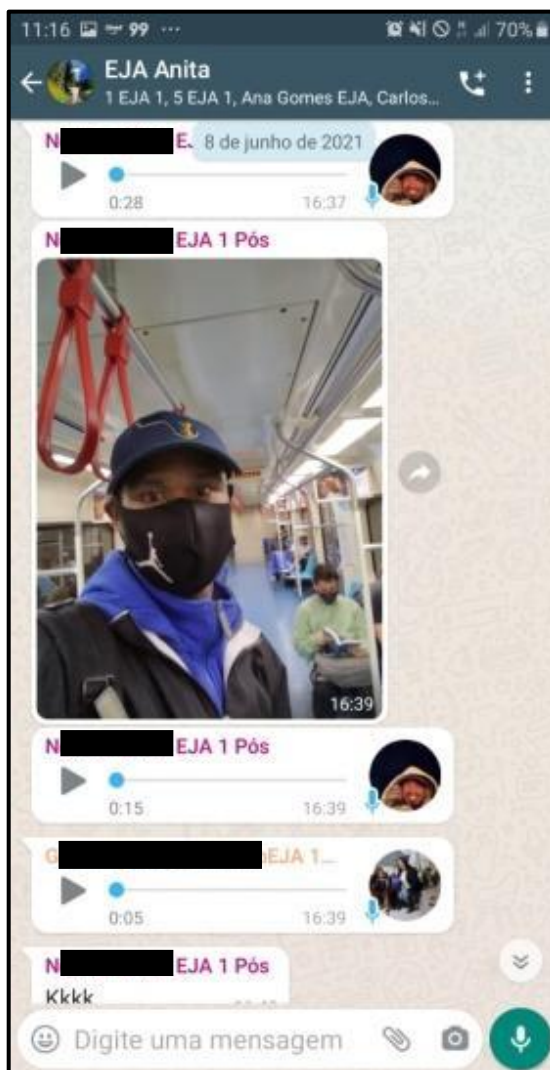
N: “No meu perceber ou é por causa da epidemia que o buzão não chegou, que o buzão no lado de dentro ainda tá mais vazio, aí por conta dessa epidemia o pessoal que tá na porta não deixa os outros entrar. Aí tipo assim, se ferrou quem ficou lá fora, vai ter que esperar o próximo”.

Fonte: Arquivo da Autora, 2021.

Com relação ao N, essa foi a primeira vez que ele interagiu na conversa, e por sinal, ele

estava no transporte nesse momento que ouvia o áudio, e acabou nos mandando uma foto. Ele seque todos os dias o trajeto entre Diadema e Barra Funda, o metrô ainda estava vazio, mas já sabia que logo mais iria enfrentar o mesmo ônibus lotado de todos os dias.

Figura 13 - Aluno N. dentro do vagão do metrô



Fonte: Arquivo da Autora, 2021.

Como em um grupo de WhatsApp são muitas informações disparadas sobrepostas, optei por juntar todas as falas deles como forma de perceberem que ao relatarem as suas impressões e compará-las com as suas realidades era possível criar um poema a partir disso. Devo deixar claro, que não foi a melhor maneira, pois de uma certa forma, tirei a autonomia deles criarem os seus próprios discursos, o que vai de encontro aos princípios da Estética do Oprimido.

Quadro 5 – Proposta do Exercício 8 no grupo de WhatsApp

Coloquei um pequeno áudio:

“Pessoal, aí o que eu coloquei foi uma pequena ideia da construção de um possível poema que já está meio que aí, vocês podem mudar, alterar, incluir, fazer combinações de rimas ou seja, os finais das palavras podem combinar com outras palavras que podem ser substituídas por outras que tenha a mesma ideia”.

Em seguida:

“Pessoal, agora para acrescentar eu gostaria que vocês pensassem e refletissem um pouco sobre o porquê esses ônibus estão cheios em plena pandemia? Será que o valor que nós pagamos é justo, pela qualidade que se apresenta? Quem são os responsáveis pelos transportes coletivos? De quem é a responsabilidade? Pensem sobre isso e vamos pensar em uma construção de frases para podermos incluir em nosso poema”.

Aluna: *“A vida de um trabalhador na pandemia”.*

N: *“É infelizmente nós tá é ferrado que eu tô trabalhando na Lapa, eu até saí mais cedo para ver se eu pego menos gente nos terminal, mas infelizmente vou chegar no Jabaquara já vai estar lotado. Fazê o quê, né? Pobre tem que se lascar...não tem jeito. A população tá demais, mano. É muita gente no mundo. O bagulho tá louco”.*

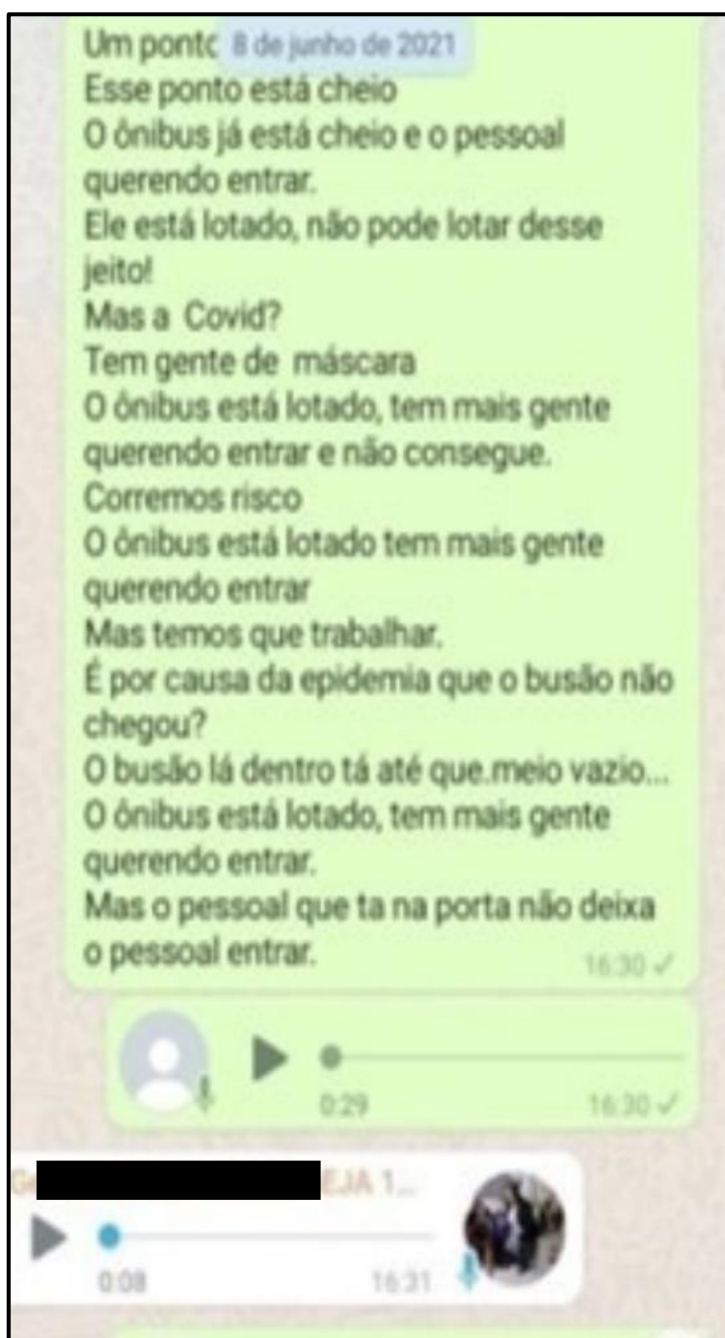
Comentário da professora: *“Ô N., faz o seguinte...copie e cola esse texto e inclua a sua fala, onde ela se encaixa? Será que dá rima? Vamos tentar fazer uma rima nessa sua fala junto com o poema?”*

N: *“Eu vou tentar fazer professora, mas assim que chegar em casa, vou chegar lá pelas 18h horas hoje, aqui dentro do metrô não dá para ver isso não...”*

Fonte: Arquivo da Autora, 2021.

Abaixo exponho os poemas construídos coletivamente durante este processo:

Figura 14 - Poema coletivo: O ônibus

**Transcrição do poema****5ª Série: O ônibus**

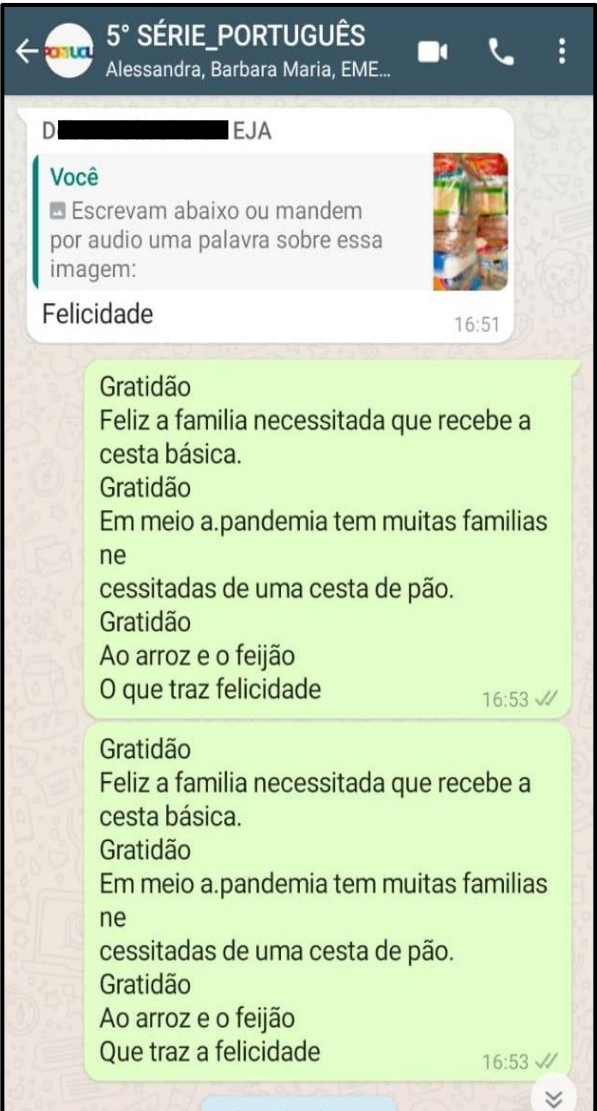
Um ponto
 Esse ponto está cheio
 O ônibus já está cheio e o pessoal
 querendo entrar.
 Ele está lotado, não pode lotar desse
 jeito!
 Mas e a Covid?
 Tem gente de máscara
 O ônibus está lotado, tem mais gente
 querendo entrar e não consegue.
 Corremos risco
 O ônibus está lotado tem mais gente
 querendo entrar
 Mas temos que trabalhar.
 É por causa da epidemia que o busão não
 chegou?
 O busão lá dentro tá até que meio vazio...
 O ônibus está lotado, tem mais gente
 querendo entrar.
 Mas o pessoal que tá na porta não deixa
 o pessoal entrar.

Fonte: Arquivo da Autora, 08 jun. 2021.

Figura 15 - Poema Coletivo: Cesta Básica

Transcrição do poema
5ª Série: Cesta Básica

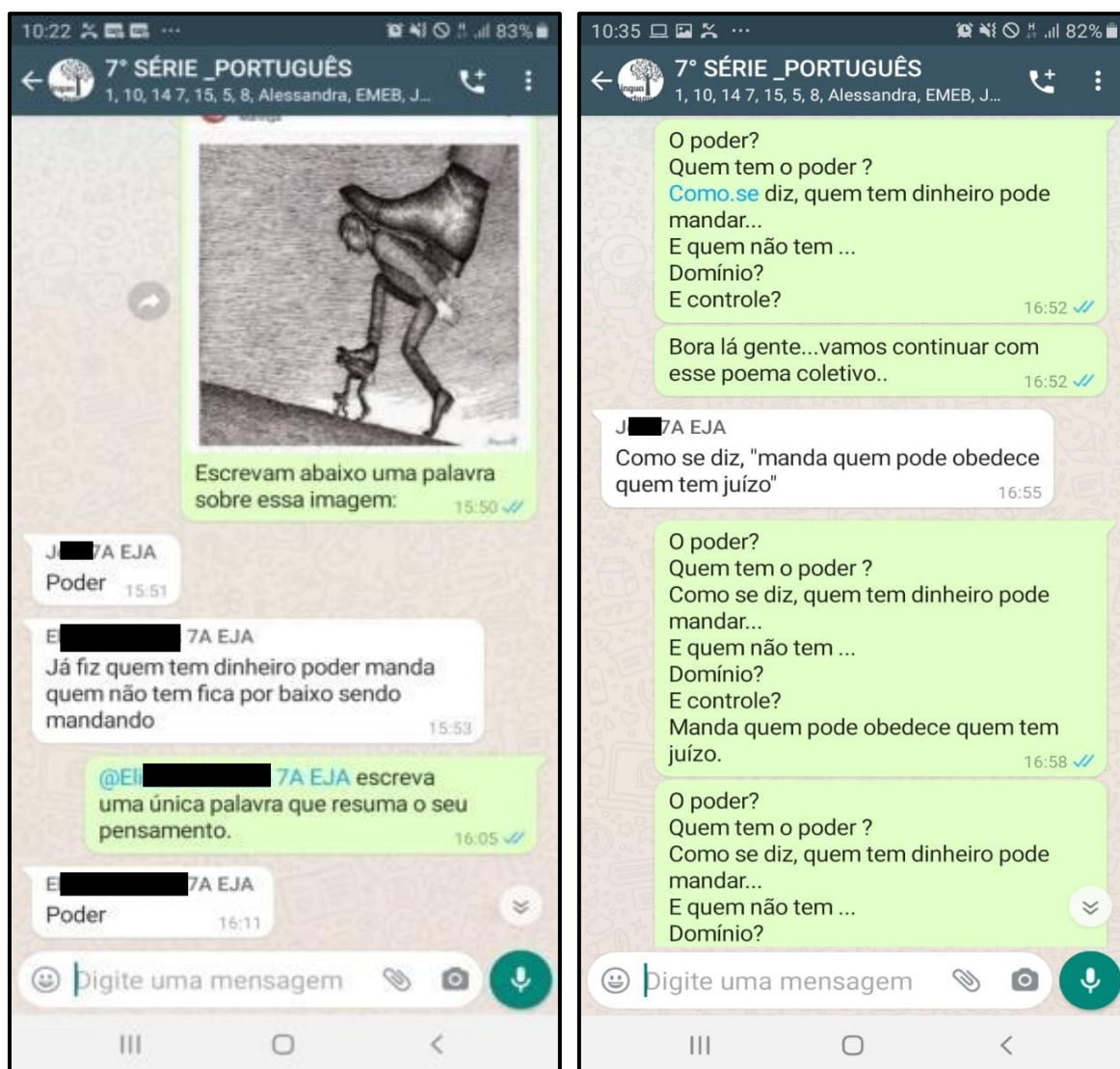
Cesta Básica
Gratidão
Feliz a família necessitada que recebe
a cesta básica.
Gratidão!
Em meio a pandemia tem muitas
famílias necessitando de uma cesta de
pão.
Gratidão
Ao arroz e ao feijão
Que traz a felicidade.



Fonte: Arquivo da Autora, 2021.

O poema a seguir, apresenta a imagem “Sapato pisando no sujeito”, que faz uma menção ao sistema capitalista e das hierarquias, bem como classes sociais, e foi escolhida por ser um tema já conversado com o grupo:

Figura 16 - Conversa no WhatsApp sobre a imagem ‘Sapato pisando no sujeito’



Fonte: Arquivo da Autora, 2021.

Transcrição das imagens

J: *Poder*

E.A: *Já fiz quem tem dinheiro pode mandar, quem não tem fica por baixo sendo mandado.*

E:” *Domínio, Controle...”*

E:” *Mais um, Autoridade*

Poema:

*O Poder?
Quem tem o poder?
Como se diz, quem tem dinheiro pode mandar...
E que não tem...
Domínio?
E controle?
Manda quem pode obedece quem tem juízo.*

Sobre o processo descrito acima, gostaria de relatar a minha experiência com a disciplina optativa, que realizei com o professor Dr. Flavio Desgranges. Me inscrevi como aluna especial do Programa de Pós Graduação em Artes Cênicas da Escola de Comunicação e Artes – ECA da Universidade de São Paulo, no primeiro semestre de 2023 a disciplina escolhida foi: “Dizer-se Público: entre a mediação teatral e o efeito estético, com a carga horária no total de 105 horas. Dentre os objetivos descritos na Ementa: Investigar aspectos marcantes do ato do/a espectador/a na contemporaneidade; Observar a (co)autoria ou a produção poética realizada pelos/as espectadores/as como uma ampliação da noção de processo colaborativo. Pesquisar projetos ou procedimentos propostos ao público teatral que podem ser pensados como ações artísticas coletivas, que evidenciem traços reconhecíveis de uma poética da recepção; Refletir sobre as instâncias de intersecção entre teatro e vida pública, a partir das práticas artísticas com espectadores/as.; Analisar os debates performativos propostos pelo INerTE¹¹ – Instável Núcleo de Estudos de Recepção Teatral, entre outras práticas artísticas semelhantes, que ressaltam indícios marcantes de que o ato de leitura pode e precisa ser compreendido como um ato de escrita.

Em uma de suas aulas online, o professor Flávio nos apresentou a sua pesquisa sobre os debates performativos que desenvolvia com o seu grupo de pesquisa INerTE, e nos trouxe a oportunidade de experimentarmos na prática a construção dessa experiência enquanto estudantes/ público em uma de suas aulas online. Foi possível perceber uma conexão desse processo com o procedimento descrito acima, analisando alguns aspectos em comum no que tange a ideia de pesquisar a recepção e a ideia de um coletivo de espectadores que se tornam de forma colaborativa, criadores de uma nova poética.

Os debates performativos podem ser compreendidos como desdobramentos poéticos do público a partir de um espetáculo teatral. A ideia central é a de evidenciar uma poética da recepção, criando condições para que o ato artístico do espectador seja realizado de modo coletivo. Os espectadores que assistiram a um determinado espetáculo são convidados para participar de um debate em que aspectos do acontecimento teatral serão retomados, incentivando os participantes a empreenderem leituras cênicas acerca do evento artístico em questão. E-ISSN 2237-2660 Flávio Desgranges - O que eu Significo Diante Disso: ação artística com espectadores teatrais Rev. Bras. Estud. Presença, Porto Alegre, v. 10, n. 2, e94955, 2020. Disponível em: 5 A proposta central desses encontros é a de desencadear no espectador o desdobramento e o reconhecimento da poesia que ele próprio, como (co)autor da obra, é instado a criar enquanto se relaciona com o espetáculo. Poesia que surge a partir dos significantes oferecidos pelo espetáculo e das sensações e afetos suscitados, das imagens inventadas, das memórias revisitadas, e do potencial de futuro surgido dos vislumbres estéticos e históricos de cada espectador-participante (DESGRANGES, 2019, p. 5).

¹¹ Instável Núcleo de Estudos de Recepção Teatral -INerT

Assim também, é o processo da Estética do Oprimido, como todo o sistema do Teatro do Oprimido, onde todo o grupo deve contribuir emitindo suas opiniões a partir do conhecimento que cada um possui. Este princípio também está na Pedagogia do Oprimido de Paulo Freire, onde todo indivíduo possui um conhecimento, um saber, a partir da sua experiência de vida FREIRE, 2023). É a soma das experiências e opiniões individuais que se produzirá o conhecimento coletivo dada a sua realidade. Uma vez tomada a consciência desta. É possível transformá-la. Concluo que os princípios de Recepção norteados pelas visões de Desgranges, estão alinhados com os princípios de Boal em sua teoria sobre a Estética do Oprimido.

SEMANA 9

a) Exercício 9 - SISTEMA ÚNICO DE SAÚDE - SUS

Nesse período, estávamos vivendo uma turbulência política, o presidente à época, Jair Messias Bolsonaro, negava a gravidade do vírus que se espalhava pelo mundo e confrontava o conhecimento científico, bem como a relevância de um Sistema Público de Saúde. A Secretária Municipal de Diadema, que era regida por um governo de oposição, realizou uma aula formativa em modo virtual convidando especialistas para falar sobre o Sistema Único de Saúde, Dessa forma, aproveitando a aula formativa, desenvolvi a atividade da semana de maneira que pudesse dialogar com o tema da aula aberta de **Formação da EJA**¹² sobre: a história e a trajetória do Sistema Único de Saúde no Brasil. Sugeri para que descrevessem alguma experiência que tiveram com o SUS e criassem e cantassem uma música sobre o tema.

b) Adaptação do Exercício:

¹² Formações promovidas pela Secretária Municipal de educação de Diadema em formato virtual para trabalhar com temas transversais com todas as escolas da Rede com as turmas da EJA durante a pandemia.

Quadro 6 - formato da aula encaminhada na apostila**8ª SÉRIE A EJA**

OLÁ. PESSOAL!

COMO VOCÊS ESTÃO? ESPERO QUE TODOS BEM...

POR ENQUANTO AS NOSSAS ATIVIDADES CONTINUARÃO DE MANEIRA REMOTA, PORTANTO, É DE GRANDE IMPORTÂNCIA QUE TODOS PARTICIPEM ATIVAMENTE DAS ATIVIDADES QUE SERÃO POSTADAS NO PORTAL E TAMBÉM POR VIA WHATSAPP.

NA SEMANA PASSADA VOCÊS FORAM ORIENTADOS A ASSISTIR A AULA ABERTA SOBRE “A HISTÓRIA E ATRAJETÓRIA DO SISTEMA ÚNICO DE SAÚDE NO BRASIL.

CASO NÃO TENHA ACOMPANHADO, VOCÊ PODERÁ VER NO LINK ABAIXO:

<https://youtu.be/-X16q9jIt34>

- **VOCÊ APOIA SUS?**
- **NA SUA OPINIÃO, OS SERVIÇOS DE SAÚDE DEVERIAM SER PÚBLICOS OU PRIVADOS?**
- **QUAIS OS SIGNIFICADOS DAS PALAVRAS “EQUIDADE, IGUALDADE E UNIVERSALIDADE”?**
- **JÁ FOI ATENDIDO PELO SUS?**
- **COMO FOI A SUA EXPERIÊNCIA?**

SE A SUA EXPERIÊNCIA PUDESSE SER CONTADA/ CANTADA POR MEIO DE UMA MÚSICA, QUAL SERIA?

ESCREVA OU GRAVE UM ÁUDIO CANTANDO A SUA MÚSICA. NOS ENCAMINHE PARA O GRUPO DE ARTE DO WHATSAPP.

CASO, VOCÊ NÃO TENHA ACESSO AO WHATSAPP, COLOQUE O SEU NOME, SÉRIE E DATA NA FOLHA E AGUARDE O PERÍODO DE ENTREGA DOS TRABALHOS DIRETO NA ESCOLA.

OBS: AS EXPLICAÇÕES SERÃO ENCAMINHADAS POR AUDIO VIA WHATSAPP

Fonte: Arquivo da Autora, 2021.

c) Elaboração/ Realização:

Criar e cantar uma música que descreva a sua experiência com o SUS. Dialogando com a aula aberta de formação da EJA sobre: a história e a trajetória do sistema único de saúde no Brasil.

Abaixo insiro algumas das produções realizadas nessa semana.

Quadro 7 - Respostas

1) Você apoia sus?	R: <i>sim, porque ele atende as pessoas de baixa renda.</i>
2) Na sua opinião, os serviços de saúde deveriam ser públicos ou privados?	R: <i>deveriam ser públicos.</i>
3) Quais os significados das palavras “equidade, igualdade e universalidade”?	R: <i>todos tem o mesmo significado de igualdade.</i>
4) Já foi atendido pelo sus?	R: <i>sim, já fui atendida pelo sus várias vezes.</i>
5) Como foi a sua experiência?	R: <i>foi boa, não foi melhor porque tem exame que demora muito para ser marcado.</i>

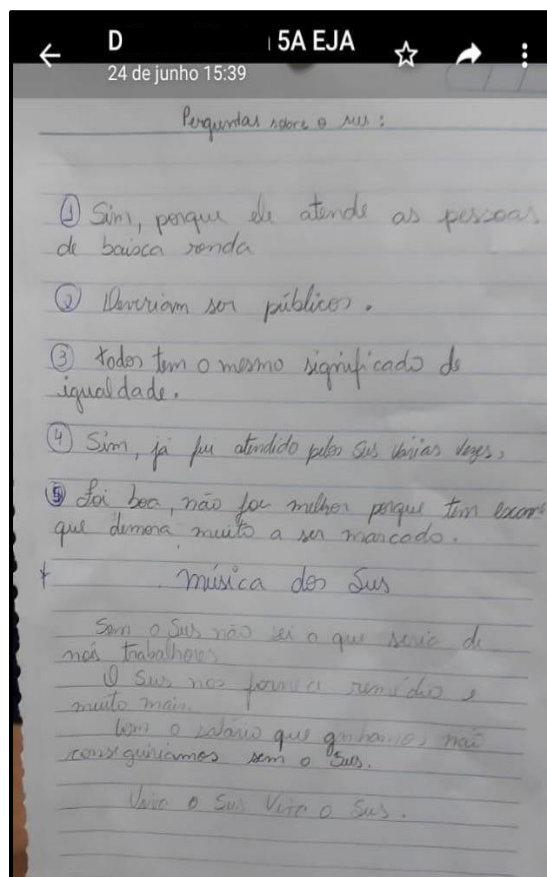
Fonte: Arquivo da Autora, 2021.

A estudante D. da 7ª série também apresentou uma letra de música composta por ela para expressar sobre o SUS, depois me encaminhou por áudio a letra cantada por ela.

Figura 17 - Resposta da Aluna D - atividade SUS

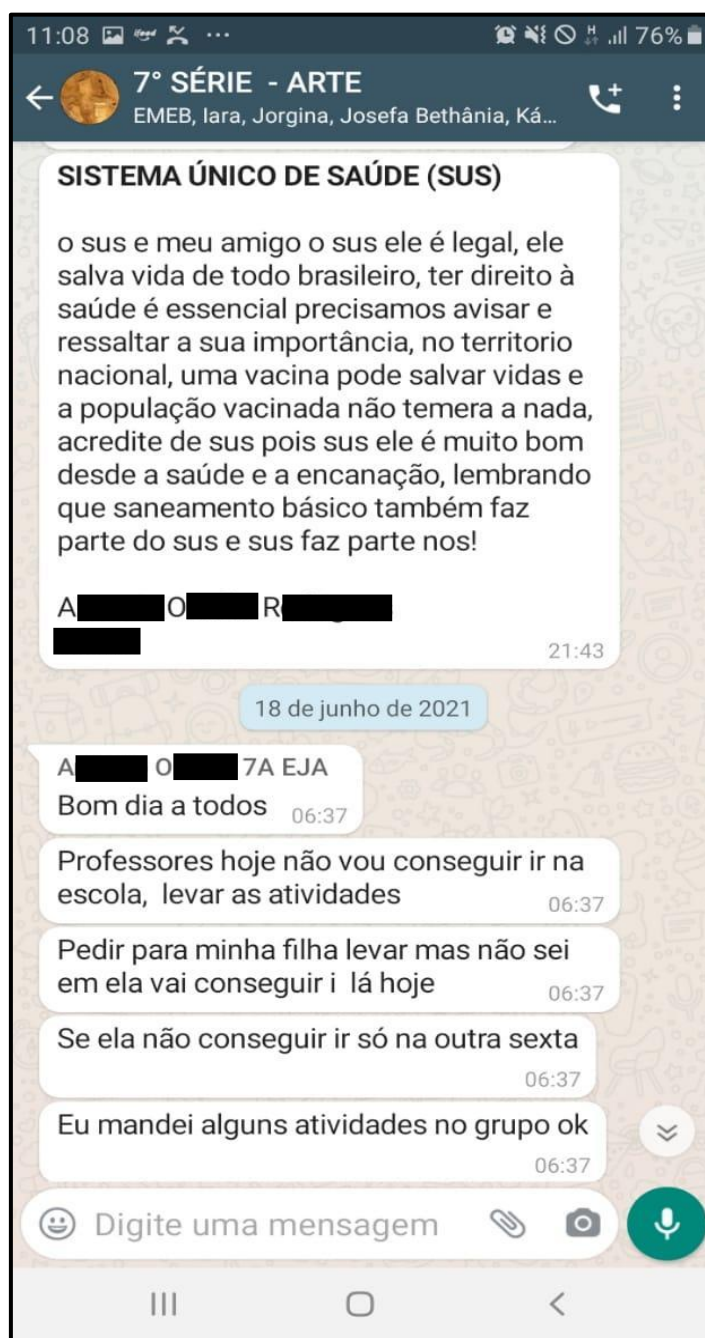
Letra SUS criada por D.

*“Sem o SUS, não sei o que seria de nós
trabalhadores
O SUS nos fornece remédio e muito
mais.
Com o salário que ganhamos não*



Fonte: Arquivo da Autora, 2021.

Figura 18 – Resposta do aluno A.O - atividade SUS



Fonte: Arquivo da Autora, 2021.

Análise sobre a experiência no Ensino Remoto

Foi observado no Ensino Remoto, que a metodologia de Boal, foi mais significativa para o processo de Ensino Aprendizagem para o ensino de Arte na EJA que as propostas anteriores que havia tentado realizar com eles em formato remoto, e não obtinha retorno por parte das (os) estudantes. Desse modo, foi possível perceber que esses interagiram melhor nos grupos, expressando as suas opiniões e compartilhando as suas produções estéticas, uma vez

que estas estavam diretamente relacionadas com as suas próprias narrativas e percepções de mundo do que proposições artísticas já estabelecidas em currículo e em nossa formação artística, branca, burguesa e eurocentrada.

Porém, é importante ressaltar que muitas vezes a fluidez do processo era interrompida, devido necessidade de se informar questões primordiais sobre o contexto pandêmico e as crises econômicas do momento. A gestão da escola, que também acompanhava os grupos, precisava passar informes sobre entregas de cesta básicas, cartão alimentação, período de vacinação, o que é compreensível, pois naquele momento assegurar a sobrevivência de todas (os) era a nossa maior preocupação e estava acima de qualquer instância, inclusive curricular.

b) Ensino Híbrido

Durante o Ensino Híbrido, as aulas presenciais estavam reduzidas a uma vez por semana com a duração de 45” (quarenta e cinco minutos) e complementadas com o Ensino Remoto. Nós, professores e professoras, precisávamos planejar dois tipos de atividades pedagógicas:

1 – Aquelas sem qualquer tipo de contato físico para contemplar todos e todas as estudantes vacinados e sem comorbidades que já começavam a frequentar a escola; e,

2 - Atividades complementares para atender os e as não vacinadas ou sem liberação médica e que, por esta razão, eram mantidas no Ensino Remoto para obterem notas e serem avaliadas.

As sequencias didáticas foram:

SEMANA 1

a) Exercício 1: *CADAVRE EXQUIS*¹³

Essa técnica foi criada pelo movimento vanguardista, mas Boal a descreve em seu livro como parte do seu Arsenal. Em um rolo de papel Mantega, desenrola uma parte e o fixa com uma fita sobre a mesa. A pessoa é orientada a fazer um desenho em cinco minutos, sem se preocupar com o que vai surgir. Como os outros participante não poderão ver o que a pessoa

¹³ Boal, 2005, p. 119.

está desenhando, deverão ficar de costas até que o desenho seja finalizado. Assim, que terminar, a pessoa deverá enrolar o seu pedaço deixando visível somente a parte final do desenho para que o outro participante possa dar sequência ao próximo desenho. Ao final, quando todos já desenharam as suas partes, o rolo é aberto para que possam ver a imagem como um todo.

b) Adaptação para Híbrido:

Boal menciona que este exercício era praticado pelos modernistas surrealistas. Resolvi substituir o papel sulfite por rolo de papel manteiga de uso culinário, caneta hidrocor ponta grossa e álcool gel para dar um efeito mais plástico e visualmente mais bem acabado.

c) Realização/Elaboração:

Foi observado que essa atividade é bastante importante para trabalhar o desenho espontâneo com adultos uma vez que ao desenhar sem se preocupar com o resultado final, possibilita uma liberdade expressiva.

Figura 19 - Cadavre Exquis



Fonte: Arquivo da Autora, 2021.

SEMANA 2

a) Exercício 2: *DECLARAÇÃO DE IDENTIDADE*¹⁴

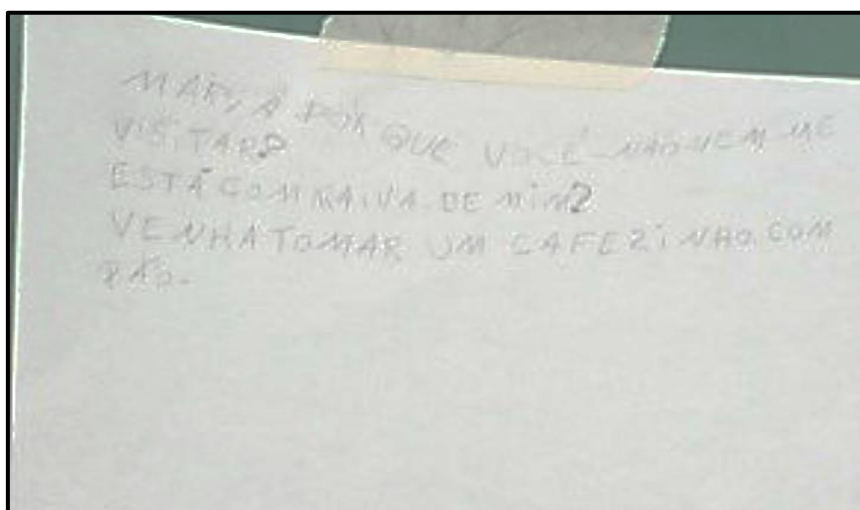
Nesse exercício encontrei duas versões, a primeira sugerida por Boal, que vai para um processo mais cênico e a outra uma variante sugerida por Bárbara Santos¹⁵ em que sugere a escrita de uma carta para alguém que gostaria de fazer uma declaração sobre algum aspecto de si mesma, porque acha que a pessoa não percebe, porque não tem coragem de mostrar ou porque entende que a percepção da pessoa é equivocada.

b) Adaptação para Híbrido: Não

c) Realização/Elaboração:

Nessa turma, em sua maioria formada por mulheres, os temas surgidos foram: saudade da família que precisaram deixar no interior; gratidão a irmã mais velha que cuidou dos pais idosos; amor aos filhos. Como estavam em fase de alfabetização, eu as acompanhava em suas mesas para orientar suas escritas. E, também no momento das leituras para que não sentissem constrangimento. Esses escritos foram transpostos em tecidos de algodão para serem bordados.

Figura 20 - Registro Declaração de Identidade



Transcrição da Imagem

“Maria porque você não vem me visitar?”

Está com raiva de mim?

Venha tomar um cafézinho.”

Fonte: Arquivo da Autora, 2021.

¹⁴ Boal, 2009, p. 198.

¹⁵ Santos, 2019, p. 103.

Fotografia 13 - Processo com o bordado



Fonte: Arquivo da Autora, 2021.

SEMANA 3

a) Exercício3: MÁSCARA DA RESISTÊNCIA¹⁶

b) Adaptação para o Ensino Híbrido:

A primeira versão que conheci desse exercício foi realizado em modo virtual em uma aula síncrona na JITU- 2020. Para realizá-lo em formato híbrido, trabalhei com a sua produção em modo presencial, e também inclui a proposta e o modo de fazer na atividade da apostila para as estudantes que ainda estavam em isolamento físico.

c) Realização/Elaboração:

Em parceria com a professora regente, foi feita a leitura e interpretação do livro: “O ônibus de Rosa”, sobre a ativista americana Rosa Parks. Como início de processo foi perguntado

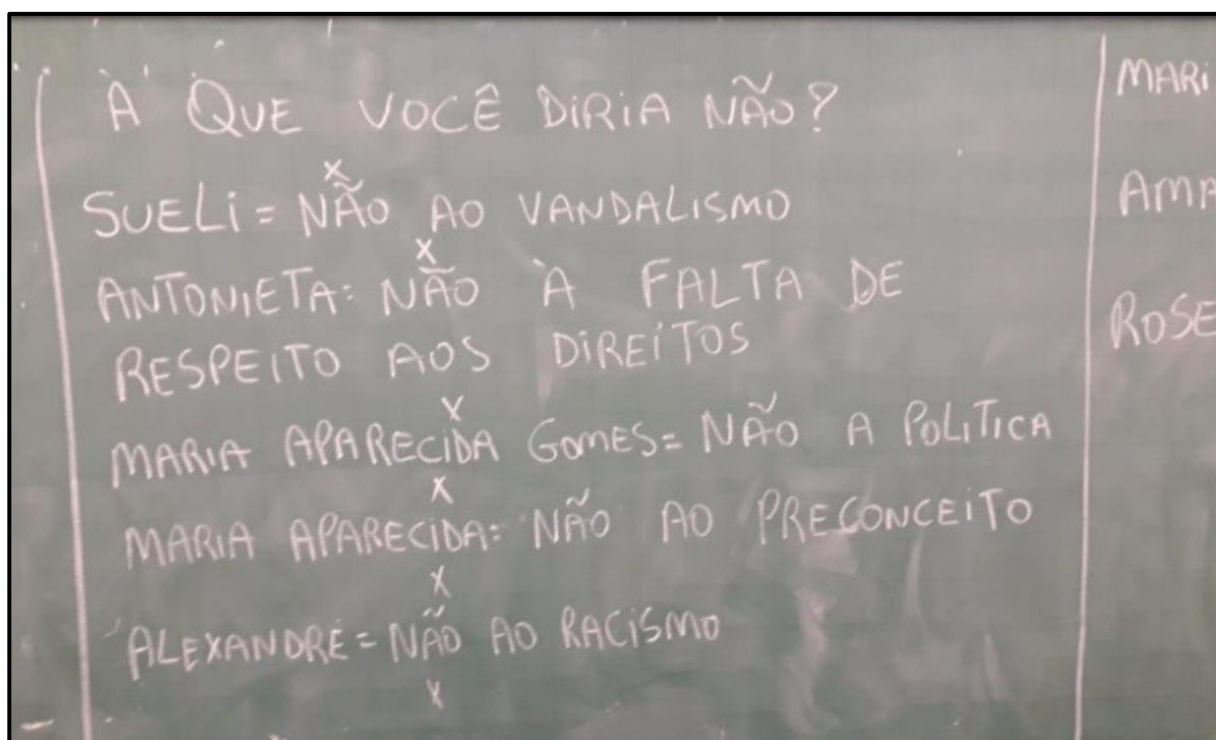
¹⁶ Esse exercício aprendi em uma das atividades realizadas na Jornadas Internacionais em de Teatro do Oprimido e Universidade – JITU / 2020.

as estudantes para qual situação elas diriam não? As respostas que surgiram foram: preconceito, vandalismo, racismo, falta de respeito aos direitos dos cidadãos com saúde, moradia, transporte público, educação, corrupção, alimentação, violência contra mulher, degradação dos bens públicos.

Como produção estética foram criadas as Máscaras da Resistência, em que elas elaborariam uma frase iniciando com um NÃO, contra as situações que consideravam opressivas.

Para as (os) estudantes que estavam em Ensino Remoto, essa atividade foi postada no Portal Diadema e no Grupo de WhatsApp, podendo ser entregue na escola ou postada por foto no próprio grupo.

Fotografia 14 - Registro das frases sugeridas em conversa



Fonte: Arquivo da Autora, 2021.

Fotografia 15 - Máscara da Resistência



Fonte: Arquivo da Autora, 2021.

Exposição Parque do Paço

No fim do ano letivo, de 2021, devido às medidas sanitárias de proteção a pandemia do COVID-19, a Secretaria Municipal de Educação se viu impedida de fazer os eventos de encerramento dentro das escolas como de costume e decidiu organizar uma única e grande mostra de trabalhos realizados por cada unidade educacional de Diadema. Todas as escolas foram convidadas, através de normativa interna, a expor sua produção anual em uma ‘mostra cultural’ no Parque Municipal do Paço, área destinada ao lazer dos moradores da cidade e que permitiria a confraternização sem o risco de contaminação por ser aberta e grande o suficiente

para garantir o distanciamento físico dos visitantes. A participação não era obrigatória, mas as escolas que demonstrassem interesse deveriam escolher no mapa pictórico do parque o melhor espaço para exporem seu material. A SME informou, ainda, que destinaria um *kit* para cada estudante e mais um acompanhante, contendo passe de ônibus e um *ticket* que daria direito ao lanche que seria distribuído no parque.

A coordenação pedagógica da EMEB Anita Catarina Malfatti recebeu o comunicado com o convite para a Mostra Cultural e repassou para todas as professoras. Eu li e explanei para a professora regente da Alfa que via no convite uma grande oportunidade de avançar no processo de alfabetização estética que havíamos começado caso participássemos do evento expondo o trabalho da turma. A professora regente –concordou e comunicamos a coordenação pedagógica que gostaríamos de participar e solicitamos o material necessário e o mapa situacional do parque para escolhermos o melhor local para nossa instalação artística. Escolhemos a parte onde havia árvores com troncos largos.

Esta iniciativa da SME me permitiu colocar em prática mais uma proposta da AEO. Boal orienta que toda a produção resultante das oficinas de estética como esculturas, pinturas, poemas, músicas, performances devam, sempre que possível, serem expostas em espaços culturais como museus, galerias, teatros, pavilhão de exposição e

[...] parques públicos! Ao ver sua produção estética exposta como ‘arte’ em um local reservado somente para artistas consagrados e reconhecidos, ele percebe que também é capaz de criar, de se expressar, de comunicar suas ideias através do Pensamento Sensível. Ao cruzar a barreira do antes inalcançável, ele aumentará a sua autoestima e os sentimentos de pertencimento e empoderamento irão se desenvolver (Boal 2009, p. xx).

Por estes motivos escolhi as árvores. A ideia era colocar simbolicamente a produção da turma na Árvore do Teatro do Oprimido. O público que visitava nosso *stand* comentava e fazia analogias com árvores genealógicas, da vida, ancestralidade ao ver as fotos penduradas em formato de uma carteira de identidade, onde na descrição da filiação, os nomes dos seus progenitores foram metaforizados pelas estudantes, de acordo com os seus próprios relatos.

Apesar do convite da SME ter sido feito com prazo muito curto, executamos o nosso projeto. Ao chegar no parque, cada professor seria responsável por organizar a sua exposição dentro do espaço que estava reservado para a sua escola e para a sua turma. Ao agendarmos a reserva, havíamos recebido somente um mapa do local sinalizando as partes possíveis para a exposição. A minha turma ficaria com a parte do bosque, e dessa forma, somente ao chegar no local, pude ter uma visão mais precisa sobre como seria a melhor disposição dos trabalhos.

Tinha em mente uma árvore como um signo, assim como a árvore genealógica, a árvore do Baobá e a Árvore do TO. E, assim, foi estabelecido um novo espaço ressignificado, como estético para a cidade, mesmo que efêmero. Infelizmente, poucas estudantes puderam apreciar os seus trabalhos. Alegaram que tiveram compromisso com os netos ou que precisaram realizar as atividades domésticas. As (os) estudantes que estiveram presentes ficaram muito satisfeitos com a experiência, tiraram fotos em frente a exposição e postaram no grupo de WhatsApp.

Abaixo, registros da exposição.

Fotografia 16 - Declaração de Identidade



Fonte: Arquivo da Autora, 2021.

Fotografia 17 - Declaração de Identidade



Fonte: Arquivo da Autora, 2021.

Declaração de identidade: aqui as informações apresentadas pelas estudantes durante o processo foram inseridas em uma grande carteira de identidade impressa.

Fotografia 18 - Declaração de Identidade (RG)



Fonte: Arquivo da Autora, 2021.

A exposição foi bastante significativa e ganhou manchete nos jornais do ABC. A opção de realização em um parque público foi correta nesta fase inicial de flexibilização. Ainda existia uma tensão na pós pandemia e a necessidade de convivência em espaços abertos. Logo, a relação com a natureza e arte impactou positivamente para todos que estavam presentes, adultos e crianças recém-saídas do isolamento físico/social.

Figura 21 - Divulgação do Circuito Cultural no Jornal AB focado em você



Fonte: Arquivo da Autora, 2021.

Quatro meses após o retorno das aulas presenciais, a Rede Municipal de Ensino de Diadema promove o Circuito Cultural, no sábado (4), das 10h às 16h, no Parque do Paço. Alunos de 52 escolas municipais e 13 creches conveniadas irão apresentar trabalhos em pintura e outras atividades culturais desenvolvidas em sala de aula. O evento contará com intervenções de teatro e shows musicais para animar o público. A secretária de Educação, Ana Lúcia Sanches, destaca que o evento visa não só a recuperação pedagógica, mas também o fortalecimento emocional dos alunos após o período de isolamento social. O Circuito Cultural é aberto ao público e recomenda o uso de máscaras.

c) Ensino Presencial

Boal, em seu livro, *A Estética do Oprimido*, ao descrever as partes do seu sistema menciona, que ‘o processo prático estético se inicia no tronco da Árvore com os jogos lúdicos:

Ética e solidariedade em forma estética, são a seiva que alimenta a Grande Árvore do TO e viajam pelas artérias axiais da Palavra, da Imagem, e do Som, transitam pelos Jogos, metáfora da realidade, e iniciam o processo de nos despirmos do lixo cultural

que nos envolve, estimulando a criatividade dos participantes (Boal, 2009, p. 188).

Portanto, para Boal:

O processo prático estético se inicia no tronco da Árvore com os Jogos lúdicos que, ao contrário dos jogos de azar, têm regras fixas mas exigem criatividade, tal como a sociedade tem leis, mas necessita de liberdade. Sem leis não existe vida social – sem liberdade não existe vida (Boal, 2009.p. 188).

No Ensino Presencial, foi possível executar os jogos e exercícios como descritos nos livros de Boal, sem a necessidade de adaptá-los como feito no modo remoto. Portanto ao descrever as atividades, apenas será colado o número da página do livro de onde foi publicado.

Quanto a duração de cada encontro com as e os alunos, optei por reunir os dois tempos semanais de aulas com a duração de quarenta e cinco minutos em ‘uma aula’ de 90 minutos. Como na EJA trabalhamos com bimestre letivos, foram realizados 9 (nove) encontros (810 minutos). Desta forma, foi possível executar o seguinte planejamento: na primeira hora/aula aplicava os jogos e exercícios e, na segunda, para as técnicas de AEO resultantes do processo. Ao final de cada jogo e/ou técnicas, foram realizadas discussões e reflexões sobre as percepções subjetivas e objetivas provocadas pela atividade com o objetivo de elaborar o conhecimento produzido pela experiência.

Quanto ao local de realização, as aulas foram ministradas ora na biblioteca, ora na sala de vídeo da escola, mais adequadas e acolhedoras e seguras de interferências externas que a sala de aula tradicional, possibilitando um melhor resultado ao trabalhar movimentações corporais e projeções de vídeos, quando necessário.

Nos jogos que requeriam leitura e escrita para sua execução, as e os estudantes que estavam em processo de alfabetização eram estimulados por mim a falarem suas ideias e opiniões e eu ditava para elas as letras do alfabeto. Eu também escrevia na lousa as novas palavras surgidas durante as reflexões e os seus significados para que pudessem não só, se familiarizar com a grafia das palavras, mas, principalmente se apropriarem e ampliarem seus vocabulários. Assim, a contribuição da minha proposta de alfabetização estética do pensamento sensível se encontrava com a alfabetização e letramento do pensamento simbólico fechando o ciclo de uma alfabetização para a cidadania.

O processo se iniciou com os jogos da primeira categoria com o objetivo de trabalhar a desmecanização do corpo. A turma era heterogênea, tanto no aspecto de idade, quanto em nível de escolaridade e demonstrou ser bastante receptiva a proposta dos jogos.

ENCONTRO 1

a) Exercício 1: *CRUZ E CÍRCULO*

1ª Categoria: sentir tudo o que se toca

Nesse exercício pede-se que o participante estenda o braço direito e faça um círculo. Com o outro braço pede-se que se faça uma cruz ou sinal de mais. Em seguida pede-se para que façam os dois movimentos simultaneamente.

b) Adaptado para o presencial: Não

c) Realização/ Elaboração:

Como é um curso noturno e os e as estudantes chegam cansadas do trabalho, o exercício ativou o corpo de todas, principalmente, por ser de baixo impacto e exigir pouco condicionamento físico e. Abre o canal da receptividade para as próximas propostas porque desperta o riso, uma vez que ninguém consegue realizá-lo plenamente.

a) Exercício 2: *NINGUÉM COM NINGUÉM*

1ª Categoria: Quarta série: Jogos de Integração.

Nesse exercício, formam-se dupla. O líder, que ficará de fora, vai orientar em voz alta, as partes do corpo com as quais os parceiros deverão se tocar; por exemplo, cabeça com cabeça, pé direito com joelho esquerdo; orelha esquerda no umbigo (ambos vão tentando se tocar dentro das suas possibilidades e limitações), os movimentos devem ser cumulativos, ou seja, não devem se desfazer até receber a orientação” Ninguém com ninguém” todos vão desconstruir as suas posturas e procurar um novo par.

b) Adaptado para presencial: Durante a pandemia as pessoas fizeram individualmente esse exercício.

c) Realização/ Elaboração:

Os jogos de integração são fundamentais para que se consiga de forma rápida a

confiança e a colaboração mútua da turma. Elaboração: Em roda perguntei sobre facilidades e dificuldades do exercício. Comentário do aluno: Sentiu resistência quando fez dupla com outro homem. ficou um pouco travado nos movimentos. Conversamos sobre a masculinidade tóxica introjetada na sociedade. O quanto, na idade adulta, em nossa cultura, os homens deixam de ter o toque físico com outros homens com receio de serem vistos como homoafetivos.

a) **Exercício 3: MOVIMENTO PREMEDITADO**¹⁷

1ª Categoria: Sentir tudo que se toca; 1ª série.

Nesse exercício, os atores se movem com premeditação. Devem ser dividido o momento de pensar cada movimento antes de realizá-lo. Deve ser explorado todos os níveis e sentidos do movimento, o importante é refletir sobre o próprio corpo e planejar cada movimento antes de executá-lo.

b) **Adaptação para presencial:** Não

c) **Realização:** Movimento Premeditado

3ª categoria: Ativando vários sentidos; série dos cegos

Fotografia 19 - Exercício Movimento premeditado



Fonte: Arquivo da Autora, 2021.

¹⁷ Boal, 2014, p. 101.

a) Exercício 4: Desenhar o próprio corpo.

Nesse exercício com os olhos fechados deitado no chão. Deve – se observar todo o seu corpo, percebê-lo em todas as suas partes, ainda com os olhos fechados desenha – lo em uma folha.

b) Adaptação para presencial: Não

c) Realização/ Elaboração:

Durante esse exercício foi observado mais disposição por parte das (os) estudantes para desenhar, uma vez que todas(os) estavam com os olhos fechados e não se sentiam cobradas (os) em fazer um, desenho pautado em um rigor técnico.

Fotografia 20 - Desenhando o próprio corpo



Fonte: Arquivo da Autora, 2021.

a) Exercício 5: *MASSA DE MODELAR*¹⁸.

¹⁸ Boal, 2014, p. 165.

Nesse exercício é uma sequência do exercício anterior, ainda com os olhos fechados o corpo vai sendo modelado com o uso de massinha de modelar.

b) Adaptação: Não

c) Realização:/Elaboração:

Assim como o desenho, modelar o próprio corpo com os olhos fechados permitia –lhes uma maior liberdade, no entanto, a modelagem é uma linguagem culturalmente pouco explorada e ao explorarmos essa expressão com os olhos fechados, somos conduzidos a pensarmos atentamente em todas as partes do nosso corpo.

Fotografia 21 - Massa de modelar



Fonte: Arquivo da Autora, 2021.

a) Exercício 6: O QUE MAIS ME IMPRESSIONOU NOS ÚLTIMOS TEMPOS?¹⁹
com o desdobramento em Sinestesia do Branco sobre Branco²⁰.

¹⁹ Boal, 2009, p. 199.

²⁰ Santos, 2018, p. 102.

Nessa primeira etapa da atividade, todos vão escrever em uma folha branca, um texto sobre o que mais os impressionou nesse últimos tempos. Ao finaliza- lo, deverão fixar em um ponto da sala para que todos possam ler .Como desdobramento, os participantes deverão escolher um dos textos que não seja o seu próprio, e criar uma imagem que sintetize a essência do texto, utilizando somente folhas brancas. Depois é feita uma exposição com todos os trabalhos produzidos para reflexão coletiva.

b) Adaptação para o presencial: Não

c) Elaboração/ Realização:

Nesse exercício, eu auxiliei na escrita e na leitura dos textos, muitos haviam se alfabetizado recentemente e não tinha o domínio pleno de uma produção textual.

Fotografia 22 - o que mais me impressionou nos últimos tempo?



Fonte: Arquivo da Autora, 2021.

Fotografia 23 - Sinestesia no papel em branco



Fonte: Arquivo da Autora, 2021.

a) Exercício 7: A imagem da Hora²¹.

No exercício, o facilitador vai narrando as diferentes horas do dia, dias da semana, feriado e datas comemorativas. Cada jogador, simultaneamente vai realizar as suas ações que costumam fazer cotidianamente nesses horários.

b) Adaptação para presencial: Não

c) Realização facilitador/Elaboração:

Aqui faço um breve relato sobre a experiencia com esse jogo nesse grupo:

O relógio da turma foi o seguinte: `uma hora da manhã, os mais jovens estavam vendo o celular, às 5 horas da manhã, a maioria da turma já estava de pé saindo para o serviço; às 23h retornavam para casa; 19h, estavam na escola, às 17:30h, saíam das fábricas e casas de família; 18h estavam no transporte coletivo abarrotado; nos feriados, uma aluna comentou ao ver imagens de atividades muito intensas na sala nestes dias de descanso: - “*pobre não tem feriado*; Natal e Ano Novo, novo comentário de outra participante: “ – *as mulheres trabalham o tempo*

²¹ Boal, 1996, p. 131.

todo nos afazeres domésticos nas casa dos patrões ou nas suas para os outros se divertirem”;

Outro aluno chamou a atenção: Ao executar os movimentos que realiza em uma marcenaria, fazia com tanta precisão que era possível visualizar cada etapa do processo produtivo, como o corte da madeira, acabamento dos filetes, o carregamento para o veículo para entrega para o cliente; já outro, que era cabeleireiro trabalhava de terça a domingo. Tinha tanta cliente para atender que fazia os movimentos perfeitos e repetitivos do secador de cabelos. Ele percebeu que nos seus dias de folga, segunda-feira, também trabalhava de forma voluntária na igreja messiânica na confecção de Ikebana, pois desejava dar formação desta técnica que ele dominava. Para isto, precisava do diploma por isto procurou a EJA; outra estudante, comentou que se viu muito sobrecarregada porque além do serviço fora de casa, também tinha os afazeres domésticos sem nenhuma ajuda dos filhos que moravam com ela – uma situação típica para uma cena de teatro-fórum²² relâmpago! Ela se percebeu oprimida pelos filhos. Não dei sequência a construção do fórum porque o sinal de fim da aula tocou na escola.

Análise sobre o Exercício:

O exercício produziu uma discussão coletiva muito profunda na turma: Seus corpos estão condicionados aos movimentos mecanizados dos seus trabalhos, todos realizaram com excelência cada gesto das ações que realizam para executar as suas funções profissionais, e se deram conta dessa naturalização ao realizar o exercício, pois no dia – a dia, seus corpos são consumidos pelas suas rotinas.

²² Teatro – Fórum: técnica do sistema do TO, onde o espect-ator entra em cena e substitui a pessoa oprimida e propõe alternativas para a quebra da opressão da cena.

Fotografia 24 - A Imagem da Hora – fazendo escova em suas clientes



Fonte: Arquivo da Autora, 2021.

a) Exercício 8: Homenagem à Magritte²³,

Quarta Categoria: No Jogo, uma garrafa é utilizada, e cada jogador (a) vai criar uma imagem com a garrafa, atribuindo ao objeto um novo sentido.

b) Adaptado para o presencial: Não

²³ Boal, 2005, p. 216.

c) Realização/Elaboração:

Nesse jogo com as garrafas, as imagens que surgiram foram: cabaça, balde de água, tirando leite da vaca, rolo de macarrão, pá de lixo, na sua variação com a cadeira, ocorreu a sua ressignificação, na qual está, era transformada em carregador de botijão de gás, carrinho de feira, carrinho de bebê. Todas as imagens tinham relação com a realidade econômica e financeira das (os) remetendo às reflexões de Boal sobre a acepção de Memória e imaginação. Memória: as imagens que surgiram estavam relacionadas as suas histórias de vida e Imaginação: suas histórias estavam sendo transformadas em estética.

Fotografia 25 - Homenagem à Magritte



Fonte: Arquivo da Autora, 2021.

- a) **Exercício 9: O GRANDE JOGO DO PODER**²⁴
- b) **Adaptação para o presencial:** Não
- c) **Realização/Elaboração:**

Fotografia 26 - O Grande Jogo do poder



Fonte: Arquivo da Autora, 2021.

Análise do Exercício :

Ao montar a primeira estrutura espacial, algumas leituras foram feitas como: confessionário, delegacia e igreja. Foi sugerido para que alterassem a configuração espacial de maneira e estabelecer novas estruturas de poder, assim surgiu a imagem da empresa de gás em que trabalha um dos estudantes, na sequência a mesa de reuniões do Presidente da República, recebendo o presidente do sindicato das distribuidoras de gás para falar sobre os preços abusivos.

- a) **Exercício 10: O JOGO DAS IMAGENS DO PODER**
- b) **Adaptação para o presencial:** Não
- c) **Realização/Elaboração:**

²⁴ Boal, 2005, p. 217.

Fotografia 27 - O Jogo das imagens do poder



Fonte: Arquivo da Autora, 2021.

a) Exercício 11: jogo de xadrez²⁵

Este jogo ainda não foi publicado no arsenal do TO apesar de ser aplicado em todas as oficinas do CTO. Após a morte de Augusto Boal. Por essa razão opto por utilizar as definições dos Curingas, Licko Turle e Cachalote Mattos os quais abdicaram do nome original do Jogo, Jogo da Velha Cansada, evitando, assim, reforçar o etarismo, substituindo por Jogo de Xadrez.

b) Adaptação para o presencial: Não

c) /Realização/Elaboração

Cada participante tem uma cadeira. As cadeiras são organizadas no espaço tal como um jogo de tabuleiro (damas, xadrez etc.). Todos devem se sentar na sua cadeira. O curinga pede para que um participante levante da sua cadeira, deixando-a vazia e dirija-se para o lado oposto da cadeira vazia e alguns passos distante do tabuleiro. A um sinal do curinga, a pessoa deve voltar caminhando para se sentar na sua cadeira. É neste momento que o grupo se

²⁵ Turle, 2021 – Oficina.

movimenta e alguém ocupa a cadeira vazia. Ao fazer isto, ele deixa a sua própria cadeira vazia e a pessoa tem que se dirigir a ela para tentar ocupá-la.

Mais uma vez, o grupo se movimenta e outra participante ocupa esta nova vaga obrigando a pessoa a dirigir-se para outra cadeira vazia deixada por ele para sentar-se. Assim, sucessivamente, todos se movimentam ocupando as cadeiras conforme ficam vazias, deixadas por outro participante de forma a não permitir que a primeira pessoa sente. O jogo termina quando a pessoa consegue sentar-se em alguma cadeira vazia. O último que estava sentado nesta cadeira ficará sem o seu lugar e passa a ser aquele que irá buscar, caminhando, uma cadeira vazia. Outra vez, todos se movimentam impedindo que se sente.

IMPORTANTE:

- 1 - A pessoa que se dirige a cadeira para se sentar não pode correr, somente caminhar.
- 2 - Grupo pode correr, mas, não pode tocar nas cadeiras, nem tirá-las do lugar
- 3 - É interessante que todas as pessoas passem pela experiência de ser o ‘caminhante’ pelo menos uma vez!

Análise sobre o Exercício:

Eu já havia feito este exercício várias vezes em Salvador, na condição de participante nas oficinas livres pagas facilitadas pelo curinga Licko Tule, voltadas para a classe média com nível de escolaridade elevado e que demoravam a criar estratégias de defesa da cadeira vazia; percebi que de forma diferente a turma da EJA entendeu muito rápido a dinâmica do jogo. Se articularam coletivamente para buscar estratégias e impedir que outra pessoa ocupasse o lugar na cadeira vazia.

Na elaboração, foram comentários muito ricos: associaram o jogo às brincadeiras de crianças; se sentiam leves; com muita atenção e foco no objetivo do jogo; a importância de brincar mais, sugeriram outros jogos infantis. Provoquei a turma para fazerem leitura metafórica do jogo com a vida em sociedade. um aluno falou que “poderia pensar na relação do jogo com a empresa onde trabalha”, *um puxando o tapete do outro para ocupar o seu lugar!*” Continuei a provocá-los: - E se pensarmos em hierarquia e política, como por exemplo a ameaça dos direitos dos trabalhadores, qual seria a estratégia possível? Outro aluno comentou: *“É preciso que o grupo seja muito bem articulado nas ações para não deixar que sentem nas suas cadeiras”*

Faço aqui, uma reflexão, com esse grupo em específico, que se sobressaíram melhor do qualquer outro grupo que eu tenha acompanhado em oficinas de TO, inclusive das quais eu fui estudante, isso me leva a constatar que as experiências subjetivas que esse grupo possui quanto as suas realidades sociais, refletiu diretamente no senso de coletividade ao buscar estratégias para sobreviver no jogo.

Fotografia 28 - Xadrez humano



Fonte: Arquivo da Autora, 2021.

a) Exercício 12 Hipnotismo colombiano²⁶.

Nesse jogo, o participante põe a mão próximo ao rosto de outro; este hipnotizado, mantendo a distância de seu rosto à mão do condutor, deverá movimentar-se acompanhando todos os movimentos do condutor.

b) Adaptação para o presencial: Não

c) Realização/elaboração:

²⁶ Boal, 2005, p. 91.

O que foi mais fácil? Hipnotizar ou ser hipnotizador? Metáfora de ser liderado ou liderar. Percebemos que poucos sentiram facilidade em ser o hipnotizador. Um aluno mencionou que já havia exercido cargo de liderança em uma fábrica montadora de automóveis no ABC porque havia sido supervisor de um grupo de operários e, portanto, não teve dificuldades em ser o hipnotizador. Já a maioria disse que se sentiu desconfortável na liderança por precisarem obrigar os outros a fazerem o que eles quisessem. Daí, fizeram movimentos curtos, tímidos sem conduzir os outros corpos pelo espaço ou optaram em não os deformar. Outro estudante disse que tinha dificuldades em lidar com situações de comando porque exige muita responsabilidade. Todos concordaram com este último e perceberam que, geralmente, preferem estar na condição de hipnotizados e comandados na sociedade

Fotografia 29 - hipnotismo Colombiano



Fonte: Arquivo da Autora, 2021.

Fotografia 30 - Hipnotismo Colombiano



Fonte: Arquivo da Autora, 2021.

a) Exercício 50: FOTO-RESPOSTA²⁷

b) Adaptação do exercício:

Este exercício, já mencionado anteriormente no Ensino Remoto, foi realizado, desta vez em modo presencial, porém as imagens solicitadas foram encaminhadas pelo grupo de WhatsApp. Desta vez com um grupo de Alfabetização em sua maioria mulheres, solicitei para que registrassem com duas imagens com as seguintes questões: “*O que você **mais** gosta e o que você **menos** gosta em ser mulher ou homem?* “E, que cada um respondesse através de fotos-resposta tiradas de seus celulares e postassem no grupo da turma coordenado pela professora de sala.

c) Realização/Elaboração:

Na semana seguinte, as(os) estudantes postaram suas fotos-resposta no grupo de WhatsApp, salvei-as em meu computador e trabalhamos de modo presencial para fazer as análises das imagens que foram projetadas na sala de vídeo.

²⁷ Boal, 2005, p. 124-128.

Seguem algumas imagens analisadas:

Fotografia 31 - Foto-resposta 1: O que eu mais gosto em ser mulher?



Fonte: Arquivo da Autora, 2023. Concedido por V.Z.

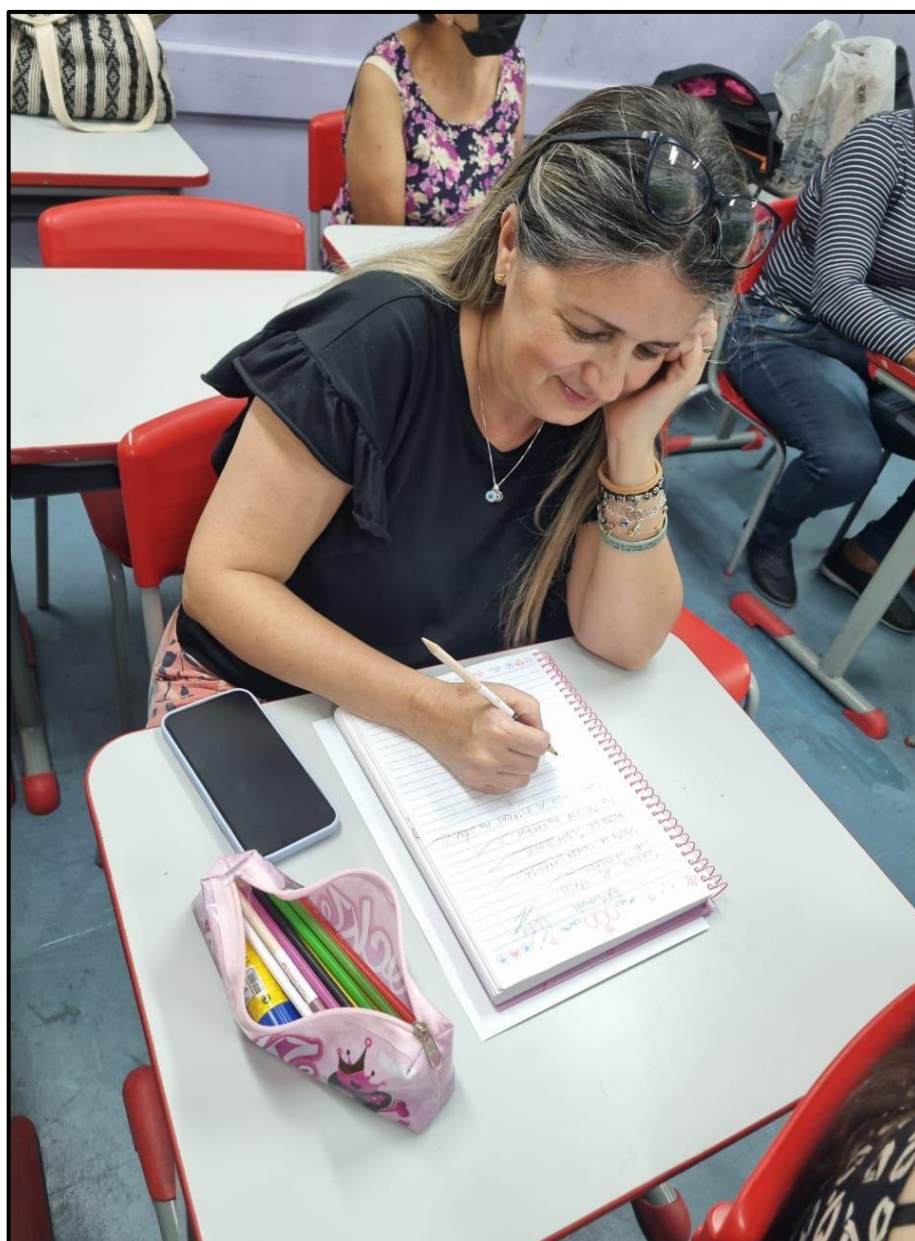
Fotografia 32 - Foto- resposta V: O que eu menos gosto em ser mulher



Fonte: Arquivo da Autora, 2023. Concedido por V.Z.

1 - Ao responder à pergunta sobre o que mais gostava de ser mulher, a estudante Sra. V., compartilhou a sua foto-resposta que foi registrada pelo seu companheiro, com a própria direção para representar os seus momentos de vaidade. Já na segunda imagem sobre o que menos gosta em ser mulher, a estudante – artista se auto revela em um momento de atividade doméstica. Ela nos contou durante a sua fala na aula, que tem pouco tempo para o Lazer, e que se sente muito sobrecarregada com tantas a demandas em sua casa.

Fotografia 33 - Foto- resposta A.: O que eu mais gosto em ser mulher



Fonte: Arquivo da Autora, 2023. Concedido por A.Z.

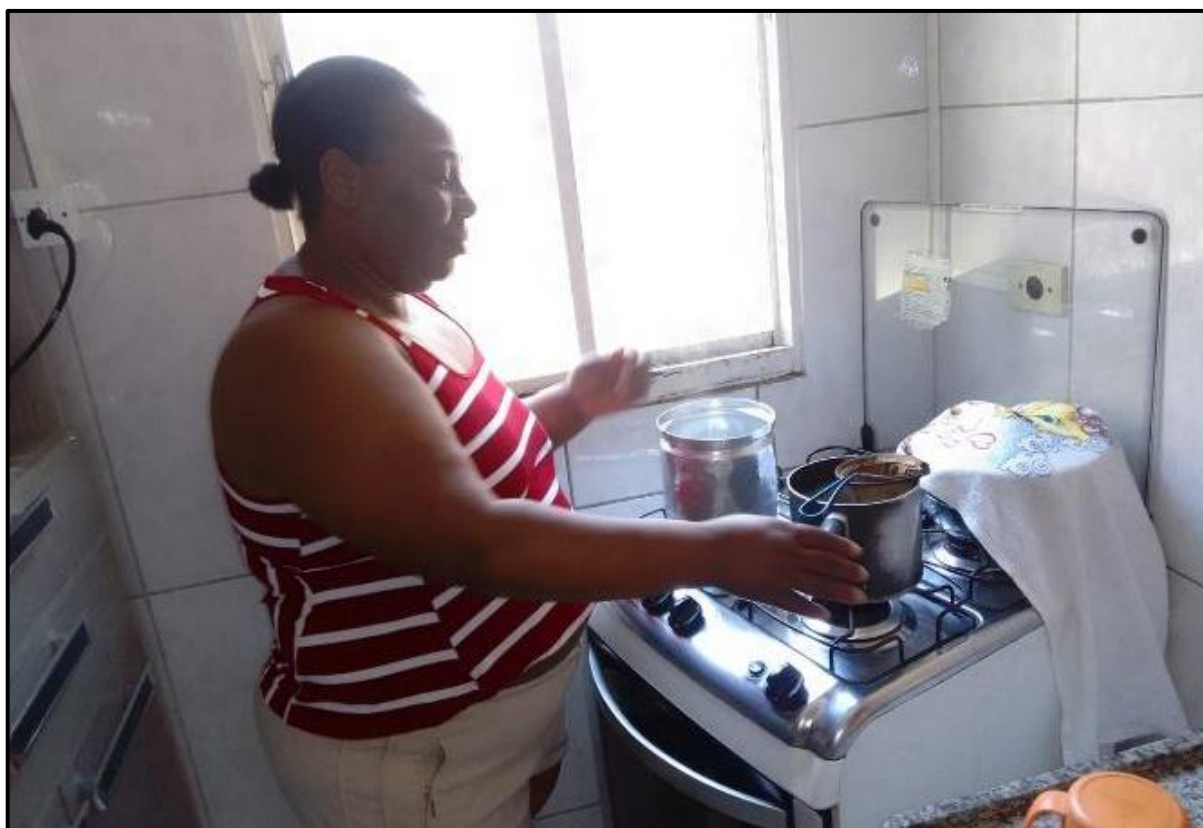
Fotografia 34 - Foto- resposta A. O que eu menos gosto em ser mulher



Fonte: Arquivo da Autora, 2023. Concedido por A.Z.

2 - A resposta de A. sobre o que mais gostava em ser mulher, a estudante, colocou que é a capacidade de superação ao retornar aos estudos, do qual durante muito tempo, lhe foi negado por ser mulher. A sua resposta sobre o que menos gostava de ser mulher foi dentre os fazeres domésticos que precisa realizar diariamente, além do trabalho e estudos, passar roupa é o serviço que menos gosta de realizar.

Fotografia 35 - Foto- resposta S: O que eu mais gosto em ser mulher



Fonte: Arquivo da Autora, 2023. Concedido por S.S.

Fotografia 36 - Foto- resposta S.: O que eu menos gosto em ser mulher



Fonte: Arquivo da Autora, 2023. Concedido por S.S.

3 - A Sra. S., nas duas fotos-respostas se representou em duas atividades domésticas distintas, como sendo algo inerente às mulheres. Ela sentia muito prazer em cozinhar, claro que não gostava da obrigação, e não gostava de lavar roupas. É responsável pelo cuidado com os seus sete netos enquanto as suas filhas trabalham fora. E trabalhava também no seu prédio como diarista. O que também a demandava muitos serviços domésticos diariamente.

Fotografia 37 - Foto-resposta V.: O que eu mais gosto em ser Homem?



Fonte: Arquivo da Autora, 2023. Concedido por V.S.

Fotografia 38 - Foto- resposta V.: O que eu mais gosto em ser homem?



Fonte: Arquivo da Autora, 2023. Concedido por V.S.

4 - Sr. V. um dos poucos homens que se manifestou no grupo, trouxe uma imagem sobre o que mais gostava em ser homem, que era cozinhar e que havia sido criado por seus avós e aprendido com eles. Interessante, que conversando com as diferentes realidades do grupo, surgiram questionamentos como sendo ele uma exceção entre a maioria dos homens e não a

regra. Já na segunda imagem ele mostra um momento de lazer, em que estava em frente ao seu prédio para ir à praia.

Conversamos sobre essa imagem e chegamos à conclusão que embora enquanto homem, realizasse atividades domésticas, tirar um dia de folga era um privilégio masculino.

Análise do exercício:

Podemos observar pelas imagens e comentários explicativos feito pelas alunas e o único aluno desse grupo acima, que as na visão das mulheres a existência em “ser mulher” está reduzida às atividades domésticas. O grupo escolheu duas imagens como síntese para darmos sequência ao trabalho de sinestesia.

As imagens escolhidas foi a da Sra. V. e a do Sr. V., que representavam claramente as oposições de gênero.

A Sra. V. queixou – se que não tinha “momentos de lazer”, e então construímos cenicamente a sua “imagem ideal” em um dia de folga.

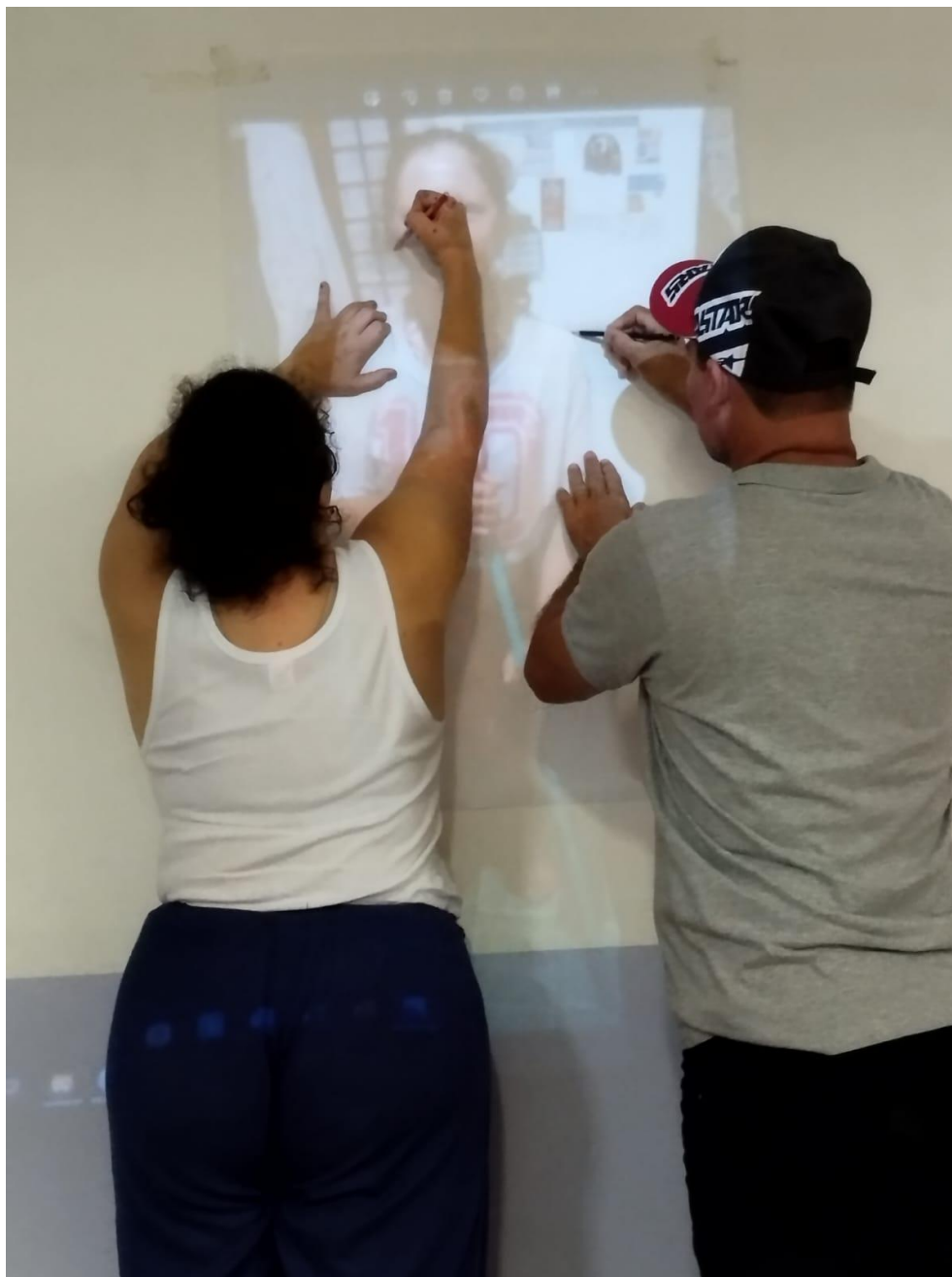
Fotografia 39 - Imagem Ideal ou O Meu dia de folga!



Fonte: Registro da Autora, 2023.

Na sequência transpusemos para a linguagem da fotografia para pintura, primeiro sugamos a imagem que estava projetada para o papel Sulfitão²⁸.

Fotografia 40 - Sugando a imagem na projeção



Fonte: Registro da Autora, 2023.

²⁸ Papel Sulfitão 66x96 56 GRS

Fotografia 41 - Sinestesia – Pintura – Eu não tenho descanso!



Fonte: Registro da Autora, 2023.

Fotografia 42 - Sinestesia Pintura – Dia de Folga – Homem



Fonte: Registro da Autora, 2023.

As imagens foram pintadas com giz pastel e tinta aquarela. O objetivo foi trabalhar a sinestesia²⁹, percepção simultânea de sensações diferentes, ou transposição de uma linguagem artística para outra, trabalhando com diferentes canais estéticos, usando a palavra, imagem e

²⁹ Sinestesia Boal 2014, p. 206.

som, infelizmente o ano foi finalizado e ficamos somente na imagem, deixando pendente essa experiência, o uso da palavra com a construção de poemas e o uso do som com a criação de uma melodia para as imagens surgidas e as experiências narradas.

Análise do Exercício:

Foi observado nesse exercício da foto- resposta, agora com a discussão e os seus desdobramentos no modo presencial, que se trata de um exercício bastante potente para captar os temas geradores de discussão e reflexão sobre as realidades trazidas pelas fotografias. E que até mesmo as imagens que estão em uma perspectiva mais otimista, aparentemente sem uma intencionalidade crítica, ao colocar a questão sobre “o que mais gosta”, demonstram também um discurso carregado de opressões não explícitas, e que são reveladas por meio das reflexões durante as exposições das imagens. Portanto, considero esse exercício da Foto – resposta um método muito eficaz para trabalhar as práticas políticas – pedagógicas no ensino da Arte na EJA podendo ser adaptado para trabalhar com diferentes temáticas.

4. MEMORIAL DESCRITIVO ACADÊMICO: PROJETO DE TEATRO FÓRUM COM ALUNOS DA EJA

Este memorial descritivo visa relatar a trajetória do espetáculo de Teatro Fórum “Poucas Palavras” desenvolvido com alunos da Alfabetização e da Pós – alfabetização na Educação de Jovens e Adultos (EJA), no contexto de uma pesquisa para o mestrado. A proposta teve como principal objetivo a aplicação do método do Teatro do Oprimido, criado por Augusto Boal, com o intuito de proporcionar uma reflexão crítica sobre as opressões vividas por mulheres em contextos de violência doméstica. Através da construção coletiva de uma peça, o grupo buscou não apenas entender as dinâmicas de opressão, mas também encontrar formas de intervenção e transformação das realidades retratadas.

Conforme mencionado no primeiro capítulo, ao apresentar o Teatro do Oprimido, o Teatro-Fórum é uma das técnicas que compõem esse sistema. Aqui, utilizo os conhecimentos adquiridos no Módulo II do curso de especialização em Estudos de Teatro do Oprimido – Práticas Político-Pedagógicas, ministrado pelo professor Licko Turle em janeiro de 2024. Nesse módulo, foi abordada a técnica do Teatro-Fórum, que faz parte do Tronco do Teatro do Oprimido, e eu tive a oportunidade de praticá-la como aluna. Vou utilizar minhas observações sobre o Teatro-Fórum antirracista *O Pregador*, apresentado por alunos da Escola de Teatro da UFBA, como conteúdo desse mesmo curso. Segundo o professor Licko, esses são os principais pontos para organizar uma peça de Teatro-Fórum:

a) A Técnica do Teatro Fórum

O Teatro-Fórum é uma das sete técnicas do Teatro do Oprimido, que, junto com os jogos, exercícios e Ações Concretas e Continuadas, compõem a chamada "Árvore do Teatro do Oprimido" — uma metáfora que sintetiza o sistema teatral desenvolvido por Augusto Boal.

A Dramaturgia do Teatro- Fórum

A dramaturgia do Teatro-Fórum resulta das pesquisas de Boal, apresentadas em seu livro *Teatro do Oprimido e Outras Poéticas Políticas*, onde ele explora os efeitos que o teatro exerce sobre o espectador, como a catarse aristotélica, a reflexão e o distanciamento crítico brechtiano, além de outras poéticas.

As três etapas de uma sessão de Teatro-Fórum

Para que uma sessão de Teatro-Fórum ocorra com sucesso, são necessários alguns procedimentos para que o público compreenda claramente as regras do teatro-jogo e possa participar ativamente. A sessão é dividida em três etapas principais:

1. **Aquecimento físico-ideológico**
2. **Apresentação do Anti-modelo**
3. **O Fórum**

Aquecimento físico-ideológico ou desmecanização do espectador

E uma sessão de Teatro-Fórum, o público é convidado a participar ativamente, transformando-se de espectador (cidadão passivo) em *espect-ator* (cidadão ativo que deseja modificar a realidade opressora).

Os atores, por sua vez, já estão aquecidos fisicamente, pois isso faz parte de sua rotina profissional. Também possuem domínio sobre o tema, uma vez que estudaram e, participaram do processo dramatúrgico. Nesse contexto, cabe ao *curinga*, com o auxílio do elenco, realizar uma microoficina com o público para engajá-los e prepará-los para a interação.

A Microoficina de Teatro do Oprimido (TO)

O *curinga* deve selecionar pelo menos três exercícios do Arsenal do Teatro do Oprimido (TO) para conduzir com o público.

Segundo as anotações que fiz durante as aulas, o professor Licko aponta que todos esses efeitos têm um objetivo político: apassivar ou ativar o público. As formas espetaculares promovidas pela elite no poder geralmente apassivam — com o objetivo de manter o poder. Já as formas populares têm o potencial de ativar o espectador.

Aquecimento Ideológico

Após o aquecimento do corpo, o *curinga* realiza um aquecimento ideológico, dedicando a sessão de Teatro-Fórum a uma pessoa ou organização que sofreu ou luta contra a opressão. Na sessão do *Pregador*, obra de *Teatro Fórum antirracista* que foi apresentada, exclusivamente

para a nossa turma de especialização em Teatro do Oprimido no primeiro dia de aula na Escola de Dança da UFBA, a curadora Taiana Lemos, Dra. do PPGAC e professora da Rede Municipal de Salvador, dedicou ideologicamente a apresentação daquele dia à ginasta Rebeca Andrade, que no dia anterior havia conquistado a primeira medalha de ouro para o Brasil, nas Olimpíadas de Paris. Esta menção, é uma forma de trazer o foco do espectador para o tema da peça sobre a luta da mulher negra para atingir os seus objetivos na vida profissional. Este recurso de trazer a memória coletiva da audiência, um fato ocorrido na realidade antes do início de uma obra de ficção que também vai tratar de uma personagem feminina negra é fundamental para criar um ambiente propício para o público fazer analogias (a) sobre a opressão apresentada com situações reconhecidas por ele. O professor observou que este é um procedimento utilizado desde a época do Teatro de Arena.

O Anti-modelo e a Dramaturgia do Teatro-Fórum

Um texto de Teatro-Fórum é criado a partir de jogos, exercícios e técnicas do Teatro do Oprimido aplicados em cursos, oficinas ou grupos temáticos. Durante a oficina, os participantes mostram, por meio de imagens, palavras ou sons, situações de opressão que vivenciam ou vivenciaram em suas realidades.

A estrutura dramática para a construção do Anti-modelo é a seguinte:

- **Contrapreparação:** cenas iniciais onde as personagens oprimidas são apresentadas. O desejo e a vontade da protagonista de mudar a realidade devem ser claros e inequívocos.
- **Peripécias:** conflitos que a personagem enfrenta ao tentar escapar de seu destino trágico traçado pela elite hegemônica, criando a ilusão de que a oprimida atingirá seus objetivos.
- **Crise Chinesa:** o principal conflito onde o Opressor e a Oprimida têm o último embate, um momento em que ainda há possibilidade de tomada de decisão pela oprimida.
- **Fracasso:** cena em que a protagonista não consegue quebrar a dinâmica do opressor e termina a obra oprimida.

Interpretação para o Teatro-Fórum

Os atores devem “apresentar as personagens”, e não “interpretá-las”. Em especial, isso vale para personagens opressoras e para palavras com conotação racista, homofóbica, machista, e frases de senso comum.

O “distanciamento brechtiano” é bem recebido na interpretação, assim como a triangulação da *Commedia dell'Arte* e o uso do “à parte” direcionado ao público, fundamentais para que os espectadores identifiquem a ideologia de cada personagem e utilizem esse “conhecimento” para suas futuras intervenções.

A Encenação e o Uso da Imagem, Palavra e Som

As canções e demais recursos brechtianos auxiliam o público a ter uma recepção “distanciada” que permita chegar à “tomada de consciência crítica” sobre a realidade social. Aqui, entra a Estética do Oprimido!

A Estética do Oprimido

Fundamental para a construção do Anti-modelo e para a interpretação dos espectadores é a realização de uma oficina de Estética do Oprimido. Nesse processo, os atores iniciam uma comunicação estética e produzem cenários, adereços, figurinos, perucas e visuais com base em suas subjetividades, refinando a visão coletiva do elenco. A composição sonora, textos e subtextos também são desenvolvidos nesse período.

O Objeto-Quente

Em uma das aulas, com a presença do professor e cenógrafo, Cachalote Mattos, onde apresentamos as nove cenas Fórum criadas durante o módulo, II. Eles comentavam sobre os objetos quentes que poderiam ser criados para cada uma das cenas e explicaram a função deste outro recurso cênico da seguinte forma: Nas obras de Teatro-Fórum, é comum que algum adereço ou peça de figurino seja um “objeto-quente”. Chama-se assim o objeto que carrega significados de opressão e simboliza algum aspecto opressor de uma personagem. No caso, de *Poucas Palavras*, usamos o livro, o avental, a vassoura e o controle remoto do marido. Cabe aos atores usarem esses elementos “vestindo” os espect-atores à medida que aconteçam as intervenções do público.

O Fórum e o Curinga

Para que ocorra um debate, é necessária a mediação, a qual estabelece regras e acordos para que o embate de ideias aconteça em condições de igualdade para as partes envolvidas. O Teatro-Fórum é um debate estético e, por isso, também precisa de mediação, regras e limites.

A pessoa que exerce essa função foi nomeada por Augusto Boal de Curinga. Boal já havia experimentado essa função nos anos 1970, no grupo Teatro Arena em São Paulo, ao inserir, no texto *Arena Conta Tiradentes*, a personagem Coringa, que possuía poderes cênicos para pausar uma cena, explicá-la ou entrar para alterá-la.

O que é uma Sessão de Teatro-Fórum?

É a reunião de pessoas que compartilham um problema ou questão e desejam discutir e analisar esteticamente alternativas para interromper ou quebrar a dinâmica da opressão ou o modo de operar do opressor.

A Função dos Atores Durante o Fórum

Os atores têm grande responsabilidade para que o fórum ocorra conforme planejado. As personagens apresentadas no Anti-modelo serão movimentadas como no jogo de xadrez. O professor utilizou o exercício do jogo de xadrez para explicar a movimentação das personagens opressoras durante o fórum. No exercício uma pessoa tem o desejo de sentar em uma cadeira, mas ao caminhar para ela outras pessoas vão sentar na cadeira, deixando outra vazia mais longe. Isto obriga a pessoa oprimida a buscar outra estratégia para sentar na outra cadeira vazia, que ao se dirigir a ela também será ocupada pelos personagens opressores. como em um jogo de xadrez, movidas pelos espect-atores para a criação de novas dramaturgias e desenlaces cênicos alternativos ao fracasso das personagens oprimidas.

Ao serem confrontados pelo espect-ator, até entender a estratégia proposta por ele, o ator deve fazer perguntas ao espectador. Assim que perceber a proposta, o personagem-opressor, se for o caso, deve aumentar gradualmente o nível de opressão conforme o espectador avança no jogo, conforme o procedimento do exercício “Empurrar Um ao Outro”.

Espect-ator/atriz

No Teatro do Oprimido, o espect-ator é convidado a subir ao palco, discutir as cenas, propor soluções para os conflitos apresentados e até modificar o desenrolar da história. Essa participação ativa transforma o espectador em agente de transformação e o encoraja a aplicar essas ações na realidade, promovendo uma forma de empoderamento social e político.

Esses foram alguns dos pontos fundamentais que registrei para compreender o funcionamento da estrutura do Teatro Fórum. Na sequência vou descrever a minha experiência em aplicar esses conhecimentos com o grupo de alfabetização.

b) Relato da Experiência

1º Dia - Realizamos alguns jogos de Teatro do Oprimido (TO) — "Imagem da Palavra". Durante uma das conversas sobre a ausência de uma das alunas, que costumava ser bastante frequente, descobrimos que ela havia sido proibida pelo marido de retornar à escola. Ele alegava que ela não estava avançando, já que estudava há algum tempo e ainda não sabia ler e escrever. As estudantes informaram que, de acordo com uma vizinha próxima à família, a aluna chorava muito pela falta da escola. O grupo queria marcar uma visita à colega, mas temia uma possível reação violenta do marido contra elas e contra a própria mulher. Sugeri, então, montar uma peça de teatro — um Fórum sobre a história da estudante. Expliquei como funcionava o Teatro Fórum e fiz o exercício do “Menor Fórum do Mundo” para dar uma referência prática. Todos, a princípio, aceitaram bem a proposta.

2º Dia - Havia poucos alunos nesse dia e comecei a questionar a viabilidade de seguir com o projeto. A turma era pequena, com apenas 7 estudantes frequentes. Aqueles que vinham com mais frequência também faltavam eventualmente por dificuldades com seus trabalhos, familiares ou problemas de saúde.

Conversei com a professora regente da sala sobre a possibilidade de trabalharmos em parceria com o grupo. Sugeri ir às terças-feiras na escola, fora do meu horário escolar, e realizar os ensaios junto com o horário dela. Considerando que a aula de alfabetização era vista pelo grupo como mais importante, e a aumentaria. Expliquei à professora que se tratava de um projeto para a pesquisa do meu mestrado, e ela prontamente se dispôs a ajudar.

A professora me informou que alguns integrantes do grupo não estavam gostando dos jogos e exercícios aplicados anteriormente. Eles não viam sentido na proposta, se sentiam infantilizados e não tinham o corpo disponível para os movimentos, o que, para minha surpresa,

era uma queixa das estudantes mais participativas. Agradei pela informação e decidi aplicar o Teatro Fórum de maneira mais direta, talvez fazendo mais sentido para elas.

3º Dia – Expliquei a proposta novamente ao grupo, destacando que ninguém era obrigado a participar. Eu só seguiria com o projeto se fosse de real interesse do coletivo. Levantei a possibilidade de juntar as turmas com o grupo da Pós-Alfabetização para motivá-los a participar. O grupo não hesitou, e um dos estudantes sugeriu que começássemos a ensaiar naquele mesmo dia. E assim, iniciamos os ensaios.

Sugerimos que fizessem uma improvisação sobre a situação da aluna V., que o marido não deixava mais retornar à escola. Eu e a professora Rose saímos da sala para que eles se sentissem mais à vontade, mas, cinco minutos depois, percebemos que eles só haviam discutido a história, sem teatralizá-la. Sugeri que transformassem a história em imagens em movimento, sem fala, como fizemos nos exercícios anteriores. Quando retornamos, fizeram uma cena improvisada que retratava uma situação vivida em sala. Em seguida, sugeri que comesçassem a criar diálogos. As falas da protagonista começaram a surgir: ela falava que gostava muito da comida da escola, sempre levava frutas amais para o marido, e que se sentia melhor na escola do que em casa. Ela não queria faltar às aulas de jeito algum, pedia sempre um abraço aos colegas e relatava se sentir explorada em casa pelo marido e pelas filhas. Registrei essas falas e comecei a pensar em possibilidades de cenas a partir desses relatos.

Ao final, o grupo relatou que foi muito divertido e que o tempo passou rápido.

4º Dia - Para minha surpresa, todos estavam presentes na quinta-feira seguinte, inclusive os que haviam faltado na terça-feira. Iniciamos a aula estabelecendo que não exporíamos a colega que supostamente poderia retornar à escola e se sentir constrangida com a história. Decidimos, então, não compartilhar a verdadeira identidade da pessoa, e utilizamos outros nomes. Compreendemos também que aquela história não era exclusiva da estudante em questão, mas sim uma realidade recorrente entre as mulheres da EJA.

Fizemos o improviso da primeira cena: a mulher realizando atividades domésticas. O marido entra, pega o controle remoto, senta no sofá e começa a assistir futebol. Enquanto a mulher varre a casa, as filhas pedem que ela lave suas roupas, o marido pede que busque água, prepare sua comida e reclama da sua presença na frente da TV, que atrapalha a visualização do jogo. Ele se irrita porque o time está perdendo, desliga a TV e sai de cena. A mulher se sente desolada, senta-se no sofá e, então, reage: pega os livros e, mostrando-os à plateia como um troféu, decide ir à escola para continuar seus estudos.

Refizemos a cena, mas com falas. O ator que fazia o papel do marido, em sua ética, estava incomodado com o personagem machista e tinha dificuldade em expressar essas atitudes. Conversamos com ele, explicando que era importante ressaltar essa figura machista, pois representava uma realidade comum para muitos homens. Dizer a verdade sobre esse comportamento daria maior potência para a discussão no Teatro Fórum.

Em seguida, fizemos a cena da sala de aula, onde a estudante pedia um abraço.

5ºDia - A partir das cenas de improviso, começamos a escrever a peça do Teatro Fórum, alterando algumas relações e características das personagens, além de incluir novas informações para que se adequasse à estrutura dramatúrgica do Teatro Fórum. Construímos uma cena que antecede a primeira, com o intuito de fazer a contra-preparação e evidenciar o desejo da protagonista. Nesta versão, a protagonista revela à sua família que se matriculou na escola e, finalmente, poderia escrever cartas para eles, ler receitas, letreiros de ônibus, mexer no celular, dirigir e se tornar enfermeira. Decidimos incluir uma das suas filhas como aliada de seu marido, questionando sua idade para voltar a estudar.

6ºDia - Neste dia, discutimos a questão da ausência de alguns estudantes, que informaram que não poderiam comparecer a todos os ensaios. Decidimos, então, realizar ensaios com um elenco maior, para a eventual substituição de personagens. Consideramos reunir os estudantes da pós-alfabetização, que já haviam sido meus alunos e, naquele momento, eram alunos da professora Marla.

Fizemos a leitura dos textos, distribuindo uma cópia para cada dupla. Embora não soubessem ler, eles puderam visualizar as palavras e se familiarizar com elas. Enquanto eu lia o texto e explicava a estrutura dramatúrgica, percebia alguns estudantes se arriscando nas leituras. Em seguida, começamos a ensaiar a cena com o acompanhamento da música "Voando para o Pará" (instrumental, com a cantora Joelma). Apesar de o ideal no Teatro do Oprimido ser a criação própria da música, não tínhamos tempo para esse processo, então optamos por essa música de uma artista bastante popular entre as estudantes.

Durante o ensaio da cena, eu lia as falas para que os estudantes pudessem se orientar. Aos poucos, eles começavam a memorizar suas falas. Essas intervenções foram essenciais para garantir que o processo cênico se fixasse melhor. Percebi que, sem essa ajuda, eles ficavam perdidos, necessitando de uma orientação mais direta.

Nesta mesma semana, devido à realização de nosso projeto e em conversa com a nossa coordenadora pedagógica, Alessandra Lopes, tivemos a visita de uma representante da Casa

Beth Lobo, que é um Centro de Referência à Mulher em Situação de Violência. Nessa instituição, localizada no município de Diadema, as mulheres que sofrem algum tipo de violência, recebem apoio psicossocial e orientação jurídica. Na palestra que aconteceu em nossa escola, a coordenadora do programa descreveu os tipos de violência de gênero e as suas principais manifestações, passou orientações sobre os órgãos que poderiam recorrer em casos de violência de gênero. A palestra foi importante para mobilizar a escola sobre o tema, e inclusive a questão da proibição das mulheres retomarem seus estudos, entrou na pauta dos debates entre o grupo. Um estudante, pontuou um caso de um colega ter sido impedido de estudar por sua esposa, e foi necessária uma discussão sobre a questão de gênero dentro desse contexto. A palestra, também gerou muita conversa no ensaio seguinte, o que foi muito rico.

7ºDia- Conversei com a professora Marla O'Hara, docente de Arte da pós-alfabetização, sobre a possibilidade de uma parceria. Expliquei o contexto do projeto, e ela prontamente se dispôs a ajudar. Além de professora de Arte, Marla O'Hara³⁰ é também professora de um curso profissionalizante de teatro em São Paulo e tem vasta experiência com o Teatro do Oprimido, tendo participado da formação do programa "Teatro do Oprimido de Ponto a Ponto", realizado por Boal em Santo André.

Organizamos um encontro com ambas as turmas reunidas, aproveitando que os horários de aula coincidiam. Nesse dia, o professor Licko Turle³¹ participou do ensaio, fazendo uma breve apresentação sobre o Teatro do Oprimido e sua importância para a transformação da realidade. Eu e a professora Marla de.... fizemos a leitura do texto para contextualizar o novo grupo, discutimos a opressão sofrida pela protagonista e sua relação com as realidades das mulheres presentes. Marla perguntou às mulheres do grupo se já haviam sofrido violência em seus relacionamentos, e todas responderam que sim, compartilhando suas histórias. Uma estudante contou que sofreu agressões do marido até o dia em que decidiu sair de casa com os filhos e começar uma nova vida, apesar das dificuldades. Outra estudante mudou de estado para fugir do marido, e um dos estudantes relatou que cresceu vendo sua mãe sofrer violência do pai, que a proibia de frequentar a escola, como no texto da peça.

Após essa reflexão, realizamos um breve fórum verbal. Questionamos os estudantes sobre possíveis intervenções para mudar a realidade da protagonista. Uma estudante sugeriu

³⁰ Marla O'Hara professora de Arte das redes municipais de Ensino de São Paulo e Diadema. graduada em Artes Cênicas pela Escola de Comunicação e Artes da USP e mestre pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho.

³¹ Licko Turle é ator, diretor, professor e pesquisador em Teatro do Oprimido.

bater no marido, outra optou por sair de casa e alugar uma casa para se mudar. Uma outra espect.- atriz, criou uma personagem, ela fez uma vizinha que denunciou a violência doméstica a um órgão responsável.

Em seguida, retomamos as marcações. Partimos do início para que o novo grupo pudesse acompanhar o que já havia sido construído, e fizemos as marcações das três primeiras cenas.

8ºDia- Devido ao período eleitoral para as eleições municipais de 2024, a escola, onde o atual prefeito vota, precisou passar por uma reforma. O forte cheiro de tinta impactou na ausência dos estudantes, comprometendo nossos ensaios por duas semanas.

9ºDia- Ao retornarmos, percebemos que o grupo havia perdido muito do que já havia sido construído. Decidimos realizar uma sequência diária de ensaios para não comprometer o ritmo da apresentação. Recomeçamos as marcações e refizemos as cenas que já haviam sido trabalhadas. Algumas personagens estavam mais definidas, pois as estudantes estavam mais frequentes, como a protagonista e as duas filhas. No entanto, na cena da escola, as estudantes não eram tão presentes, o que resultou em mudanças frequentes de atores, dificultando a memorização das falas e marcações. Como elas estavam em processo de alfabetização, não podíamos entregar o texto escrito, então, durante os ensaios, eu lia as falas para elas enquanto ensaiávamos, até que comessem a compreender o contexto da cena e memorizar as falas. Após a fixação das cenas, tentava realizar ensaios corridos, sem minhas intervenções, para que pudessem se sentir mais autônomas. No entanto, o excesso de rigidez não era produtivo, pois gerava um sentimento de incapacidade e não pertencimento à linguagem, então eu as deixava mais livres para improvisar e se expressar cenicamente.

10ºDia- Com a ajuda da professora Marla, que tem vasta experiência em direção, fizemos a marcação das cenas seguintes. Tínhamos um problema com o ator que interpretaria o marido. O primeiro ator parou de comparecer aos ensaios por motivos de trabalho. O segundo ator, do outro grupo, teve problemas de coluna e precisou se afastar. O terceiro ator teve dificuldades para interpretar um personagem abusivo, já que teve uma experiência semelhante com seu pai e não concordava com o comportamento do personagem. Conversamos com ele e tentamos explicar que, no teatro, o personagem abusivo não era uma representação de quem ele era, mas uma ferramenta para gerar reflexão sobre a realidade. No entanto, ele preferiu não fazer o papel, e respeitamos sua decisão.

Durante o ensaio, uma das estudantes assumiu o papel do marido, mas, para um teatro fórum, assumir um papel fora de seu lugar social não é o ideal. Solicitei a ajuda do professor Vinícius Menna³², que, por feliz coincidência, era ator e conhecia o Teatro do Oprimido. Ele prontamente se ofereceu para assumir o papel do marido. Conversamos sobre a dificuldade dos homens em escapar da masculinidade dominante e, por ser um ator mais experiente, acreditávamos que ele conseguiria separar o personagem de sua identidade pessoal.

11º Dia- Alguns adereços já estavam confeccionados, mas não foi possível realizar a confecção de maneira coletiva, como preconiza a estética do Oprimido. O tempo disponível para o projeto não foi suficiente para contemplar a criação de figurinos e adereços, então priorizamos o ensaio das cenas. Escrevi o roteiro com as sequências das cenas em letras caixa alta e encaminhei pelo grupo de WhatsApp, complementando com áudios explicando cada cena para que pudessem estudar em casa.

No ensaio, fizemos a passagem das cenas e ajustamos alguns pontos das marcações com os elementos cênicos. Começamos a ensaiar no espaço onde a apresentação seria realizada, para que os estudantes se familiarizassem com o ambiente.

Algumas técnicas de ensaio foram usadas:

- Passar a cena em câmera lenta
- Passar toda a cena dando gargalhadas exageradas. Esse exercício foi importante para deixá-las mais soltas e ter mais domínio na cena.
- Passar a cena de forma acelerada.

Depois fizemos uma simulação de um teatro fórum, para prepará-las para lidar com as diferentes intervenções, e como os personagens opressores vão intensificando e flexibilizando as suas opressões à medida que os espect-atores vão apresentando novas alternativas para romper com a opressão.

12ºDia- No dia 7 de outubro de 2024 realizamos o nosso Teatro Fórum. Com o apoio da gestão, o horário do jantar foi adiantado para às 19h, no horário da entrada, assim todos puderam jantar, subir para as suas salas. Enquanto isso, eu fazia a passagem de cenas com os

³² Vinicius Menna é Ator de Teatro do gênero Musical, professor da e de municipal de ensino do município de Diadema, graduado em pedagogia pela Universidade Federal de São Paulo – UNIFESP, mestrando em sociologia pela universidade de São Paulo – USP.

estudantes, sem a preocupação com tempo de parar para o jantar às 20h20, correndo o risco de interromper o fórum e pulverizar o público para o debate.

Dessa vez, seria no próprio espaço da apresentação com todos os elementos cênicos.

Os estudantes estavam incomodados pelo fato de não terem aula, não queriam assistir a uma peça de teatro, não compreendiam como um trabalho pedagógico e sentiam que haviam perdido a viagem indo à escola nesse dia. Enquanto eu passava a cena com as estudantes, a professora Marla passou nas salas para explicar a proposta do teatro Fórum para deixá-los mais tranquilos, informou que teriam as suas aulas e quando terminasse a segunda aula, iriam descer para ver o espetáculo.

Assim que terminou o ensaio, os estudantes foram sinalizados para descerem e se sentarem-na plateia, estávamos com presença de 40 pessoas aproximadamente. Eu e a professora Marla combinamos que ela assumiria a curingagem para que eu pudesse administrar melhor o andamento da cena e o meu olhar mais distanciado para a pesquisa durante o fórum, além de claro, ela já ter a experiência com a curingagem, considere mais prudente naquele contexto.

Às 20h20, os estudantes desceram com o semblante muito fechado, sentaram - se nas cadeiras reservadas aos espect-atores. Tivemos um público aproximado e a professora Marla começou com o aquecimento na Plateia, propondo o primeiro jogo que é “*Cruz e Círculo*” (já descrito anteriormente), ressaltando que para interação do público, o curinga pergunta se alguém conseguiu realizar os dois movimentos simultaneamente, fazendo a cruz e o círculo, sempre que alguém responde que sim, essa pessoa é convidada a vir para a frente e fazer para que todos possam ver a execução, e essa medição aproxima o público do espetáculo e cria uma atmosfera de familiaridade entre os presentes. Outro jogo realizado foi o “*Quando eu disser sim*”.

- Quando eu disser “sim” vocês devem dizer não, quando eu disser não, vocês devem dizer sim. Sim, sim, sim. Não, não, não...
- Quando eu disser “João” vocês vão dizer...(Nessa parte do jogo a plateia geralmente está condicionada a dizer Maria ou José, e gera risos ao serem surpreendidos com o nome de Luís.)
- Quando eu disser pão, vocês vão dizer...(a plateia costuma responder, queijo, leite, café...e riem ao serem surpreendidos por Mel).
- A professora Marla foi bastante didática para conduzir a mediação com o grupo da EJA, é preciso respeitar o tempo de assimilação das ordens, e ao mesmo tempo deve ter o humor presente para conquistar o grupo. E foi o que aconteceu, os espect-atores

já estavam abertos para receber o espetáculo, refletir sobre as situações de opressão que seriam apresentadas e assim poder intervir nele.

Após a apresentação, começou o fórum.

Durante a mediação, a professora Marla questiona o grupo sobre o que viram. Uma das estudantes responde que via um homem machista, que não deixava a esposa estudar. Todos do grupo concordaram com a mesma leitura. Outra estudante comentou que ele, o marido, achava que a mulher tinha que só lavar, passar, tomar conta dos filhos e dele. Outra comentou que era uma mãe, com filhos já criados, uma apoia e a outra não apoia. A curinga questiona o público sobre como ele faz para impedi-la de estudar? Algumas comentam que ele a ameaçava, humilhava, xingava. A curinga então pergunta: E tem alguém que concorda com isso? Todos responderam que não. Curinga novamente pergunta: E como é que ela reage diante dessa pressão para impedir que realize o seu desejo? Uma estudante comenta que tem hora que ela acredita, mas tem hora que ela se vê obrigada a tomar uma decisão: ou os estudos, ou continuar sendo oprimida pelo marido. Ou ela fica dentro de casa obedecendo-o ou vai para a rua. Ela desistiu da escola.

Curinga: Ela tentou não fez nada para tentar realizar o desejo dela?

Estudante: Sem ajuda acho que ela não conseguiria.

Curinga: Parou! Seguinte, diante do que vocês estão falando que ela não consegue realizar, porque ela foi humilhada, impedida, mas vocês reconhecem que ela tem um desejo. Vocês ficam felizes e satisfeitos com o final dessa história?

Plateia: Não!

Curinga: Isso é real? Acontece na vida real? De mulher que tenta batalhar, sonhar, realizar, trabalhar e o marido impede?

Plateia: Sim!

Curinga: então diante de tudo isso, faço a pergunta: Quem daqui gostaria de entrar na história no lugar da Cristina, que é a nossa oprimida, que tentou mudar a sua história, mas não conseguiu e fracassou. Quem agiria ou faria diferente do que ela fez nessa história?

Uma estudante levanta a mão e responde:

- Eu faria diferente!

- Curinga: Pode vir aqui, por favor! Ela vai dizer para gente qual momento que ela quer entrar na história para propor e agir diferente de Cristina.

Nessa intervenção a estudante quis entrar na parte que o marido coloca a condição “A casa ou a escola!”

A estudante se colocou firme diante do marido, respondendo a ele com autonomia e não se deixando calar. Mas de acordo com as observações do público, ela ainda não conseguiu alcançar o objetivo da protagonista.

Na segunda proposta, ainda na mesma cena o marido pela primeira vez toca em seu ombro e na reação ela avisa para que ele tire as mãos de cima dela, caso contrário, ela vai acionar a polícia. pois ela não tinha medo dele e era uma mulher independente e não precisava ser submissa a um marido arrogante como ele.

Na mediação com a curinga, uma das mulheres comentou que ele havia ficado com medo porque agora existia a lei “Maria da Penha”.

Curinga: Vocês acham que diante dessa intervenção que ela colocou, ele vai conseguir impedi-la de ir para a escola?

Plateia: Não, porque ela está enfrentando-o.

Na terceira intervenção, uma das estudantes ao saber que o marido a havia trancado dentro de casa para que ela não fosse à escola, usa uma das cadeiras que estava no cenário e simula que está saltando pela janela para fugir do marido. essa cena despertou muito risos na plateia e demonstrou muita criatividade por parte da espect- atriz.

Na outra intervenção, foi a entrada de um homem que, devido ao seu lugar social, aceitou substituir uma das filhas, se colocando no lugar do filho que defende a sua mãe. Essa intervenção foi interessante, pois trouxe ao público uma outra referência de masculinidade, uma vez que o espect- ator não se colocava em confronto com o pai, mas sim tentava estabelecer um diálogo demonstrando que era aliado da mãe e que não permitiria qualquer violência contra a sua mãe e que o pai deveria permitir que a mãe realizasse o seu sonho de estudar.

O resultado do espetáculo foi muito positivo, tanto as atrizes (o) como os /as espectadores e atrizes se entusiasmaram com o espetáculo e sugeriram novas montagens para contarem as suas vidas. É importante ressaltar, que o espetáculo acabou mobilizando toda a comunidade escolar da EJA, estudantes, professores e alunos.

Após conversar com as estudantes na aula seguinte, uma das nossas atrizes relatou que o seu filho foi assisti-la, e que ao final da apresentação ele quis levá-la para jantar no shopping

próximo à escola para comemorar a apresentação, ela comentou que se sentiu muito importante nesse dia.

Essa experiência de aplicação do **Teatro do Oprimido** (TO) nas aulas da EJA foi profundamente transformadora, tanto para os estudantes quanto para a própria dinâmica escolar e até mesmo para mim, enquanto pesquisadora de TO, professora de Arte, e até mesmo enquanto artista. Percebi, no decorrer desse processo, que fiquei imersa em uma escola desde a minha graduação em Artes Cênicas, e que a própria estrutura escolar para a aplicação de práticas teatrais dentro do ambiente escolar, não só me desestimulou, mas também não facilitou para que eu pudesse desenvolver a habilidade da direção teatral. Foi necessário ter enfrentado uma série de desafios e complexidades típicas desse contexto, para possibilitar um espaço de expressão, reflexão e resistência muito valioso.

Cito abaixo alguns pontos que considero pertinente serem destacados:

1. Desafios e Adaptações na Prática do TO:

- **Turmas Instáveis e Adaptação:** A oscilação na frequência dos alunos, comuns em turmas da EJA, exigiu constante adaptação. Essa realidade trouxe uma flexibilidade importante no processo, e as soluções que encontrei (como o convite à turma de pós-alfabetização, os ensaios intensivos fora do meu horário, o convite aos professores Marla e Vinicius) foram necessárias para manter o grupo motivado e o projeto em movimento.
- **Resistência ao Método:** A resistência inicial das alunas aos jogos de TO, por sentirem-se infantilizadas, foi um desafio significativo. Foi fundamental adaptar-me, ajustando a minha abordagem para a proposta do Teatro Fórum, o que acabou tornando o trabalho mais pertinente para o grupo. A capacidade de escuta e adaptação ao público é fundamental no TO.

2. O Impacto do Teatro Fórum:

- **Empoderamento e Reconhecimento:** A construção da história da protagonista, com base na realidade da aluna que não podia mais frequentar a escola, demonstrou como o TO pode proporcionar uma forma de empoderamento e reflexão crítica. O próprio processo de criar e dar voz a essa personagem ajudou as mulheres do grupo a se sentirem representadas e a pensarem sobre suas próprias experiências e em todas os obstáculos que as (os) estudantes da EJA continuam enfrentando para permanecerem na escola.

- **A Importância do Debate:** As intervenções no fórum demonstraram a potência desse método para a reflexão e a provocação. Quando os espect-atores (espectadores-atores) começaram a intervir, sugerindo alternativas para a protagonista, o teatro passou de uma simples representação para uma verdadeira ação coletiva de transformação.
- **Personagens e Conflitos:** O conflito central entre a protagonista e seu marido, um símbolo de machismo e controle, foi uma poderosa representação das opressões vividas por essas mulheres. As intervenções³³ trouxeram uma nova leitura de masculinidade e resistência que pode ser muito transformadora.

3. O Processo de Construção Coletiva:

- **Colaboração com a Professora Marla:** A parceria com a professora de Arte da pós-alfabetização, que também era experiente em Teatro do Oprimido, foi uma jogada inteligente. Ela trouxe uma perspectiva complementar e reforçou a credibilidade e a eficácia do processo.
- **A Escolha dos Personagens e a Identificação:** A dificuldade de encontrar um ator para interpretar o marido abusivo é reveladora. Essa resistência à interpretação de personagens opressores, como o marido machista, demonstra o quanto essas dinâmicas são sensíveis, e a falta de identificação com esse tipo de figura machista cria um dilema no processo de encenação. Isso também aponta para a importância do entendimento do papel social desses personagens, e como interpretá-los de maneira eficaz para provocar reflexões significativas.

4. Desafios Logísticos e Organizações:

- **Perda de Ritmo e Recuperação:** O período de pausa por conta da reforma da escola e a oscilação entre os ensaios, trouxe um desafio para manter o ritmo do projeto. Isso exigiu ensaios mais intensivos para recuperar o que foi perdido, além de um ajuste na abordagem, como a leitura em voz alta das falas e a marcação das cenas.
- **Utilização de Adereços e Figurinos:** A dificuldade em criar figurinos e adereços de forma coletiva, como preconizado pelo TO, é uma limitação prática importante. Contudo, a adaptação que priorizou o ensaio das cenas ao invés de

³³ Como a da estudante que fugiu pela janela ou a do homem que defendeu sua mãe.

recursos visuais mais elaborados foi uma forma sensata de garantir que o foco se mantivesse no conteúdo e nas relações dramáticas.

5. Resultado Final e Repercussões:

- **Impacto nas Alunas:** A satisfação das estudantes, inclusive com relatos emocionantes como o de uma delas, que se sentiu importante ao ser levada para jantar com seu filho para comemorar o espetáculo, mostra o impacto positivo da experiência. O Teatro do Oprimido, além de ser uma ferramenta pedagógica, gera um ambiente de fortalecimento da autoestima e valorização pessoal.
- **Mobilização Comunitária:** O fato de a apresentação ter mobilizado não apenas os estudantes, mas também a comunidade escolar da EJA, reforça o potencial inclusivo e transformador do TO. Evidenciando como o teatro pode ser uma ferramenta de inclusão e transformação social.

6. Reflexão Final sobre a Prática:

- O projeto, conseguiu mobilizar a comunidade escolar e incentivar a reflexão sobre a opressão das mulheres, especialmente em um contexto como a EJA, onde as dificuldades socioeconômicas e de acesso à educação afetam fortemente as mulheres. O fato de que as mulheres puderam se ver na história e refletir sobre suas próprias vidas, traz um ganho significativo de empoderamento e conscientização. Assim como para os homens que se reconheceram em seus privilégios masculinos, também puderam repensar em seus papéis e a importância de intervir na vida real.

1. **A resistência à metodologia do TO em contextos específicos como a EJA:** como as expectativas das alunas impactaram o processo e como você conseguiu ajustar a proposta.
2. **A importância do Teatro Fórum para lidar com opressões sistêmicas:** como o teatro ajudou essas mulheres a darem voz às suas lutas cotidianas.
3. **O uso de interações mais diretas no processo de ensino-aprendizagem:** como a necessidade de uma abordagem mais direta e de intervenção guiada facilitou a apropriação do conteúdo dramático.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa buscou explorar as possibilidades pedagógicas da Estética do Oprimido, concebida por Augusto Boal, no contexto das aulas de Arte na Educação de Jovens e Adultos (EJA) no município de Diadema. O estudo partiu de uma abordagem teórica sobre o Teatro do Oprimido, contextualizando sua origem, princípios e práticas, e destacou a experiência transformadora de Boal no Programa de Alfabetização Integral (ALFIN) no Peru, evidenciando como o teatro e a arte podem atuar como ferramentas de emancipação social e intelectual.

O conceito da "Árvore do Oprimido" foi um ponto crucial para entender a inter-relação entre as diferentes práticas do Teatro do Oprimido e, mais especificamente, a Estética do Oprimido. Ao articular palavra, imagem e som com as quatro linguagens da disciplina de arte – música, teatro, dança e artes visuais –, a pesquisa procurou demonstrar como essas práticas podem fomentar o protagonismo e a autonomia dos estudantes da EJA, ampliando sua capacidade de expressão e reflexão crítica sobre a realidade.

A análise das dinâmicas de recepção e interação entre público e cena, à luz das contribuições de Flavio Desgranges e da perspectiva do “espect-ator” de Boal, revelou um campo fecundo para práticas pedagógicas que rompem com a passividade do aprendizado e promovem um diálogo criativo e transformador. Essas relações não só reforçam a importância da arte como um espaço de resistência e transformação, mas também confirmam a relevância de integrar essas abordagens em contextos educacionais que atendem populações historicamente marginalizadas.

Os resultados indicam que a aplicação da Estética do Oprimido na EJA pode ampliar significativamente o horizonte de possibilidades educativas, tanto no que diz respeito à democratização do acesso à arte quanto na formação de sujeitos críticos e atuantes. Entretanto, o estudo também aponta desafios estruturais, como a necessidade de formação continuada de professores em Teatro do Oprimido bem como a sua inserção no conteúdo curricular na disciplina de Arte, que garantam a efetividade dessas práticas.

Assim, reafirma-se que a arte, ao ser concebida não apenas como forma de expressão, mas como um processo dialógico e transformador, tem o potencial de ressignificar experiências, empoderar indivíduos e criar pontes entre o saber escolar e as vivências concretas dos estudantes da EJA. Assim, espera-se que esta pesquisa contribua para o fortalecimento de práticas pedagógicas comprometidas com a emancipação humana e inspire outros educadores a incorporar a arte como um meio de transformação social e educativa.

No segundo capítulo, explorou-se a aplicação prática dessa estética no cotidiano da EJA, tanto em períodos remotos quanto presenciais. Considerando as dificuldades encontradas em período remoto para adaptar a linguagem artística na modalidade virtual. Por meio de estratégias como jogos do TO e atividades de foto-resposta, foi possível constatar como esses métodos incentivaram a participação ativa, a reflexão crítica e a ressignificação de experiências pelos educandos, contribuindo para o fortalecimento do vínculo entre educadores e estudantes para a construção coletiva de saberes, mesmo que em um grupo de whatsapp. Já no período presencial, tivemos o desafio da limitação física das estudantes, considerando serem em sua maioria pessoas idosas, foi preciso muita flexibilidade de minha parte para respeitar suas limitações que não eram somente físicas, mas também a aceitação das propostas de TO. Muitos não consideravam as aulas de Arte como relevantes para a sua formação e por isso, estariam perdendo tempo participando das atividades enquanto poderiam direcionar a atenção para os conteúdos considerados mais essenciais. Porém, ao começarem a perceber que se divertiam durante o processo, riam com as práticas dos jogos, falavam e refletiam sobre os seus problemas também percebiam, que ampliavam o senso crítico e estético, e se sentiam potentes quando viam o resultado ao final dos trabalhos produzidos. Como professora e pesquisadora de Teatro do Oprimido, também vivenciei um processo de transformação ao longo desse percurso. Além de aprimorar minhas práticas com o TO, enfrentei a desconstrução de uma mentalidade colonizada, branca e burguesa, que foi moldada em minha formação inicial. Esse processo foi essencial para que eu pudesse estabelecer um diálogo verdadeiro e necessário com os estudantes da EJA.

Por fim, o terceiro capítulo relatou a criação e apresentação da peça *Poucas Palavras*, um exemplo concreto de como o teatro-fórum pode ser uma poderosa ferramenta de intervenção educativa. A peça não apenas deu voz às vivências e desafios das estudantes, mas também promoveu diálogos e intervenções que ampliaram o repertório crítico dos participantes, consolidando a escola como espaço de reflexão e transformação social.

Conclui-se, portanto, que a aplicação da Estética do Oprimido na EJA representa uma significativa possibilidade para a alfabetização estética e o letramento político e social dos educandos. Este método, ao privilegiar a participação ativa e a construção coletiva de sentidos, prepara os sujeitos para o exercício pleno da cidadania, incentivando-os a se reconhecerem como agentes de transformação em suas comunidades e na sociedade em geral. Portanto, reafirma-se o potencial da arte como mediadora de processos educativos emancipatórios, capazes de promover uma educação integral, crítica e libertadora.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

- ARROYO, Miguel. A educação de jovens e adultos em tempos de exclusão. In: *Alfabetização e Cidadania, Revista de Educação de Jovens e Adultos*. São Paulo: RAAAB, n. 11, p. 21-31, abr. 2001.
- BRASIL. [Constituição (1988)]. *Constituição da República Federativa do Brasil*. Brasília, DF, 1988. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 25 jul. 2022.
- BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília, DF, 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L9394.htm. Acesso em: 25 jul. 2022.
- BOAL, Augusto. *A estética do oprimido*. Rio de Janeiro: Garamond, 2009.
- Boal, Augusto. *Teatro do oprimido e outras poéticas políticas*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.
- BOAL, Augusto. *Jogos para atores e não-atores*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.
- CAROLINA, Maria de Jesus. In: *Wikipédia*. Flórida: Wikimedia Foundation, 2022. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Carolina_Maria_de_Jesus. Acesso em: 19 jun. 2022.
- COISAS DE GÊNERO. Espetáculo de Teatro-Fórum do Centro de Teatro do Oprimido. Apresentação na Casa do CTO, 2011. Participação de Flavio da Conceição, Helen Sarapeck, Geo Britto, Olivar Bendelak, Claudete Félix, Cláudia Simone, grande elenco e banda. Curingagem: Monique Rodrigues. Filmagem: Bastien Viltart. Disponível em: https://youtu.be/JjuH68kiVCk?si=ezBdp2rq_Ze39dE. Acesso em 15/11/2024
- DESGRANGES, Flávio. *Decirse público: entre la mediación teatral y el efecto estético*. São Paulo: Hucitec, 2022.
- DESGRANGES, Flávio. *A inversão da olhadela: alterações no ato do espectador teatral*. São Paulo: Hucitec, 2012.
- DESGRANGES, Flávio. *A pedagogia do espectador*. São Paulo: Hucitec, 2003.
- DESGRANGES, Flávio; SIMÕES, Giuliana (orgs.). *O ato do espectador: perspectivas artísticas e pedagógicas*. São Paulo: Hucitec, 2017.
- DESGRANGES, Flávio. *Pedagogia do teatro: provocação e dialogismo*. 5. ed. São Paulo: Hucitec, 2020.
- DESGRANGES, Flávio. O que eu significo diante disso: ação artística com espectadores teatrais. *Revista Brasileira de Estudos da Presença*, Porto Alegre: UFRGS, v. 10, n. 2, p. 1-17, 2020. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/presenca/article/view/94955>. Acesso em: 26 jun. 2022.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 50. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *PNAD Contínua 2018: educação avança no país, mas desigualdades raciais e por região persistem*. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/releases/24857-pnad-continua-2018-educacao-avanca-no-pais-mas-desigualdades-raciais-e-por-regiao-persistem>. Acesso em: 25 jul. 2022.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. *Declaração Universal dos Direitos Humanos*. Paris: ONU, 1948. Disponível em: <https://www.ohchr.org/en/human-rights/universal-declaration/translations/portuguese>. Acesso em: 25 nov. 2022.

SANTOS, Bárbara. *Percursos Estéticos: Imagem, som, ritmo, palavra – abordagens originais sobre o Teatro do Oprimido*. 1.ed. São Paulo: Padê editorial, 2018.

SANTOS, Bárbara. *Teatro das Oprimidas*. 1. ed. Rio de Janeiro: Casa Philos, 2019

TURLE, Licko. *Alfabetização teatral: uma fotografia da experiência de Augusto Boal no ALFIN, Peru, 1973*. Rio de Janeiro: UNIRIO, 2016.

VIANA, Zelito (Diretor). *Teatro do Oprimido*. Produção: Mapa Filmes. Roteiro: Augusto Boal. Rio de Janeiro: Mapa Filmes, 2004. 1 videocassete (50 min.), VHS Disponível em: [Prime Video: Augusto Boal e o Teatro do Oprimido](#). Acesso em: 15/11/2024

Entrevista

SANTOS, Bárbara. Entrevista concedida a Luana Csermak. Salvador, 01/02/2024.

APÊNDICE

APÊNDICE A - Texto Teatro-Fórum: Poucas Palavras - Teatro Fórum Antimachista ou Feminista

PERSONAGENS:

- MULHER: CRISTINA
 - MARIDO: RYAN
 - FILHA 1: VITÓRIA
 - FILHA 2: BETE
 - ALUNA 1: SUELI
 - ALUNA 2: MARIA VILANI
 - ALUNA 3
 - ALUNA 4
 - ALUNO
 - PROFESSORA
-

CENA 1 – MÚSICA "VOANDO PRO PARÁ"

(MULHER entra em cena com uma matrícula gigante pendurada no pescoço, dizendo que acaba de fazer sua matrícula na escola.)

CRISTINA:

- MENINAS, CADÊ VOCÊS?

FILHA 1:

- O QUE FOI, MÃE?

CRISTINA:

- CADÊ A SUA IRMÃ? CHAME ELA!

FILHA 2:

- ESTOU AQUI...

CRISTINA:

- CADÊ SEU PAI?

MARIDO:

- O QUE ESTÁ ACONTECENDO AQUI?

CRISTINA:

- EU PRECISO CONTAR UMA NOVIDADE PRA VOCÊS!
- ACABEI DE ME MATRICULAR NA ESCOLA!

FILHA 1:

- QUE BOM, MÃE! FICO MUITO FELIZ POR VOCÊ!

FILHA 2:

- VOCÊ ME PEGOU DE SURPRESA... VAI ESTUDAR?
- NA SUA IDADE, MÃE? É PARA DAR OS PARABÉNS? (FILHA COLOCA UMA PEÇA DE ROUPA SOBRE A MÃE.)

CRISTINA:

- LOGO, LOGO, VOCÊS VÃO ME VER LENDO TUDO QUANTO É RECEITA, LETREIRO DE ÔNIBUS, COMUNICADO... (OUTRA PEÇA É COLOCADA PELA FILHA 2.)
- VOU ESCREVER CARTA PARA A MINHA FAMÍLIA... (OUTRA ROUPA É COLOCADA PELO PAI!)
- VOU APRENDER A DIRIGIR E TIRAR A MINHA CARTEIRA DE MOTORISTA... (OUTRA ROUPA É COLOCADA PELO PAI!)
- VOU FAZER O MEU CURSO DE ENFERMAGEM, VOU SER ENFERMEIRA!!! (OUTRA ROUPA É COLOCADA PELO PAI!)

(MARIDO senta-se em frente à TV, enquanto a FILHA coloca fones de ouvido. A outra FILHA sai.)

(CRISTINA começa a varrer a casa. O MARIDO gesticula pedindo que ela busque água. CRISTINA retorna com o jarro e continua com sua faxina.)

(MARIDO pede que CRISTINA traga sua comida. Ela retorna com o prato, e ele come sem tirar os olhos da TV, visivelmente enfurecido com a derrota de seu time.)

(CRISTINA continua dançando e organizando a bagunça feita pelo MARIDO. Para, fica pensativa, mas resolve reagir e, com alegria, pega seus livros. Mostra-os como um troféu à plateia e sai dançando, como se estivesse indo à luta, ao som da mesma música.)

CENA 2 – *ESTUDANTES ENTRAM EM CENA*

(As estudantes entram em cena com suas cadeiras e se sentam, configurando a sala de aula. Elas estão animadas e conversam entre si.)

ALUNA 1:

- BOA NOITE, GENTE! A PROFESSORA VEM HOJE?

ALUNA 3:

- VEM SIM.

ALUNA 1:

- VIXE, NÃO CONSEGUI FAZER A ATIVIDADE QUE ELA PEDIU. TRABALHEI HOJE O DIA INTEIRO.

ALUNA 3:

- EU FIZ CORRENDO TAMBÉM, NÃO SEI SE FIZ CERTO.

(Entra CRISTINA e se senta em uma das cadeiras.)

CRISTINA:

- BOA NOITE!

(Entra a PROFESSORA.)

PROFESSORA:

- BOA NOITE, GENTE! COMO VOCÊS ESTÃO?

(Todas respondem juntas.)

ALUNAS:

- BEM!!!

PROFESSORA:

- VAMOS COMEÇAR A CHAMADA! SUELI!

SUELI:

- PRESENTE, PRÔ! (Olha para CRISTINA.)

PROFESSORA:

- VOCÊ É ALUNA NOVA?

CRISTINA:

- SOU SIM. SOU CRISTINA.

PROFESSORA:

- SEJA BEM-VINDA, CRISTINA!

CRISTINA:

- OBRIGADA!

PROFESSORA:

- FRANCISCA!

FRANCISCA:

- PRESENTE!

PROFESSORA:

- MARIA FRANCISCA.

SUELI:

- ESSA NÃO VEM MAIS, PRÔ. MUDARAM O HORÁRIO DELA NO SERVIÇO, E ELA SÓ SAI ÀS 22H.

PROFESSORA:

- POXA, QUE PENA...

(CONTINUA A CHAMADA.)

PROFESSORA:

- MARIA LÚCIA!

MARIA VILANI:

- ESSA FOI ASSALTADA QUANDO VOLTAVA PRA CASA E ESTÁ COM MEDO DE VIR PARA A ESCOLA.

PROFESSORA:

- MINHA NOSSA!

(Outra aluna entra em cena e interrompe a conversa.)

ALUNA 3:

- DESCULPE O ATRASO, PROFESSORA. PRECISEI FICAR MAIS TARDE NO SERVIÇO E ACABEI PEGANDO TRÂNSITO.

PROFESSORA:

- NÃO TEM PROBLEMA. AINDA ESTOU FAZENDO A CHAMADA. DALVA!

ALUNA 4:

- AH, PROFESSORA. DALVA AVISOU NO GRUPO QUE HOJE ELA NÃO VEM. NÃO TEM COM QUEM DEIXAR A FILHA.

PROFESSORA:

- ENTENDI. BEM, VAMOS CONTINUAR COM A NOSSA AULA. MAS ANTES GOSTARIA DE PASSAR UM RECADO: NA PRÓXIMA SEMANA, NÓS VAMOS AO TEATRO CLARA NUNES VER UMA PEÇA DE TEATRO. QUEM FOR, CONFIRME OS NOMES PARA GARANTIR OS INGRESSOS. VAMOS DESCER AGORA PARA O JANTAR E DEPOIS RETORNAMOS COM A MATÉRIA DA AULA.

CRISTINA:

- EU VOU, PROFESSORA! PODE COLOCAR MEU NOME!

(TODOS SAEM DE CENA.)

CENA 3

(HOMEM está sentado no sofá vendo TV. CRISTINA chega da escola, muito feliz, dançando a mesma música. O HOMEM a observa com um olhar incomodado.)

HOMEM:

- COMO FOI NA ESCOLA HOJE?

CRISTINA:

- FOI TUDO MUITO BEM. APRENDEMOS A FAZER CONTAS A PARTIR DOS PREÇOS DOS PRODUTOS E A CONHECER AS LETRAS DO ALFABETO. FOMOS CONVIDADAS PARA IR AO TEATRO NA PRÓXIMA SEMANA.

MARIDO:

- JÁ APRENDEU A LER?

CRISTINA:

- OXE! AINDA NÃO...
- COMEÇEI ESTE MÊS!

HOMEM:

- VOU TIRAR VOCÊ DESSA ESCOLA. ESSA PROFESSORA É MUITO RUIM. JÁ ESTÁ NA ESCOLA FAZ TEMPO E AINDA NÃO APRENDEU A LER E NEM ESCREVER.

CRISTINA:

- NÃO VOU, NÃO!
- EU ESTOU APRENDENDO MUITO NA ESCOLA!
- JÁ CONHEÇO AS LETRAS DO ALFABETO E JÁ ESTOU FORMANDO AS SÍLABAS. DAQUI A POUCO, EU MESMA VOU PODER ESCREVER A CARTA PARA A MINHA FAMÍLIA, TIRAR CARTEIRA DE MOTORISTA E FAZER FACULDADE!

(E CRISTINA DANÇA A MÚSICA.)

(HOMEM DÁ RISADA DA FALA DE CRISTINA EM TOM DE DEBOCHE.)

CENA 4

(FILHAS ENTRAM EM CENA E COMEÇAM A ARRUMAR A MÃE PARA IR À PEÇA DE TEATRO COM A TURMA DA ESCOLA. ELAS A ENFEITAM COM PALAVRAS, PENDURANDO NO PESCOÇO, BRAÇOS. O MARIDO ESTÁ VENDO FUTEBOL E SE INCOMODA COM A FELICIDADE DA ESPOSA.)

FILHA 1:

- MÃE, ESSE VESTIDO ESTÁ LINDO! VAMOS COLOCAR ESSE BRINCO PARA COMBINAR.

FILHA 2:

- MÃE, VAI COM A MINHA BOLSA, QUE COMBINA COM ESSA ROUPA. PRONTO, AGORA SÓ FALTAM O BATOM E A MAQUIAGEM!

FILHA 1:

- PRONTO! ESTÁ LINDA!

MARIDO:

- ONDE VOCÊ PENSA QUE VAI?

CRISTINA:

- VOU À PEÇA DE TEATRO COM A ESCOLA, LEMBRA?

MARIDO:

- MAS... PRECISA ESTAR VESTIDA ASSIM?

CRISTINA:

- ASSIM COMO?

MARIDO:

- TODA ARRUMADA...

CRISTINA:

- E VOCÊ QUER QUE EU ANDE MAL ARRUMADA, É?

HOMEM:

- VOCÊ TEM QUE IR PARA A ESCOLA APRENDER A LER E A ESCREVER, NÃO IR PARA ESSAS BESTEIRAS DE TEATRO.

CRISTINA:

- MAS EU PRECISO, A PROFESSORA VAI PASSAR TRABALHO PARA A GENTE SOBRE A PEÇA.

FILHAS:

- ISSO MESMO!

MARIDO:

- POIS ENTÃO EU VOU TE ACOMPANHAR ATÉ A ESCOLA, PARA SABER O QUE TEM LÁ.

CRISTINA:

- PODE ACOMPANHAR, MAS NÃO VAI ENCONTRAR NADA... (OS DOIS SAEM DE CENA.)

CENA 5

(HOMEM ESTÁ SENTADO NO SOFÁ VENDO TV. CRISTINA RETORNA DO TEATRO, MUITO FELIZ, E SÓ PASSA POR ELE.)

CRISTINA:

- BOA NOITE...

(HOMEM FICA ENFURECIDO COM A FELICIDADE DE CRISTINA, DESLIGA A TV E SAI BATENDO A PORTA.)

CENA 6

(CRISTINA SE PREPARA PARA IR À ESCOLA DANÇANDO A MÚSICA. ELA PEGA OS LIVROS, MAS O MARIDO BLOQUEIA A PASSAGEM. ELE TIRA A FICHA DE MATRÍCULA DO PESCOÇO DE CRISTINA, O QUE A IMPEDE DE SAIR PARA A ESCOLA. FILHA ENTRA E COLOCA ROUPAS SOBRE A MÃE.)
(CRISTINA SE SENTA NA CADEIRA.)

CENA 7

(PROFESSORA ENTRA EM CENA, ACOMPANHADA PELAS ESTUDANTES.)

PROFESSORA:

- BOA NOITE, PESSOAL.
- O QUE ACHARAM DA PEÇA?

ALUNA 1:

- FOI MUITO LINDA, PRÔ! TIREI MUITAS FOTOS.

ALUNA 2:

- CONTEI PRO MEU FILHO E ELE AGORA QUER VER A PEÇA TAMBÉM.

PROFESSORA:

- CADÊ A CRISTINA?

SUELI:

- IH... PRÔ, O MARIDO DELA NÃO DEIXA MAIS ELA VIR PARA A ESCOLA...

PROFESSORA:

- UÉ! MAS, POR QUÊ?

ALUNA 1:

- CIÚMES, PRÔ!

PROFESSORA:

- COMO ASSIM?

ALUNA 2:

- É... ELE FALOU QUE ELA NÃO ESTÁ APRENDENDO A LER E NEM A ESCREVER, MAS A GENTE SABE É QUE ELE ESTÁ INCOMODADO PORQUE ELA GOSTA MAIS DE FICAR NA ESCOLA DO QUE EM CASA.

ALUNA 3:

- A VIZINHA DELA DISSE QUE ELA SÓ FICA EM CASA CHORANDO, QUERENDO VOLTAR A ESTUDAR.

ALUNO:

- MAS PRECISA VER BEM, NÉ?
- ELE DEVE TER OS MOTIVOS DELE.

ALUNAS:

- QUAIS MOTIVOS? (INCOMODADAS COM A FALA DO COLEGA.)

ALUNO:

- NÃO SEI... (CONSTRANGIDO.)
- EM BRIGA DE MARIDO E MULHER, NINGUÉM PODE METER A COLHER!

ALUNAS:

- PODE SIM!

ALUNAS:

- ACREDITA QUE MEU MARIDO DISSE QUE ELE ESTÁ CERTO?!

PROFESSORA:

- OBRIGADA POR AVISAR, EU VOU PASSAR O CASO PARA A DIREÇÃO.
- VAMOS SEGUIR COM A NOSSA AULA.

(TODOS CONGELAM NA IMAGEM.)

(MARIDO ENTRA NA SALA E COLOCA A MATRÍCULA NA CADEIRA VAZIA DE CRISTINA. ELE SAI.)

(OUVE-SE A MÚSICA DO PARÁ.)

BLACKOUT

FIM

(A CENA ACABA E INICIA O FÓRUM.)

APÊNDICE B - Roteiro da Peça de Teatro - Fórum: Poucas Palavras

1. MATRÍCULA NA ESCOLA – CRISTINA CONTA A NOVIDADE PARA AS FILHAS E O MARIDO.
2. JOGO DE FUTEBOL – CRISTINA E O MARIDO ASSISTEM JUNTOS.
3. LIVRO – CRISTINA, CANSADA, DECIDE REAGIR E SE MATRÍCULA NA ESCOLA.
4. 1º DIA DE AULA – CRISTINA SE APRESENTA AOS COLEGAS E À PROFESSORA.
5. VOLTA DA ESCOLA – O MARIDO DEBOCHA DE CRISTINA: “VOCÊ JÁ APRENDEU A LER?”
6. ARRUMAÇÃO – AS FILHAS AJUDAM CRISTINA A SE ARRUMAR PARA IR AO TEATRO.
7. SE FOR, NÃO VOLTA! – O MARIDO IMPEDE CRISTINA DE IR À ESCOLA.
8. CADÊ A CRISTINA? – CRISTINA SAI ESCONDIDA DA ESCOLA.
9. CONGELA – O MARIDO ENTREGA A MATRÍCULA DE CRISTINA.

APÊNDICE C - Áudios para Roteiro Linkados

Inserir os áudios com o roteiro das cenas.

APÊNDICE D - Links do Espetáculo Fórum: Poucas Palavras

Inserir o link do espetáculo

<https://youtu.be/AxSy78lqb8c>

Inserir o link do Fórum

Parte I

https://youtu.be/h9Moa0lF_hg

Parte II

<https://youtu.be/mZFevtbFofl>

Parte III

<https://youtu.be/AiAoNs4zW0g>

APÊNDICE E - Imagens do Espetáculo – Fórum : Poucas Palavras

Fotografia 43 - Ensaio Teatro – Fórum – Poucas Palavras



Fonte: Registro da Autora, 2024.

Fotografia 44 - Aquecimento do público para a peça Fórum: Poucas Palavras



Fonte: Registro da Autora, 2024.

Fotografia 45 - Apresentação do Teatro Fórum : Poucas Palavras (cena: Mulher vai à escola)



Fonte: Registro da Autora, 2024.

Fotografia 46 - Apresentação da Teatro Fórum : Poucas Palavras (cena: Mulher sofrendo a agressão verbal do marido por ter retomado os seus estudos).



Fonte: Registro da Autora, 2024.

Fotografia 47 - Professora Marla O'Hara fazendo a mediação do debate do Fórum: Poucas Palavras



Fonte: Registro da Autora, 2024.

Fotografia 48 - professores e elenco após a apresentação do \Teatro-Fórum:Poucas Palavras)



Fonte: Registro da Autora, 2024.